

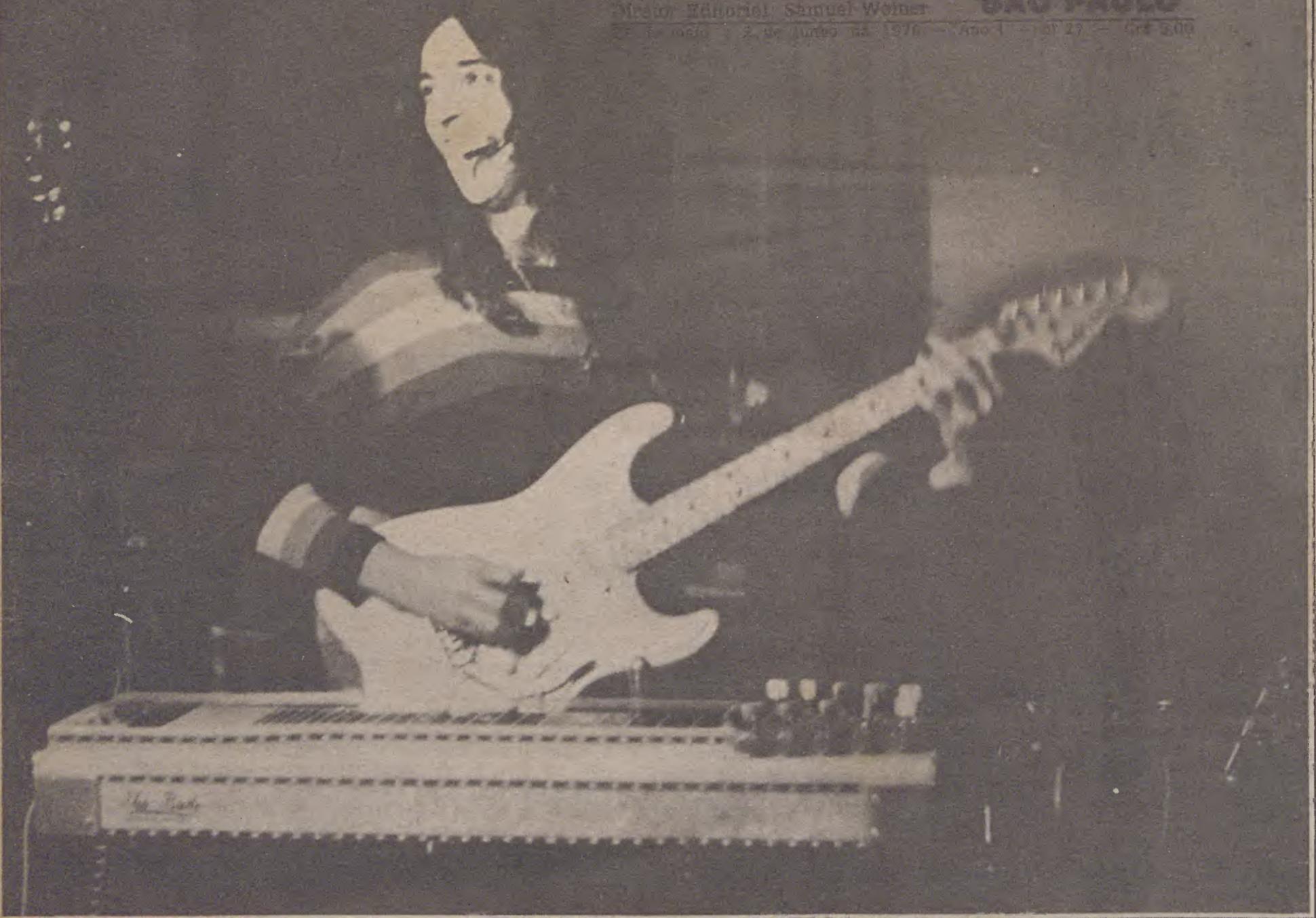
AQUI

Diretor Editorial: Samuel Weiner

SÃO PAULO

27 de maio a 2 de junho de 1976 - Ano 1 - Nº 27 - Cr\$ 500

FUNDO CEMAP
FA 12111



CANINDÉ, SAQUAREMA, ITAIPAVA

FA CEMAP - MEMORTECA
CLASS. _____
depois L. E. Almeida

O rock explode de novo

Página 22

**ELEIÇÕES 76: OS PRIMEIROS
21 CANDIDATOS DE SÃO PAULO**

Página 32

**"O CASO DE ELIS REGINA NÃO TEM CURA: MAU-CARÁTER"
(Roberto Freire). Página 15.**

CEMAP_AQUI_SAO_PAVLO_27_DE_MAIO_A_2_DE_JUNHO_DE_1976_N-27



O LEITOR Cartas para esta seção: Rua Três Rios, 275, CEP 01123 - B. Retiro**Publicitário retruca
(ainda o Bandeirante)**

Sr:

Defesa do consumidor, hoje, está se tornando coqueluche, como foram, em outras épocas, os boliches e o bambolé, por exemplo. Só se fala de defesa do consumidor. Segurando essa bandeira, muita demagogia está sendo feita, muito deputado e vereador vai se fazer. Pior, é que como não poderia deixar de acontecer, há muita irresponsabilidade, muita inconsequência, muita leviandade de um grande número de

peessoas que assacam acusações sem se basear em nada de concreto. Daqui a pouco estará fundado o Instituto de Ataque ao Fabricante, parente próximo do Instituto de Defesa do Consumidor.

Outro dia mandei um bilhete rápido, despretençioso, praticamente em tom de brincadeira ao "Aqui S. Paulo", queixando-me justamente de "Aqui S. Paulo" e nunca atacando a leitora I.R., que havia escrito a vocês, mencionando uma viagem pelo Bandeirante da Transbra-

sil. E no número desta semana, sou premiado com uma reprimenda de um leitor que deita falação e arrota regras a respeito de defesa do consumidor.

A carta, aliás, muito bem escrita, muito lógica, aparentemente feita por alguém de nível bastante alto, só peca por um final infeliz, com uma insinuação tola, de pessoa desinformada. A nossa agência de publicidade (o leitor descobriu a minha qualidade de publicitário) tem outras credenciais para

fazer solicitação de contas e dentre essas não se incluem cartas à redação de jornais. E achar que um expediente desses seria capaz de impressionar a direção da Transbrasil, chega a ser um desrepeito à inteligência da direção daquela empresa. Poderia entrar no mérito da carta que o sr. Valery assinou. Mas os leitores de Aqui S. Paulo têm assuntos melhores. E eu tenho mais o que fazer.

José Carlos Stabel
Capital

**Os deputados e
a Coca-Cola**

Sr:

Solicitamos a atenção de V. Sa. para a publicação da nota anexa, que representa uma resposta ao Comunicado, publicado pelo Presidente da Coca-Cola Refrescos S/A., sobre os acontecimentos que resultaram na morte dos Senhores Marcelino Cardoso da Silva e Carlos Alberto de Oliveira, que estão sendo apuradas pela Comissão Parlamentar de Inquerito, instalada por esta Assembleia, a qual tenho a honra de presidir.

A presente nota objetiva dirimir quaisquer dúvidas sobre as finalidades da referida Comissão, que está apenas iniciando os seus trabalhos:

Em recente comunicado à população, divulgado por jornais, rádios e televisões, Coca-Cola Refrescos S.A. noticiou as conclusões de inquérito, que admitiu ser

infundada a denúncia de que dois operários morreram em dependências de sua fábrica, em Bonsucesso.

Esse comunicado levou a que alguns desavisados identificassem essas conclusões com a Comissão Parlamentar de Inquerito instituída por esta Assembleia Legislativa para apuração daquela denúncia.

Impõe-se, assim, para evitar dúvidas, esclarecer que a Comissão Parlamentar de Inquerito está apenas iniciando os seus trabalhos e não tem, ainda, elementos suficientes para dizer quanto à procedência ou não da denúncia, através da imprensa, veiculada.

Deputados Edson Khair,
Francisco Amaral, Henrique
Pessanha, Italo Bruni, José
Miguel
Rio de Janeiro

**Tumulto no
condomínio**

Sr.

Relativamente ao artigo publicado nesse jornal, nº 24, fls. 27, coluna de Isabel Regis, datado de 29 de Abril a 5 de Maio de 1976, cumpre-nos, a bem da verdade e da justiça, informar a V. Sª que a Comissão de Representantes do Condomínio Edifício "AMPLAVISÃO", e a Construtora Baluarte Ltda, após analisarem o referido artigo, chegaram a conclusão de que o responsável ou os responsáveis pelas informações que deram margem à aludida notícia, são elementos que estariam desejando tumultuar os trabalhos do referido Condomínio, com acusações improcedentes, uma vez que a ele se referem, talvez propositalmente, de maneira obscura e errônea. A imprecisão do nome do

edifício, e a não citação do número da rua onde se localiza, acrescidas às improcedentes acusações que formularam sobre a construção do prédio, dão-nos o direito de pressupor que aqueles elementos agiram de modo um tanto quanto confuso a fim de melhor atingirem seus objetivos, quais sejam, causar confusão e apreensão entre os Condôminos do Condomínio Edifício "AMPLAVISÃO".

(assinatura ilegível)
p.p. Comissão de Representantes
Construtora Baluarte Ltda.
Capital

N. da R. - A informação foi prestada à reporter pelo Condecon (Conselho de Defesa do Consumidor)

**O espiritismo na
TV Sílvio Santos**

Sr:

Um jornal de São Paulo, o *Jornal Espírita*, no mês passado publicou uma interessante entrevista com o empresário Sílvio Santos. Uma entrevista de página inteira, com foto-sorriso e tudo, cheirando a matéria paga, onde o empresário fala de seus planos para a TV Sílvio Santos. E elogia o trabalho social dos espíritas, com suas instituições de caridade.

Dentro do jornal, na página 2, encontrei outra informação: a novela espírita *A Viagem* conseguiu uma audiência de 85% na Grande São Paulo, no horário nobre, batendo feio na Globo. E o Sílvio Santos já contratou a autora, Ivani Ribeiro, para fazer novelas espíritas a 150 mil por mês.

Já pensaram? A TV Sílvio Santos combatendo a programação enlatada da TV Globo (melhor, disputando um mercado telespectador/consumidor), com uma programação popular, na base de novela espírita, umbanda, chacrinha, calouros, colegas de auditório, etc. Já pensaram? E a Globo, como vai reagir se essa invasão de cafonice nacional ameaçar o seu Ibope?

Eu tenho pensado muito nisso, e acabei resolvendo levar essa dúvida até vocês. Porque o *Aqui São Paulo* fala muito do Coríntians, no Jânio, no Pelé, no Morria Albert, na Cassandra Rios, tá faltando o Sílvio Santos.

Luiz Carlos Machado
Brasília

**O financiamento mais veloz
do mundo.**

O financiamento de veículos da Mercantil - Finasa é também o mais versátil. Você escolhe o seu carro no revendedor de sua preferência, e depois, zuuuummm! Vai em qualquer uma das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo, escolhe o melhor plano e pega rápido e fácil o dinheiro do financiamento. Só. E feliz carro novo.



MERCANTIL - FINASA
CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO S.A.

publitec

Quem tem Cheque Especial Banespa tem sempre muito mais.

Se antes já era importante ter o Cheque Especial Banespa, imagine agora com o novo limite de Cr\$ 50.000,00. O maior limite do Brasil. O Cheque Especial Banespa é dinheiro automático na sua conta ou no seu bolso. Você pode usá-lo como dinheiro vivo em qualquer parte do País. E ele será muito bem aceito porque quem tem Cheque Especial Banespa tem sempre uma credencial a mais. E uma tranqüilidade muito maior: você pode sacar além do seu saldo, até o limite do seu contrato, que equivale a três vezes o seu saldo médio. E sem precisar fazer qualquer pedido ao gerente. É só preencher o cheque. Descubra toda a importância de ter um Cheque Especial Banespa com o seu novo limite. Consulte qualquer agência do BANESPA.



AGÊNCIA DE

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO, S.A.

Praca Antônio Prado, 6
SÃO PAULO - SP

CGC 61.411.633/0001-87

CHEQUE ESPECIAL BANESPA

BANESPA
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.



A CIDADE



Ricardo Kotscho

Caro Prefeito:



Olavo Sétubal

Bem agora, que a gente ia ficar sabendo pela TV o que o pessoal todo pensa de sua administração...

Que coisa mais esquisita, não?

Uma semana inteira sem acontecer nada na cidade. Nenhuma grande tragédia, nenhuma grande crise, nenhum grande projeto, nenhuma grande polêmica.

Tão acostumados com essas coisas todas, que quando nada acontece dá até para desconfiar. Que estará acontecendo lá por trás do pano? — perguntam-se nessas horas os simples mortais, aqueles que nunca são chamados a opinar, que não influem nas decisões e cumprem apenas o papel passivo de sofrer as consequências, boas ou más, não importa.

Isso me faz lembrar uma constatação antiga, adormecida, que de vez em quando volta, insiste em voltar: quanto mais a cidade cresce, em tamanho e gente, menor é o número de pessoas que fala em nome dela, discute seus problemas e propõe soluções, com um mínimo de possibilidades de influir nas decisões.

No momento em que o prefeito coloca em debate temas que mexem com a vida de cada um e com os próprios destinos da cidade, como esses da reforma urbana e do controle da natalidade (AQUI nº 27), o silêncio que se ouve na cidade chega a ser doloroso.

São sete, oito milhões, nem se sabe mais quantos ao certo, de seres humanos, absolutamente calados, vendo a banda passar.

E quando esse silêncio é interrompido são sempre as mesmas pessoas, não mais que meia dúzia, fazendo um barulho sempre igual, feio o despertador que toca todo o dia de manhã.

Mecanicamente, estica-se o braço, aperta-se o pininho, o barulho acaba — e a vida continua.

Não há surpresas. Os jornais e as televisões dão sempre a impressão de terem sido vistos iguaizinhos ontem, anteontem, semana passada, o ano passado. Os retratos, filmes e frases que têm a honra de ser mostrados ao grande público são sempre os mesmos. Talvez mude a pose, quem sabe entre um adjetivo novo, mude a cor dos cabelos ou da roupa, apareçam semblantes envelhecidos. Mas os conceitos, as verdades eternas — ah... essas não.

Por que será? Qualquer que seja a novidade proposta, lá vem o sujeito da Associação Comercial, outro da Federação das Indústrias, mais um das imobiliárias, um representante dos bancos, um deputado da Arena, um jurista das Arcadas, o tecnocrata de plantão. — as chamadas "forças vivas". E pronto.

No início, o barulho ainda é audível até aqui no Bom Retiro, por todas as "forças mortas". Mas, com o passar dos dias, vai sumindo, sumindo — e, quando se vai ver, as pequenas divergências sobre a cor da embalagem foram sanadas, silenciosamente.

A cidade acorda como todo dia: enquanto ela dormia, tudo foi resolvido. Que ninguém se preocupe com nada, pois haverá sempre quem zele pelo nosso destino. A nós, meros contribuintes, cabe seguí-lo, sem ficar parando a toda hora para fazer perguntas.

Quando, apesar do rígido controle exercido sobre as associações de bairro, alguma reivindicação consegue romper o silêncio, como aconteceu naquele dia de Tiradentes, é apenas para pedir, nos limites da paciência, que botem mais alguns ônibus na linha ou asfalto na rua. Ai, podem acontecer duas coisas: 1) as reivindicações são atendidas ou 2) as reivindicações não são atendidas.

A única hora que restava para qualquer manifestação popular, de aprovação ou reprovação, vinha de quatro em quatro anos, geralmente num dia 15 de novembro. Digo restava, porque as pessoas podiam chegar em casa, ligar o rádio e a televisão, ouvir o que cada um tinha a falar e fazer suas opções. Uma forma indireta, passiva, silenciosa, de dizer o que cada um pensa e procurar influir no processo, depositando um pequeno papel numa urna.

Agora, até isso ficou mais difícil, com as modificações na legislação eleitoral perpetradas na semana passada. Como fazer essa opção, como ter uma participação consciente, por pequena que seja, apenas olhando para o número e a cara do candidato na televisão?

Se, antes, essa tentativa de influir na vida da cidade já era precária — o prefeito não pode ser eleito e a Câmara faz força para compor o cenário com um mínimo de dignidade, ao menos para manter as aparências — como será agora em que tudo se decidirá num concurso de simpatia?

Porque ninguém, dr. Olavo, pode esperar que qualquer mensagem seja levada aos paulistanos de casa em casa. Isso era possível e até louvável na antiguidade quando se inventou a Democracia na Grécia — só que para tornar essa prática política viável as cidades não podiam ter mais que 100 mil habitantes.

Nos grandes centros urbanos, a dificuldade que a Democracia encontrou para sobreviver, permitindo a cada candidato a representante do povo que levasse suas mensagens aos eleitores, foi resolvida com engenhosos aparelhos a que se deu o nome de rádio e mais tarde de televisão. Tinham essas fantásticas inovações da eletrônica o dom de multiplicar a mensagem dos candidatos, permitindo que a voz de todos fosse democraticamente ouvida.

Do jeito que as coisas estão, caro prefeito, ficará cada vez mais difícil para o sr. saber o que as pessoas estão achando que o sr. está fazendo — e, mais difícil ainda, saber o que elas gostariam que o sr. fizesse.

Afinal, o que pensam aqueles que têm publicados seus retratos nos jornais todos os dias o sr. já está cansado de saber. Para saber o que pensa o restante da população, no entanto, ainda não se inventou nada melhor que eleições — desde, é claro, que se dê aos chamados eleitores o mínimo de informações necessárias para fazer uma opção consciente. Além de mais sinceras, as opiniões emitidas através do voto secreto certamente custam muito menos ao Poder Público do que fazer periódicas pesquisas de opinião pública.

Já pensou quanto custaria para a Prefeitura bater de casa em casa nessa cidade de São Paulo para saber o que os paulistanos estão pensando da sua administração? E o que eles gostariam que o sr. fizesse?

Não sei não, não sei não. Mas nesses tempos modernos em que se reclama tanto da poluição sonora não há nada mais doloroso do que o silêncio de um diálogo de surdos, vez por outra substituído por conhecidos monólogos.

Às vezes, dr. Olavo, dá uma saudade danada de um barulhinho, daquela saudável poluição sonora de pessoas conversando, falando o que pensam.

Para matar a saudade, que fazer? — além de ir ao futebol?

SUMÁRIO



Klaus Kleber, colunista de AQUI, de volta dos Estados Unidos, analisa a corrida pela Casa Branca. Por enquanto, na ponta, disparado, Jimmy Carter. Página 13.

AQUI

Escolha: o seu programa da semana	6
Bastidores: estatização/privatização	9
Propaganda: AQUI foi a Buenos Aires	10
Brasília: A largada eleitoral	12
Psicotrans: Pau em Elis Regina	15
Negro: Clementina, a rainha do samba	16
Consumo: Sua saúde está segura?	17
Economia: O racionamento vem aí	19
Máquinas: A cidade invadida	20
Rock: A volta da juventude dourada	22
Khoury: Autobiografia precoce	28
Câmara: Os 21 candidatos à reeleição	32
Corinthians: Coitada da seleção	36
Cinema: Pornochanchada à americana	37
TV: As boas fitas que ninguém vê	37
Artes: Um pinguim solto no Morumbi	38
Música: Duprat foi criar galinhas	38
Teatro: Sangue de boi na platéia	38
Chacal: O que vai pelo mundo	39

DIRETOR EDITORIAL — Samuel Wainer; EDITOR GERAL — Sergio de Souza; EDITOR ADJUNTO — Narciso Kalili; REDATOR — Mylton Severiano da Silva; REPÓRTERES — Hamilton Almeida Filho, José Trajano, Victor Cervi, João Otávio, Sergio Mello, Dacio Nitrini; FOTÓGRAFOS — Amancio Chiodi, Joel Sian; ARTE — Sérgio Fujiwara, Valdir de Oliveira, Vanira Codato; COLUNISTAS — Ricardo Kotscho, José Carlos Bittencourt, Klaus Kleber, Zuleica Seabra Ferrari, Lourenço Diaféria, Roberto Freire, Pietro Maria Bardi, Rubens Ewaldi, Stella Schwartzkopff, Pola Vartuck, Gilberto Mansur, Léo Gilson Ribeiro; COLABORADORES — Michel Laurence, Woile Guimarães, Antonio Carlos de Oliveira Coutinho, Mauro Chaves, Moacir Werneck de Castro, Luciano Ornellas, Ignacio de Loyola, Enio Pesce, Malu Maia, Isabel Regis, George Love, Francisco Lucrecio Jr., Sofia Wainer (Brasília); Diretor Comercial — Mario Heredia.

AQUI S. Paulo é uma publicação da Editora Brasil — Mundo Ltda. Escritório Central, rua 7 de Abril, 264 — 8º andar, salas 817/8, fones 32-1438 e 34-0218, São Paulo, SP. Departamento Editorial, Rua Três Rios, 275 fone: 228.6192. Brasília — Superquadra Sul, 107, Bloco e, apto. 605 fone: 42.3337. Distribuição: Abril, Cultural e Industrial, Rua do Curtume, 554, fones: 262.7977 e 65.8416, São Paulo, SP. Composto e impresso na PAT — Publicações e Assistência Técnica Ltda., Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fone: 81.7461, S. Paulo, SP.

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de responsabilidade de quem as assina.

O QUE ACONTECE COM O SEU DINHEIRO DURANTE OS 6 ANOS QUE ELE FICA NO FUNDO 157.

157

Junto com a notificação do Imposto de Renda você recebe o Certificado de Compra de Ações, que deve ser aplicado no Fundo 157. Este Certificado de Compra de Ações é um papel dividido em três partes: uma fica com você, como comprovante da aplicação; outra fica no próprio Fundo; e a terceira é enviada ao Banco do Brasil para liberação do dinheiro. Esta liberação é feita imediatamente ou em 5 parcelas, sendo uma por mês, dependendo do valor do seu C.C.A. Cada vez que o Banco do Brasil libera uma parte do dinheiro o Fundo 157 divide esse dinheiro pelo valor da cota e destina um determinado número de cotas para você. Mas fique sabendo que o valor da cota varia conforme o valor das ações e títulos que o Fundo negocia na Bolsa de Valores. Depois de liberado todo o dinheiro o Fundo 157 manda para você um Comprovante de Aplicação, com o total do dinheiro aplicado e o número de cotas que você possui.

Agora veja como o Fundo 157 escolhe as ações e títulos para aplicar o seu dinheiro. Uma equipe técnica do Fundo estuda e sugere a um comitê o que deve ser comprado. O comitê decide e autoriza o investimento, formando a carteira do Fundo. Mas o Fundo 157 não fica sempre com os mesmos títulos e ações. A cada semana a equipe técnica sugere ao comitê quais ações devem ser mantidas ou substituídas. Com isso, o valor das cotas que você tem varia sempre. Mas é fácil saber a valorização do dinheiro que você aplicou: é só multiplicar o número de cotas que você possui pelo valor da cota do Fundo, publicado diariamente nos jornais, ou acompanhar os relatórios que todo Fundo é obrigado a enviar aos seus cotistas a cada 6 meses. E é importante saber como anda o Fundo em que você aplicou, porque o dinheiro fica lá durante um certo tempo. Veja nesta tabela quando você pode retirar o seu dinheiro.

Ano da aplicação: até 1970

Você pode retirar:
depois de 2 anos

Ano da aplicação: de 1970 a 1975

Você pode retirar:
depois do 2º ano - 30%
depois do 3º ano - 50%
depois do 4º ano - restante

Ano da aplicação: a partir de 1975

Você pode retirar:
depois do 5º ano - metade
depois do 6º ano - restante

Atenção: o prazo para você retirar começa a contar sempre a partir da data indicada no seu Comprovante de Aplicação. Se não retirar, o seu dinheiro continua aplicado no Fundo e você pode ir buscá-lo a hora que quiser. Como você aplica a longo prazo, na hora de escolher o Fundo 157 procure um que saiba administrar bem o seu dinheiro.



BRADESCO

garantia de bons serviços

ESCOLHA AQUI

SHOW

**Quem não for
ao Equipe,
bom
sujeito não é**

Cartola e Nelson Cavaquinho, domingo, 8 da noite, no Curso Equipe. É uma chance e tanto para assistir 2 dos maiores compositores da música popular brasileira. Domingo passado, na abertura da semana do negro na cultura brasileira, o show de Clementina, Paulinho da Viola e Elton Medeiros foi maravilhoso. Ficou todo mundo de pé, cantando junto com os artistas. Não se deve perder, não é sempre que se tem uma colher de chá dessas. Ingresso: 15,00.

Compositores de escola de samba de São Paulo, sábado, 8 da noite, no curso Equipe, também faz parte da semana do negro. Com Geraldo Firme, Zeca da Casa Verde, Talismã do Vai Vai, Toniquinho, Sil-



Cartola junto com Nelson Cavaquinho, domingo

vio e Delegado. Ingresso: 15,00.

Orlando Silva, o cantor das multidões, estréia quinta-feira na Igrejinha, lembrando velhos sucessos da década de 40. Quem tiver 200,00 para gastar de consumação, vale a pena homenagear um dos nossos maiores intérpretes.

Luís Vieira fica até domingo na Fundação Getúlio Vargas, com o show De rapadura e cus-

cuz até Menino-passarinho. Av. 9 de Julho, 2029.

O Maior show de todos os tempos, sábado, a partir das 8 da noite, no ginásio da Portuguesa, com os melhores do rock tupiniquin: Terço, Mutantes, Som Nosso de Cada Dia, Cornelius & Santa Fé, Flying Banana Bixo da Seda, Gerson Conrad, Joelho de Porco, Sindicato e Humahuaca. Os conjuntos tocarão em 4 palcos e os ingressos custam 40,00.

Nelson Ayres e Quinteto tocam jazz-pop todas as segundas no Opus 2004.

Quem não for na segunda, pode anotar os outros dias: terça, o conjunto do saxofonista argentino Hector Costita; quarta, Zimbo Trio, com Heraldo do Monte na guitarra; quinta, Traditional Jazz Band; sexta, São Paulo Dixieland e, no sábado, Brazilian Jazz Stmpers e a cantora Rosa Maria.

Tito Madi está cantando músicas de seu último Lp, de quarta a sábado, no St. James Bar, rua Sergipe. Para quem gosta de fossa ou está nela, é um programa.

Retrato em branco e preto — Márcia de Windsor, jurada do programa do Sílvio Santos Diferente, está no show que o barzinho do Beco apresenta todas as noites a uma da madrugada. Mas ela só canta uma música, o tango Uno. Músicas de Chico Buarque, Vinícius, Toquinho, Roberto e Erasmo

recheiam a sessão nostálgica, na voz de Célia e Zé Luiz. Texto de Manoel Carlos.

Elis Regina já comemorou 100 apresentações do seu Falso Brillante e agora anuncia meia entrada para os estudantes também nas sextas-feiras. O show merece ser visto, principalmente pelo cenário de Naum Alves e a direção de Miriam Muniz, sensacionais. No Teatro Bandeirantes de quarta a domingo, 21 horas.

Jonhy Alf um dos precursores da Bossa-Nova todas as noites até às 4 da madrugada no Regine (rua Santa Isabel). Além de Jonhy Alf e seu trio, o Quarteto Moenda — um quarteto em Cy nordestino —, Pedro Miguel e Chico Matos Trio.

Nana Caymmy está na boate Thalassa (rua Jesuino Arruda) com o Trio Nagô, na melhor fase de sua carreira. Canta músicas de Milton Nascimento e de seu pai Dorival, de

quarta a domingo, a partir de meia-noite.

Júlio Medaglia levou os 7 melhores músicos de cordas da Sinfônica de São Paulo para a boate Igrejinha. E misturou-os com Maisa, Quarteto Moenda, Celso Machado e o saxofonista Vitor Assis Brasil, um dos nossos melhores músicos de jazz. Resultado: um show irreverente ao som de Paganini, Darius Milhaud, dor de cotovelo e samba-jazz. As terças e quartas.



Vitor Assis Brasil

O MAIOR SHOW DE TODOS OS TEMPOS

TERÇO
MUTANTES

SOM NOSSO DE CADA DIA
CORNELIUS & GRUPO SANTA FE

FLYING BANANA

BICHO DA SEDA

GERSON CONRAD

JOELHO DE PORCO

SINDICATO
HUMAHUACA

DIA 29 DE MAIO A PARTIR DAS 20 HS.
GINASIO PORTUGUESA DE DESPORTOS



inf: 228.82.50
210.53.31

produção: Mario Buonfiglio

colaboração: Secretaria de Turismo e Fomento de São Paulo

TEATRO

**Vá ao festival
antes que
ele acabe**

ALLIAS SERRALONGA — Criação coletiva do grupo espanhol Els Joglers que conta a vida do bandido catalão Joan Sala Allias Serralonga. Durante 7 anos ele comandou, com o apoio da população, os saques na Catalunha. Preso em 1634, barbaramente torturado, foi executado numa praça pública de Barcelona com grande cerimonial. Devido ao seu sucesso, o grupo fica até domingo (quinta não haverá espetáculo) no Teatro Municipal, 21 horas.

A MORTE DA GEOMETRIA — espetáculo experimental que quer superar as características do teatro ocidental, sua ideologia, expressão, palavra, música e dança. A montagem do grupo Espanha italiano Ouroboros quer dizer "o dragão que morde a cauda e se enrola" e, na alquimia, é o símbolo da iniciação. Quinta-feira, 21 horas, no Teatro Ruth Escobar.

MUMU OU A VACA METAFÍSICA — Peça de Marcílio Moraes, direção de Silnei Siqueira, com o grupo de Teatro de Santo André. É uma análise de uma família pequeno-burguesa, premiado pelo serviço nacional de teatro em 74. Estréia em em um novo teatro em São Paulo, O Markantti, rua 14 de Julho, 114.



Espanha



Brasil



Itália

ESCOLHA AQUI

TELEVISÃO

Filmes

VEJA

Crown, Ford e Nicholas Ray, as pedidas

CROWN, O MAGNÍFICO (The Thomas Crown Affair) — Uma bonita e agradável variação nos filmes de assalto. Música de Michel Legrand ("The Winxdmills of Your Mind, premiada com o Oscar), telas múltiplas, uma história bem bolada, um final amoroso. O que mais é preciso? De sobra, o estrelismo de Steve McQueen e o charme de Faye Dunaway. Direção de Norman Jewinson (COR Quinta, 23h30 no 4)



Faye Dunaway

GALANTE E SANGUINÁRIO (3.10 to Yuma) — O filme que redescobriu o suspense no gênero faroeste. Conseguirá o mocinho (Van Heflin) levar o bandido (Glen Ford) para pegar o trem das três e dez para Yuma, apesar da resistência do bando e a apatia da cidade? A resposta é exemplar e clássica. Diretor Delmer Daves nunca fez nada melhor. Quinta, 24h no 13.

A MORTE TEM SEU PREÇO (The Naked and the Dead) — O autor Norman Mailer nunca gostou desta adaptação de seu romance autobiográfico "Os Nus e os Mortos". Mas a crítica francesa considera este um dos melhores filmes de guerra que Hollywood já produziu. Uma opinião certamente justificada por sua admiração pelo diretor Raoul Walsh. Clif Robertson, Aldo Ray, Raymond

Massey são alguns dos soldados sitiados numa ilha do Pacífico. (COR) Estréia. Sábado, 23h no 5.

SANGUE SOBRE A NEVE (The Savage Innocent) — O Ártico despertou uma estranha fascinação sobre diversos cineastas. Mas nenhum deles se saiu melhor do que Nicholas Ray, mesmo tendo que utilizar atores conhecidos (Anthony Quinn, Yoko Tani) nos papéis principais. O grande mérito é da fotografia a cores de Aldo Tonti. Peter O'Toole faz ponta antes de ficar famoso. (COR) Domingo, 24h no 2.

COMO ERA VERDE MEU VALE (How Green was My Valley) — Vencedor de 5 Oscars: melhor filme, direção (John Ford), ator coadjuvante (Donald Crisp), fotografia, esta adaptação do romance de Richard Llewellyn (que há muitos anos mora no Brasil) está na receita habitual de Ford. Sentimentalismo e poesia (mas não realismo) na vida de uma família galesa de mineiros. Domingo, 24h no 5



John Wayne

BOA NOITE MEU AMOR (Goodnight my Love) — Quem curte nostalgia, muito particularmente a da década de 40, com seus detetivess particulares, crimes misteriosos e loiras insinuates, deve ser este filme. Richard Boone e Barbara Bain fazem o possível para parecer Bogart e Lauren Bacall, numa produção muito acima dos "feitos para a tevê". Se bem que a direção de Peter Hyams, as vezes abuse de frieza e soluções fora de hora. (COR) Sexta, 24 h no 5.

O GATO DE MADAME — Mazaropi em 56 já era igualzinho à hoje e quem sabe até um pouco mais engraçado como o caipira que devolve um gato de uma madame (a sedutora Odete Lara estreando no cinema). Direção do esquecido Agostinho Martins Pereira. Sábado, 14h no 5

OS COMANDOS ATACAM ROMMELL — O astro Richard Burton e o diretor Henry Hathaway perderam seu tempo ao fazer este inútil drama de guerra, que só foi produzido afim de aproveitar as cenas de ação do filme "Tobruk" (que tem aquelas fantásticas explosões de petróleo). O resto é desculpa para matar tempo. (COR) Sábado, 21h20 no 5.

O DIABO FEITO MULHER (Rancho Notorius) — um faroeste estrelado por Marlene Dietrich e dirigido por Fritz Lang não poder ser nada menos que um clássico. Mas talvez porque eles tenham brigado muito durante as filmagens, o filme ficou meio insofocoso. Ou talvez tenha sido culpa dos galãs

VEJA SE QUISER

inexpressivos (Mel Ferrer, Arthur Kennedy) ou do estúdio que obrigou a filmagem em estúdios. (COR) Domingo, 24h no 4

FLINT, PERIGO SUPREMO (In Like Flint) Segundo e última aventura de Derek Flint, o mais simpático dos imitadores de James Bond. Ele pelo menos nunca se levava a sério, num clima de sátira em que a personalidade de James Coburn se enquadrava com perfeição. Mas neste filme os recursos de produção e as idéias já começam a escassear. (COR) Sábado, 24h no 13.

SEDUÇÃO (Song of Scheerazade) — A Record nunca se esquece de nos dar um pouco de kitsch para passar nosso domingo. Que saudades das matinés dos cinemas de bairro, onde este filme fazia sucesso! Uma daquelas incríveis biografias de compositores famosos — no caso o russo Rimsky Korsakoff — que nos leva a crer que ele escreveu sua obra pelo amor da dançarina Yvonne de Carlo. Anunciado como "O filme que vale mil palavras", traz também um astro da Metropolitan Opera Company: Charles Kullman. (COR) Estréia. Domingo, 19h no 7

UM CERTO SORRISO (A Certain Smile) — O segundo livro de Françoise Sagam (alguém se lembra?) pasteurizado por Jean Negulesco, numa fórmula "Cinemascope — color de Luxe" que a Fox era mestre em 58. A francesa Christine Carère tem um romance com um homem casado (Rossano Brazzi). Joan Fontaine como a esposa traida só que ser chique e bem com-

portada. Mesmo quando Johnny Mathis aparece cantando a música-tema. (COR) Sábado, 24h no 4.

OS SINOS DE SANTA MARIA — (The Nells of StMary) — Sequencia de "O Bom Pastor" com Bing Crosby repetindo sua interpretação do compreensivo e cantante Padre O'Malley, agora às voltas com uma escola e uma freira sueca (Ingrid Bergman). O diretor é o mesmo assim como o clima de catolicismo açucarado. Só que o filme fez ainda mais sucesso que o seu originador. Estréia. Quarta, 21 h no 13.



Ingrid Bergman

NOITES DE AMOR, DIAS DE CONFUSÃO: (Buona Sera Mrs Campbell) O diretor Melvin Frank (Um Toque de Classe) às voltas com uma complicada troca de casais. São três americanos que sustentam um amor italiano do tempo da guerra, pensando que a filha é sua. Quando eles a visitam simultaneamente, dá uma confusão... Gina Lollobrigida faz a bem promiscua Mrs Campbell. Seus amantes são Telly Savalas, Peter Lawford, Phil Silvers. As esposas Shelley Winters e Lee Grant (Oscar por Shampoo). (COR) Quarta, 23h no 13.

Esporte



Pelé só na segunda

Vai ter futebol sexta, domingo e segunda. Ufa!

Torneio Bicentenário — Sexta-feira, 21 horas, Inglaterra x Itália; 23h50m, Brasil x Estados Unidos. Segunda-feira, 13 horas, Inglaterra x Estados Unidos; 18 horas, Brasil x Itália Todos os canais.

Amistoso — Quarta-feira, 23h50m, diretamente de San Francisco, Brasil x Seleção Universitária Mexicana. Todos os canais.

Amistoso — Domingo, 21 horas, tape do jogo seleção carioca e paulista (combinado) contra seleção de estrangeiros (Cruyff, Leivinha, Beckebauer, Mayer e outros), que será realizado no mesmo dia, à tarde, no Morumbi. No 2, 7, 11 e 13.

Taça Libertadores — Domingo, 17 horas, diretamente do Mineirão, Cruzeiro e Desportiva Universitária, do Equador. No 4.

Grande Prêmio de Mônaco — diretamente de Monte Carlo, domingo, mais uma chance para o Copersucar de Fittipaldi. Válido pelo Mundial de Fórmula um. No 5.

Som é Fotoptica. O resto é zoeira.

As melhores marcas de equipamento de som do Brasil e do mundo estão nas lojas da Fotoptica. Por isso, quando você for comprar ou trocar seu, procure aquilo que o vulgo chama de "as boas casas do ramo": os endereços abaixo.

Cons. Crispiniano e mais 5 lojas no centro - Shopping Centers Iguatemi, Center 3, Lapa, Continental e Ibirapuera (breve) - Lorena e Av. Santa Catarina.

SOM & FOTOPTICA

ESCOLHA AQUI

CINEMA

Especial

A semana Antonioni continua no cine-teatro da Fundação Álvares Penteado e é o melhor dos especiais da semana. Quinta-feira, **As Amigas** (Le Amiche), filme de 55 com Eleonora Rossi Drago, Valentina Cortese e Gabriele Ferzetti. Sexta-feira, também às 18h30m e 20h30m, **O Grito** (Il Grido), produção de 57, com Alida Valli, Dorian Gray e Steve Cochran. O Grito será exibido novamente sábado e domingo, às 20h30m.

A **Aventura** (L'Avventura), um dos 3 filmes da trilogia do tédio, passa sábado, às 16 e 18 horas. É uma realização de 60, com Monica Vitti, Lea Massari e Gabriele Ferzetti. Domingo, **O Eclipse** (L'Eclipse), às 16 e 18

horas, filme de 62 com Monica Vitti, Alain Delon e Francisco Rabal. Uma chance e tanto para quem não conhece os filmes de Antonioni antes de **Blow-Up**, de 66, **Zabriskie Point**, 68, e não exibido no Brasil e o atual **Passageiro/Profissão: repórter**, em cartaz em circuito comercial

A **Polônia através do Cinema** é outro programa excelente, no MASP, na Avenida Paulista. Quinta-feira, **Westerplatte resiste**, produção de 67, direção de Stanislaw Rozewicz; Sexta-feira, **Sal da terra preta**, de Kazimierz Kutz; Sábado, **Iluminação**, de Krzysztof Zanussi e segunda-feira, **Bodas**, de Andrezej Wajda, exibido recentemente na FAAP na retrospectiva Wajda. Todos os filmes têm legen-

da em espanhol e horário às 19 e 21 horas.

O **Nenê bandalho**, filme de Emílio Fontana, história de Plínio Marcos, em sessão especial no auditório da ECA, na Cidade Universitária, sexta-feira, às 12 e 18 horas. Com Jonas Mello, Rodrigo Santiago. Debate com o diretor, após a segunda sessão.

Pequena Loja da Rua Principal, de Jan Kadar e Elmar Klos, filme tcheco premiadíssimo, quinta-feira, às 20h30m, no auditório do TAIB, rua Três Rios, 252, Bom Retiro

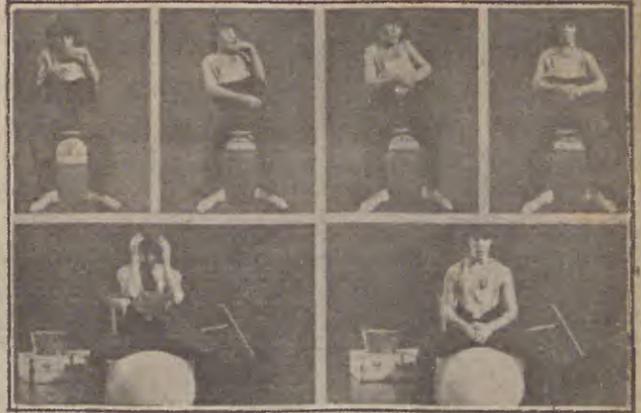
A semana **Walter Hugo Khoury** no Museu Lasar Segall (rua Afonso Celso, 362) mostra 2 filmes do cineasta paulista. Sexta-feira, **O Corpo Ardente**, com Lilian Lemmert, com Lilian Lemmert,

Barbara Lage, Mario Benvenuti, Sergio Hingst e Dina Sfat. Sábado, **As**

Deusas, com Lilian Lemmert, Mario Benvenuti, Kate Hansen. Sessões às 20 e 22 horas. Ingresso: 5,00.

O **Homem-Mosca**, maravilhoso filme de Harold Lloyd, é o programa da sessão infanto-juvenil do Lasar Segall, sábado, às 15 e 16h30m. O filme é mudo e o ingresso custa 5,00.

Porto das Caixas, de Paulo César Sarraceni, encerra o Ciclo de Cinema Brasileiro promovido pela faculdade de comunicação social Casper Líbero. Sábado, às 20 horas, no auditório da Fundação Casper Líbero, Avenida Paulista, 900.



Theatre de L'Arbre e seu trabalho serão mostrados no Teatro da Aliança Francesa (rua General Jardim, 182) em 2 filmes interpretados por Yves Lebreton, o ator francês que se exibiu no II Festival Internacional de Teatro, com *Hein... ou Aventuras do Sr. Balão*. A partir de 16 horas, sexta-feira, os documentários *Possessão e Mímica Corporal*, este dirigido por T. Wethal sobre a técnica física criada por Etienne Decroux com quem Yves Lebreton estudou. Além dos filmes, haverá debate com Yves Lebreton e uma demonstração de mímica corporal. Entrada franca.

O Hotel Nacional Rio é igual aos melhores hotéis do Havai, Bahamas, Cote D'Azur e Acapulco.

A vantagem é que você paga menos
(só 125,00 por dia).



Isto ser. falar nas delícias do Rio de Janeiro, onde o sol é mais quente, o mar mais azul, as praias mais lindas, as mulheres mais belas e o verão mais verão.

Tudo isso com diárias de apenas

125,00 por pessoa, em apartamento para dois. E você pode curtir ainda sofisticados restaurantes, bares, cafeteria, a música alegre da Boite Balangandã, o balanço alucinante do Show Ritmos do Brasil e todo fascínio da Cidade Maravilhosa. Mas para gozar todas essas delícias, você precisa no mínimo de dois dias.

Faça hoje mesmo sua reserva em qualquer hotel da rede Horsa ou no seu agente de viagem.

Hotel Nacional Rio

Av. Niemeyer, 769 - Praia da Gávea - Rio - Tel. 399-0100

Reservas

São Paulo - Central de Reservas: Tel. 287-5543

Rio de Janeiro: Tel. 257-1950

Curitiba: Tel. 23-4323

Belo Horizonte: Tel. 222-22111

Brasília: Tel. 25-1050

Belém: Tel. 22-3045

Hotéis Horsa

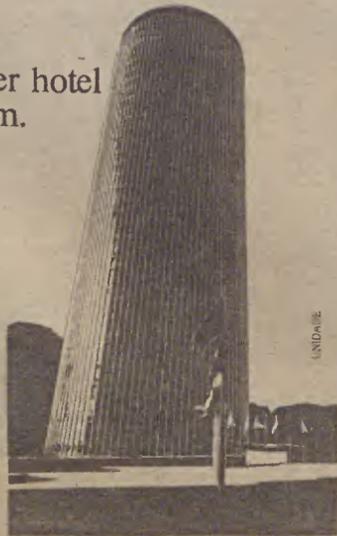
Av. Paulista, 2.073 - Terraço 2 - Tels.: 287-53,6 e 287-5343 - SP.

São Paulo: Hotel Jaraguá e Excelsior • Curitiba: Caravelle Palace

Hotel e Brasília: Hotel Nacional • Belo Horizonte: Hotel Del

Rey e Excelsior • Rio: Hotel Nacional - Hotel Excelsior Copacabana

• Belém - Hotel Excelsior Grão Pará.



VEJA

UM ESTRANHO NO NINHO - O primeiro filme a ganhar todos os Oscars mais importantes - filme, atriz, ator e roteiro - mostra um diretor, Milos Forman, checo exilado nos Estados Unidos, dirigindo com extraordinária habilidade os atores coadjuvantes. Jack Nicholson e Louise Flecher, ator e atriz vencedores do Oscar, estão sensacionais. O filme é uma denúncia à opressão da psiquiatria moderna. No *Gazetinha* e *Copan*.

O REI DA NOITE - O filme do argentino Hector Babenco foi realizado com extremo cuidado na reconstituição da cidade de São Paulo nas últimas 5 décadas. Paulo José está excelente, envelhecendo dos 18 aos 50 anos. Marília Pera não compromete. No *Olido*, *Cinema 1*, *Iguatemi* e *Paulistano*.

O CASAMENTO - Arnaldo Jabor já tinha filmado outro texto de Nelson Rodrigues (*Toda a Nudez Será Castigada*) bem aceito pelo público. Agora fez uma alquimia



Lilian Lemmertz

de adultério, incesto, suicídio, corrupção e a decadência moral da família. A noiva é Adriana Prieto, em seu último filme. O pai, Paulo Porto. No *Paissandu* e *Art-Palácio*.

UM DIA DE CÃO - O impressionante e violento filme de Sidnei Lumet (*O Homem do Pregão*) com Al Pacino e John Cazale baseia-se num assalto real realizado em 73, no Brooklin, Nova Iorque. Um dos assaltantes, homossexual, pegou 20 anos de cadeia. No *Majestic* e *Coral*.

LIÇÃO DE AMOR - A estréia de Eduardo Escorel na longa-metragem

conta um romance de Mário de Andrade, que critica a burguesia brasileira dos anos 20. Irene Ravache, a atriz mais premiada do ano, e Lilian Lemmertz garantem a boa qualidade do filme. No *Belas Artes* Centro e *Belas Artes*, sala *Portinari*.

OS TRÊS DIAS DO CONDOR - Sidney Pollack, o mesmo diretor de *A Noite dos Desesperados*, mostra métodos e ação da CIA, com humor e um ritmo impressionante. Mas a forma é superior ao conteúdo. Além de Robert Redford, dois bons atores: Max von Sydow e a maravilhosa Faye Dunaway. No *Lumière* e *Bristol*.

PROBLEMAS COM SEU CABELO?

CONSULTE OS
PROFISSIONAIS
NO ASSUNTO

Tratamento do couro
cabeludo para ambos
os sexos.

FRONMÉS DO BRASIL - TRICLOGIA

Rua Campos Bicudo, 94 - Itaim - Tel. 05-6237



FRONMÉS

AQUI

228-6192

BASTIDORES



José Carlos Bittencourt

"... não se trata de defender um nacionalismo xenófobo"

Estatização: a posição de Paulo Egydio esvazia o debate?

"O problema do debate estatização/privatização deve ser entendido exatamente como o governador Paulo Egydio Martins colocou". A frase é de uma alta fonte federal, salientando que os pontos básicos da questão (muito mais política do que econômica) são os seguintes:

1. Adoção de uma política de privatização, no seu conjunto, desde que capitais essencialmente brasileiros tenham condições de assumir os encargos;
2. Manutenção na esfera estatal dos setores básicos como energia elétrica, nuclear, petróleo, transportes e comunicações;
3. Fortalecimento da empresa privada nacional;
4. Integração das empresas multinacionais no processo de desenvolvimento, com regras de jogo devidamente estabelecidas.

Dentro desse contexto, assume importância o problema de transferência de tecnologia, levando-se em conta que as peculiaridades do parque industrial brasileiro não apresentam outra alternativa senão a previsão de gastos com importação de tecnologia, visando o acesso às técnicas mais modernas. Mas, ao mesmo tempo, doando esses gastos, selecionando o "know-how" estrangeiro, para se permitir o desenvolvimento de uma tecnologia industrial própria. Em outras palavras: seriam economizadas divisas não sobre o essencial, mas sobre o supérfluo. Isto é: deve-se partir do princípio de que não se pode importar tecnologia por comodismo, pagando royalties sem necessidade.

No quadro geral, uma constatação governamental da maior importância: na maioria das vezes, o setor privado nacional vem agindo à revelia desses esforços, devendo-se conciliar os interesses que — hoje — nem sempre coincidem com os interesses do País.

Portanto: não se trata de o Governo defender um nacionalismo xenófobo, mas evitar gastos supérfluos que somente aumentam a faixa de dependência das empresas nacionais do "know-how" estrangeiro, ao mesmo tempo em que não se incentiva a procura de uma tecnologia própria, indígena.

Da forma como que se coloca, pode-se claramente perceber que se trata realmente de um problema de características muito mais políticas do que econômicas o debate estatização/privatização, que a cada dia vai assumindo um processo maior de radicalização. Ou seja: da forma como está colocado para o grande público, o próprio debate representaria uma arma de pressão contra a política de disciplina das nossas necessidades de importação. Ou por outra: procurar-se-ia criar — através do não-essencial — uma dependência cada vez maior a ponto de o País se ver totalmente à mercê dos grandes interesses multinacionais.

Trata-se, dessa forma, de uma posição de nacionalismo realista, como definem alguns setores federais. E o enfoque de Paulo Egydio teria sido realmente o mais preciso, desde que não coloca restrições aos investimentos estrangeiros (como a princípio poderia parecer — e seria o objetivo da abertura do debate), mas ao mesmo tempo não se abre mão de o Brasil ter o direito de contar com tecnologia própria, absorvida dos países desenvolvidos.

A somatória das declarações do governador Paulo Egydio (incluindo-se a proposta de incentivo às empresas de capitais genuinamente nacionais) e da conferência feita em São Paulo pelo presidente do Instituto Nacional da Propriedade Industrial — INPI, Guilherme Hatab, na qual denunciou a pressão exterior que induz ao comodismo, com o objetivo de obtenção de lucro imediato, dá bem uma visão geral do problema — uma questão de manter a dependência.

Na mesma linha de raciocínio, registre-se a declaração do governador paulista, segundo a qual "uma maior estatização levará o país ao totalitarismo", entendida devidamente sem que possa ser utilizada na defesa de interesses estranhos ao país. E a prova mais evidente: Vasp, Cosp (seguros) e Frutesp (frutos cítricos) estão prestes a serem privatizadas. Na mesma coerência, há estudos para a encampação da Light.

Resumindo: a partir dessas posições, o debate estatização/privatização se esvazia totalmente, mostrando, em última análise, a sua verdadeira face.

Aviso aos navegantes:

Discreta porém eficientemente, o Palácio poderá enviar "emissários especiais" ao Interior e às solenidades das quais participam secretários de Estado e dirigentes de economia mista para relatar o tratamento concedido ao governador Paulo Egydio, principalmente na inauguração de obras. Consta que vários membros do Executivo não têm se preocupado em citar o governador durante a inauguração de obras ou em solenidades públicas, procurando tirar apenas rendimento pessoal das realizações governamentais. Um detalhe: o "serviço de informações" do ex-governador Laudo Natel era, à sua época, considerado "eficientíssimo" — pelo menos nesse sentido.

● O ex-presidente Jânio Quadros já não suportaria mais ficar à margem dos centros de decisão. Informa-se que JQ estaria cogitando (seriamente) de participar de um novo partido político ao lado de figuras revolucionárias, numa linha de "nacionalismo sem xenofobia".

● O deputado Armando Pinheiro, da Arena, parece disposto a ampliar suas bases eleitorais, antes restritas ao município de Guarulhos, onde inclusive fundou um jornal. Na Assembléia Legislativa, fez um apelo ao Governo para que volte suas vistas para a Alta Sorocabana, dizendo que a Secretaria da Agricultura não atende aos anseios da população e, principalmente, dos lavradores. O detalhe: Armando é ligado umbilicalmente ao secretário da Educação, José Bonifácio Coutinho Nogueira, e ao ex-chefe da Casa Civil, Arrobas Martins.

● Esta semana, o deputado Osmar Fonseca, do MDB, quase caiu do camelo: descobriu o óbvio ao afirmar que a solução para o problema do menor desemprego está numa melhor distribuição de riquezas. Sem comentários.

● O vereador Vicente de Almeida, da Arena, entre eufórico e surpreso: nunca recebeu um volume diário de cartas tão grande como agora, em que se transformou no crítico mais severo do prefeito Olavo Setúbal.

● Outro arenista, o presidente estadual do partido, Cláudio Lembo, também surpreendendo. Até há pouco tempo versado apenas nos segredos da didática e nas engrenagens bancárias, agora se transformou no "guru político" de um grupo de intelectuais da praça. Local preferido de reuniões: o restaurante Giovanni Bruno, ali perto do Estádio.

● Sem querer esnobar: basta ler as Colunas anteriores para se comprovar que a solução "mais viável" para a chefia da Casa Civil era realmente a manutenção do ex-interino Péricles Eugênio da Silva Ramos. Resultado final: não deu-outra!

● Não será surpresa se até o fim do ano a Light for transferida para a Cesp. Há estudos nesse sentido. Nesse caso, a Usina Henry Borden (cubatão) seria mantida apenas como unidade de emergência e as águas da Billings reservadas para o abastecimento da Grande São Paulo.

● A mancada da semana pertence ao secretário do Planejamento, Jorge Wilhelm: ao falar num seminário promovido pelo Idort e Ministério da Indústria e Comércio, Wilhelm considerou "uma utopia" o Brasil obter a sua própria tecnologia, sendo mais cômodo firmar contratos, em prazos eternos, com as empresas multinacionais, para transferência de "know-how" externo. A resposta não tardou: o presidente do INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), Guilherme Hatab, rebateu severamente as declarações do secretário, frisando que o País tem necessidade e condições de formar a sua própria tecnologia, inclusive para se evitar evasão de divisas. A fala de Wilhelm contrariou as declarações do governador Paulo Egydio Martins ao dar posse, recentemente, ao secretário de Cultura e Tecnologia, Max Feffer.

● Na mesma ocasião, Guilherme Hatab, o presidente do INPI, fazia uma "confissão" perante um auditório lotado por duas centenas de pessoas, na esmagadora maioria constituída de jovens. As perguntas a ele formuladas registraram um nível incrivelmente mais alto do que os debates de que ele tem participado em reuniões com associações de classe. O detalhe, segundo Hatab: "Os jovens se preocupam com o aspecto global dos problemas nacionais; os empresários geralmente estão muito mais preocupados é com o seu próprio negócio".

● O governador Paulo Egydio entra numa fase de viagens: depois de percorrer todo o Vale do Paraíba e passar dois dias em Brasília, sexta-feira inaugura a Usina de Marimondo em companhia do presidente Geisel e do governador mineiro Aurélio Chaves. À noite, recebe o governador de Minas em Campos do Jordão, como hóspede, e no sábado o governador do Pará, Aloísio Chaves. Depois, mais três visitas com o presidente Geisel: em 1º de junho inaugura fábrica da Ford em Santo André; dia 18 participa da concentração (política) em Ribeirão Preto; e dia 28 inaugura a Rede Via dos Imigrantes. Nesse meio tempo, Paulo Egydio instala o Governo durante dois dias (2 e 3 de junho) em Piracicaba.



Baldacci

Médici

Montoro

Golbery

Delfim Netto

Rigorosa e absolutamente verdadeiro: o ex-governador Laudo Natel já está se movimentando para a formação de um novo partido político, considerando líquido e certo o rompimento da atual estrutura bipartidária. Esse partido teria uma linha nacionalista e contaria com a presença do ex-presidente Garrastazu Médici e figuras militares de expressão. A ele também já teria aderido o ex-ministro e atual embaixador brasileiro em Paris, Antônio Delfim Netto. De outro lado, em Brasília o senador Franco Montoro, hoje no MDB, já teria encarregado sua assessoria técnico-legislativa da elaboração dos estatutos e do programa de um partido político de centro, na linha da democracia-cristã. Ainda na linha de criação de novas agremiações, o secretário do Interior, deputado Rafael Baldacci, passou dois dias em Brasília conversando com áreas federais, entre elas o ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva. Baldacci estaria propenso a participar do esquema de formação de um partido social-democrata, de centro. Também na mesma linha do novo quadro eleitoral, o encontro que reuniu o mesmo Golbery e o vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho.

Nunca a Argentina viu tanto publicitário — junto.
Tinha homem de propaganda de toda parte — só do Brasil, 180. O que eles falaram sobre
"as novas perspectivas da propaganda diante de um mundo em mudanças"
e o que resolveram em seu 25º Congresso Mundial, de onde saiu a
"Declaração de Buenos Aires".

Declaramos que a publicidade é melhor e não faz mal



José Roberto Berni, especial para o AQUI



"Os tão renomados especialistas reunidos em Buenos Aires", durante três dias para o 25º Congresso Mundial de Publicidade, não chegaram a "transcendentais resultados", como lhes desejou o presidente argentino Jorge Videla ao inaugurar o Congresso, na sua primeira aparição pública depois do golpe de abril. Na verdade, muito pouco poderia sair dali, uma vez que o tema proposto é complexo demais para ser resolvido apenas em 72 horas.

"As novas perspectivas da propaganda diante de um mundo em mudanças", o tema proposto pela IAA — International Advertising Association, promotora do encontro, certamente ficará como lembrança e advertência a todos os publicitários no momento de apresentar um layout ao cliente ou lançar um novo apelo de compra ao consumidor. Assim, diante da impossibilidade de proposições reais de tão transcendental assunto, e já o sabiam todos, tratou-se de conservar sobre assuntos mais urgentes e materiais, e que estão afligindo indistintamente aos 1.200 congressistas das 17 nações ali representadas.

Foram eles: 1 — a auto-regulamentação da propaganda — que, como definiu o sul-africano Henry Howell, é a arte de fazer nossas próprias leis antes que outros façam por nós. 2 — a defesa da livre empresa — já que a propaganda está ganhando cada vez mais importância no sistema de liberalismo econômico. 3 — a condenação da estatização dos meios de comunicação — medida proposta recentemente pela UNESCO, que considerou inviáveis todos os meios de comunicação que aceitam publicidade comercial, porque perdem sua liberdade de expressão.

Houve ainda um quarto capítulo a destacar. Como se sabe, a reunião de tantos líderes de uma mesma profissão debaixo de uma mesma bandeira, signifi-

fica automaticamente uma ação política. Podemos dividir essas ações ocorridas em três momentos: **externos** — pois os publicitários ganharam pontos no mercado internacional, pela presença de um Presidente no seu Congresso, além de outros afamados homens de marketing e comunicações. Bastante ressaltado pelos jornais portenhos foi a realização de um congresso da IAA pela primeira vez na América Latina, o que em tese demonstra a capacidade dos líderes publicitários, deste continente. **Internos** — houve eleições na IAA, chapa única. Hugh Holker, do grupo editor inglês "Miroir", o novo presidente, definiu sua principal estratégia: fazer da entidade um fórum internacional para assuntos publicitários. Admitiu que a IAA não é uma sociedade beneficente e que até hoje eles têm falado em círculos fechados. **Brasileiros** — foi política a maior vitória brasileira neste 25º Congresso. Mauro Salles foi político, elegeu-se um dos vice-presidentes da IAA, diretor para a América Latina. Levou a maior delegação estrangeira e elegeu mais três brasileiros — Geraldo Alonso, Hector Brener e Emil Farah — para o "plenário" da IAA. Ali mesmo, durante o Congresso, elegeu Buenos Aires como sede latino-americana da IAA e começou a preparar o I Congresso Latino-Americano de Publicidade, provavelmente em fins de 77, em Caracas.

No geral, o 25º Congresso Mundial de Publicidade trouxe bem poucas novidades, e a "Declaração de Buenos Aires", que deveria ser a síntese das conferências, nada disse. Respondeu aos ataques à propaganda como os mesmos chavões com que é atacada. Justificou as empresas multinacionais como instrumentos do desenvolvimento econômico e social. Procurou-o defender-se dizendo que a propaganda é o iceberg do mecanismo de consumo. Defendeu o sistema sempre que solicitada. Acusou as campanhas em defesa do consumidor como subliminares ataques ao sistema. Num dos momentos de maior lucidez, o novo presidente da IAA, Hugh Holker, reconheceu algumas falhas e convidou os inimigos para um diálogo. Em compensação, o americano Teodoro Levitt, de Harvard, classificou os inimigos de "diabos do século XX que agem à luz do dia". O que não ficou bem claro, contudo, é se esses inimigos são os próprios consumidores da propaganda.



Hugh Holker



Winfried Bauer

A PUBLICIDADE ENGANA VOCÊ OU SÓ AO SEU VIZINHO?

Pesquisa feita em Londres:

P — A publicidade é enganosa?

R — Sim = 68%

P — A publicidade engana você?

R — Sim = 28%

P — A publicidade faz comprar coisas desnecessárias?

R — Sim = 59%

P — A publicidade faz você comprar coisas desnecessárias?

R — Sim = 4%

O atuante inglês Hugh Holker leu no plenário uma pesquisa que lhe pareceu muito interessante. Segundo essa pesquisa feita em Londres, 68 por cento dos entrevistados acham a publicidade enganosa. Mas quando lhes perguntavam se a publicidade engana a ele, apenas 28 por cento diziam que sim. O inglês acha que enganar 28 por cento das pessoas é um índice aceitável.

Mas essa mesma pesquisa trouxe um outro dado que lhe pareceu melhor ainda: 59 por cento dos entrevistados acham que a propaganda faz comprar coisas desnecessárias, mas, pessoal-

mente, só 4 por cento foram induzidos às compras desnecessárias.

Mas, se para o novo presidente da IAA essa pesquisa é um dado favorável à publicidade comercial, há pessoas que a podem ver com outros olhos. No Peru, por exemplo, foram baixadas rígidas leis que regulam a publicidade comercial, proibindo, entre outras coisas, que menores de 21 anos apareçam em anúncios. E, comerciais sem crianças é um grande problema para a criação publicitária.

Para evitar dissabores desse tipo é que a IAA está recomendando a todos que se auto-regulem. É sabido que quando

essa regulamentação é feita por agentes não publicitários, ela tende a tornar rígida demais e, em alguns casos, até impraticável.

De uma maneira geral, os publicitários estão aceitando essa legislação como inevitável, pela própria força de suas mensagens e pelo volume de verbas que manuseiam (no Brasil, em 75, foram US\$ 900 milhões, representando 1,3% do PNB). Mas, ainda assim, o alemão Winfried Bauer, diretor da J. W. Thompson em Frankfurt, fez questão de frisar:

— A publicidade não restringida é indispensável para uma economia livre.

QUEM DEFENDE O CONSUMIDOR ESTÁ CONTRA O SISTEMA?

Para muitos publicitários, os atuais movimentos em defesa do consumidor são, na verdade, ataques camuflados ao sistema.



Theodoro Levitt

Pode parecer lógico que quem defende o consumidor defende, por analogia, o sistema em que o consumidor vive.

Mas nem todos pensam assim: muitos congressistas viram nos movimentos de defesa do consumidor pelos abusos que lhe são aplicados — surgidos com maior força em muitos países — como subliminares ataques ao próprio sistema econômico vigente.

Num dos mais concorridos pronunciamentos do Congresso, o americano Theodoro Levitt discorreu sobre "A legitimidade moral do materialismo". Para ele, uma das tarefas mais difíceis ao sistema é convencer os jovens sempre idealistas — agora em maioria numérica — que os ideais racionais propostos por Carlos Marx são praticamente impossíveis, pois não respeitam a natureza humana, que é sempre ambiciosa e deseja confortos materiais.

Durante todo o Congresso falou-se muito que o liberalismo econômico é o

melhor caminho para distribuição de riquezas e justiça social, tendo sido lembrada até uma frase do ex-ministro Delfim Neto: "até hoje não inventaram nada melhor".

Sendo parte cada vez mais importante do mecanismo de consumo, é natural que os publicitários defendam esse modelo, principalmente quando existem ameaças constantes de estatização.

Já não basta hoje, evidentemente, que os publicitários continuem dizendo que a propaganda é economicamente necessária, socialmente útil e contribui para o bem comum — como afirmam as cartilhas das escolas de comunicação.

Com a mesma criatividade com que anunciam seus produtos, os publicitários devem agora ajudar ao modelo econômico a criar novas soluções para este mundo em transformações — aliás o próprio tema do congresso que o plenário foi incapaz de discutir.

E SE O GOVERNO ADOTASSE AS RECOMENDAÇÕES DA UNESCO?

A UNESCO recomendou recentemente a todos os governos que o rádio e a televisão fossem propriedade estatal. A propaganda comercial foi acusada de manejar as programações dessas emissoras, por ser a única fonte de renda.



Pedro Simoncini

Um recente estudo da UNESCO recomendou a todos os governos que os meios de comunicação social, principalmente o rádio e a televisão, fossem de propriedade estatal, e que fossem utilizados de acordo com os planos de desenvolvimento de cada país. Condenou a propaganda comercial nesses veículos que, por serem a única fonte de renda, converteram-se no fator dominante das programações.

Claro está que essas acusações foram energicamente repudiadas pelo plenário do 25º Congresso Mundial de Publicidade. Foi chamado o testemunho de alguns proprietários de grandes empresas editoras, que negaram terem sido pressionados por interesses econômicos. Oscar Bloch falou pelo Brasil, Pedro Simoncini representou a Argentina, e Agustín Edwards Eastman, proprietário de "El Mercurio", falou pelo Chile.

Ao se condenar o monopólio estatal dos meios de comunicação, lembrou-se o

escândalo francês, sendo a RTF acusada de ser apenas um cabide de empregos. Falou-se também da falência da RAI, Rádio e Televisão Italiana, que agora procura abrir alguns espaços comerciais em suas programações.

Para os publicitários que falaram sobre o assunto, o mais indicado é um sistema misto, onde as emissoras estatais sejam mais culturais, e as comerciais mais populares. Assim, assegura-se o direito de o Estado possuir seus próprios canais de informação, coexistindo ao lado das cadeias particulares, sem muita preocupação cultural, mas com grandes anunciantes.

A estatização dos meios de comunicação, sobretudo os eletrônicos, é uma das maiores ameaças à propaganda. Se o governo brasileiro resolvesse adotar as recomendações da UNESCO, por exemplo, o que as agências iriam fazer com os 630 milhões de dólares que gastaram o ano passado em televisão?



Mauro Salles



Hector Brener



Geraldo Alonso



Alex Periscinoto

O BRASIL PROPÕE UMA COMISSÃO DE DEFESA DA PROPAGANDA

O Brasil propôs que se crie a Comissão de Defesa da Propaganda, um órgão internacional para defendê-la dos ataques infundados e das restrições que a afetam. Está em estudos.

Uma comissão de defesa da propaganda comercial "para manter o prestígio da profissão e servir como porta-voz contra ataques infundados ou restrições que afetem a propaganda" foi a proposta de Hector Brener, e encaminhada ao conselho diretor da IAA em nome da delegação brasileira.

Esse talvez tenha sido o mais importante pronunciamento feito pela comitiva nacional, em que pese Brener ser argentino. Seria realmente suicida os publicitários continuarem ignorando as pressões antagônicas que partem de dois extremos. Os publicitários são vistos por uns como fraudadores do bem público e por outros como extremos conservadores e inimigos de qualquer mudança.

A proposta de Brener sintetizou quase tudo que se "respirava" no Congresso, e a criação desse fórum internacional da publicidade é uma das metas prioritárias da IAA.

Falando de improviso durante um dos almoços, Geraldo Alonso, chefe da delegação brasileira, fez uma pergunta que muitos desejariam saber responder: afinal, as empresas multinacionais são boas ou nocivas aos países em desenvolvimento? Mesmo sem ter respondido à sua própria indagação, Alonso deixou transparecer que a solução melhor é ainda a pessadista, isto é, que venham

as multinacionais pero que venham com algumas orientações governamentais.

Mostrando a "Publicidade no Brasil, hoje", Alex Periscinoto foi outro orador brasileiro. Apresentou números, gráficos, anúncios impressos e um rolo de comerciais de tevê. A força da propaganda pode ser avaliada pela sua ação no Brasil. Num país de renda concentrada em poucas mãos, a propaganda conseguiu que 19 por cento da poupança interna fosse obtida apenas em populares cadernetas de poupança. Inegavelmente, a propaganda ensinou — ou estimulou — o povo a juntar suas moed-nhas'em cofres de papelão.

Mauro Salles falou na sessão de encerramento do Congresso. Falou politicamente: enalteceu o trabalho da IAA no mundo, a capacidade profissional dos publicitários latino-americanos e na certeza de que o Congresso dará flores e frutos. Rebateu todas as críticas à propaganda e ao regime de livre iniciativa, para mais adiante se comprometer a "trabalhar como apóstolos da livre empresa, advogados da democracia e campeões da liberdade de escolha".

Ruim, mesmo, foi o vôo da Aerolíneas Argentinas, que deixou os congressistas brasileiros à 1 hora da madrugada de segunda-feira no deserto aeroporto de Viracopos.



PARA OS PUBLICITÁRIOS, O FIM DO SALÁRIO-VERGONHA

Com a elevação social da profissão, não será mais preciso receber o salário-vergonha, o salário extra pago aos publicitários que tinham vergonha de ser.

Nestes dias de recessão econômica e poucos turistas em Buenos Aires, os gringos que estavam fazendo compras na calle Florida eram facilmente identificados como participantes do Mundial de Publicidade. A primeira aparição pública do general Jorge Videla como presidente do País, ao abrir o Congresso, levou os publicitários às primeiras páginas dos jornais.

No dia da abertura, 18, El Capital, de Rosário, lançou um suplemento especial de 16 páginas sobre o Congresso. Sábado, um dia depois do encerramento, Clarin, de Buenos Aires, lançou sua edição especial, de 20 páginas. Como na maioria das notícias diárias, entretanto, os jornais apenas transcreviam os press releases distribuídos na véspera por uma eficiente assessoria de imprensa.

Essa assessoria comunicou que havia "350 jornalistas de todos os países" credenciados para a cobertura do Congres-

so. Se cada um deles guardou os 15 quilos de papéis que lhes foram entregues, houve uma descarga de 5.250 quilos de material informativo. Curiosamente, contudo, o eleito "mais interessante" pelos jornalistas que faziam a cobertura foi o Danish Journal, editado pelo Ministério de Informação e Turismo da Dinamarca, e que não continha uma linha sobre propaganda.

É evidente, porém, que o 25º Congresso Mundial de Publicidade foi sucesso total e foi bem feito. Realizando encontros desse nível, os publicitários sobem aceleradamente degraus de uma escala social que até bem poucos anos não os viam com bons olhos. Ou, como lembrou um delegado brasileiro, "não será mais preciso ganhar o salário-vergonha", o salário extra pago aos publicitários que tinham vergonha de ser. O que é, em outras palavras, uma típica manifestação do intelectual subdesenvolvido.

AQUI BRASÍLIA

Cláudio Lyrias

Quando uma campanha
pode ser decisiva

Na ofensiva da Arena, vale tudo para derrotar o MDB

A campanha eleitoral que começou, efetivamente, na última semana, talvez seja a mais importante desde 1964. Ela visa as eleições municipais de novembro, mas seu alcance é muito mais longo. Governo e partidos, ao percorrerem o interior dos estados em busca de votos, pensam, principalmente, nas eleições de 1978, quando (teoricamente) o MDB poderá obter maioria no Congresso e chegar ao Governo dos Estados mais importantes. As eleições municipais serão como um balão de ensaio, quando o destino da organização político-partidária, como a conhecemos, será decidido.

São muitos poucos os que acreditam que o Governo aceite passivamente a possibilidade de ser derrotado em 78. Agora mesmo, quando sabem serem boas as suas possibilidades para o próximo novembro, ele mostra estar decidido a lançar mão de todos os recursos possíveis e imagináveis.

A chamada Lei Falcão é um exemplo (Uma coisa interessante: ao levar o nome do Ministro da Justiça, a nova lei parece pertencer apenas a um setor do Governo, o que efetivamente ajuda a não comprometer a imagem do Presidente Geisel). A lei que proíbe o acesso de candidatos ao rádio e TV, transformando (como disse o Senador Paulo Brossard) a campanha em cinema-mudo, agitou, como há algum tempo não acontecia, os políticos de ambos os partidos. O MDB deu uma resposta veemente, através de seu Presidente Ulisses Guimarães e de vários deputados e senadores. A Arena quis responder no mesmo tom e chegou a argumentar que a lei valorizaria, indiretamente, os comícios. Mas, na verdade, a Lei Falcão também não foi bem recebida por vários parlamentares do partido do Governo. O senador Teotônio Vilela, por exemplo, que desde o ano passado atua como incansável vigilante da chamada política de distensão, acha a nova restrição lamentável. A Arena jovem acompanha-o, discordando da opinião governamental de que a lei aperfeiçoa o sistema eleitoral, pois o grande número de candidatos torna impossível o uso democrático dos meios de comunicação. Foram respostas de quem não tinha nada mais relevante para argumentar.

A nova lei não é um fato isolado. Ao se afirmar que ela valorizaria os comícios, era de se supor que o Governo facilitasse e até mesmo incentivasse (sejam um pouco inocentes) as reuniões públicas. Mas o que se vê é exatamente o contrário. Em Pernambuco, o Governador Moura Cavalcanti, sempre que o MDB anuncia uma concentração, mobiliza grandes contingentes policiais, a cavalaria e os bombeiros, como se um partido anarquista, e não a oposição legal estivesse se reunindo, como possibilidade de que um membro mais radical tocasse fogo no prédio e talvez até na cidade. O fato, que já se repetiu várias vezes, revoltou inclusive grande número de arenistas, principalmente da ala jovem. Reclamou-se, protestou-se e até gora não se tem conhecimento de uma providência mais efetiva para acabar com o método de intimidação do governador de Pernambuco. A oposição é o inimigo, disse o Presidente Geisel no Rio Grande do Sul, mas ao que parece o sr. Moura Cavalcanti está indo longe demais.

Diante disso, ao se ver perseguida pela polícia em Pernambuco e de estar impossibilitada de falar pelo rádio e TV, a oposição assiste, atônita, à ofensiva eleitoral do Governo e da Arena. O Presidente Geisel é o primeiro Presidente revolucionário que aceitou o desafio de ser também o principal político da Arena. Depois das viagens internacionais, quando foi o assunto principal dos meios de comunicação durante um bom tempo, o Presidente esteve no Rio Grande do Sul, onde fez incisivo discurso de improviso (uma arma política de impacto esquecida pelos presidentes anteriores, que eram sempre vistos lendo seus discursos com alguma dificuldade), prepara-se para ir a Paraty, e em setembro estará no Japão, e, obviamente, nos lares brasileiros, via satélite.

Seus ministros não ficam atrás. Alysson Paulinelli, da Agricultura, que é bom orador, esteve no fim de semana em Cachoeira do Sul (RGS) e falou para milhares de pessoas na Feira Nacional do Arroz (como se sabe, o Rio Grande do Sul é grande reduto emedebista). Rangel Reis, do Interior, e o Presidente da Arena, deputado Francelino Pereira, organizaram uma excursão conjunta ao interior de Minas que começa no dia 29. Os demais políticos da Arena seguem o mesmo caminho. Nos próximos meses, Brasília está ameaçada de ficar vazia de políticos.

Ao MDB, logicamente, não resta outra solução do que se desdobrar em viagens por todo o Brasil para contrabalançar a violenta ofensiva eleitoral. Certamente enfrentarão dificuldades, a partir do fato de que o Governo estará vigilante para qualquer pronunciamento mais radical. É uma espada que estará suspensa sobre a cabeça dos opositoristas. De qualquer forma, o início efetivo da campanha eleitoral, que paradoxalmente começa com uma lei anti-eleição, ficou marcado pela brilhante nota de protesto redigida pelo Presidente do MDB, Ulisses Guimarães. Quando Ulisses deixar a política, o país pode ter certeza de que ganhará um excelente escritor ou um mordaz analista político.

PASTA MOVEL
E SUSPensa



M. KOGAN & CIA. LTDA.
Rua 7 de Abril 264 8º andar, s/ 817-18-19
Fones: 34-0218/34-2813 - SÃO PAULO

AS PASTAS MÓVEIS E SUSPENSAS ANKOG DURAM ANOS

PASTA MÓVEL E SUSPensa ANKOG

- A pasta móvel e suspensa ANKOG é fabricada em vários tamanhos: para arquivo de aço, em tamanho de OFÍCIO, MEDIA E CARTA, para gavetas de bureaux, para arquivos de mesa e outros fins permitindo, assim, a guarda e classificação de documentos de todos os tamanhos
- Seu manejo é extremamente simples e cômodo.
- Torna mais fácil e rápida a classificação de documento de qualquer espécie.
- Boa organização significa: CADA COISA EM SEU LUGAR.

PASTA MÓVEL E SUSPensa ANKOG

- Qualquer que seja o gênero de seu negócio a boa organização é responsável pelo êxito do mesmo.
- A pasta móvel e suspensa ANKOG, se encarrega de manter sua papelada em ordem, representando o trabalho de 2 empregados e pelo preço de um office-boy.
- Cada chassis comporta até 100 pastas, havendo espaço suficiente disponível para cada pasta guardar numerosos documentos.

REMODELE SEU ESCRITÓRIO ADQUIRINDO AS PASTAS MÓVEIS E SUSPENSAS ANKOG POR UM PREÇO CONVENIENTÍSSIMO.

As pastas móveis e suspensas
ANKOG DURAM ANOS

Caixa Econômica Federal

AVISO VENDA DE IMÓVEIS

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - Filial de São Paulo comunica que venderá, pela melhor oferta, de acordo com o Edital que se encontra à disposição, 36 imóveis consistentes em terreno e benfeitorias, com terraço, sala, 2 dormitórios, cozinha e banheiro, cujos preços variam de Cr\$ 43.000,00 a Cr\$ 74.000,00.

Serão admitidas propostas para pagamento à vista ou com financiamento até 80% do valor das ofertas.

Os interessados, pessoas físicas ou jurídicas, poderão examinar o Edital, com as condições básicas de venda, e entregar suas propostas até o dia 30 de junho próximo, no horário das 9 às 16,30, nos seguintes endereços: Agência da CEF no Município de Taboão da Serra, à rua José Soares de Azevedo nº 52; em São Paulo, à rua Floriano Peixoto nº 60, 2º andar, sala 26.

São Paulo, 21 de maio de 1976.

FRIOS & CHOPPS

Sabe o Joan Sehn II da alameda Casa Branca? Pois é, fica na esquina da rua Cravinhos. Então você dá mais 10 passos e está no Giovanni, onde a mais fina comida italiana é regada pelos melhores vinhos idem.

Abre todos os dias
para almoço e jantar

GIOVANNI, "il vero"
rua Cravinhos, 121
- tel. 81-9012



Ele é simpático,
sulista,
plantador de
amendoim,
além de crente evangélico.
Já venceu
13 eleições primárias
e conta com 736 votos dos
1.505 delegados necessários

para ser indicado candidato
à presidência pelo
Partido Democrata.
Não pode ser chamado
de soft (mole),
mas sua plataforma
é a volta da felicidade ao poder.

Texto de Klaus Kleber —
Ilustração: Chico Caruso

Jimmy Carter, o Quêrcia de lá

Éramos três jornalistas brasileiros no carro, de volta ao aeroporto de Los Angeles, e um de nós perguntou ao motorista em quem ele ia votar nas eleições de novembro, ou quais eram as suas simpatias entre os candidatos que disputavam as primárias.

— “Eu geralmente não voto”, respondeu ele. “E desta vez é que não vou votar mesmo.”

Antes que qualquer um de nós perguntasse quais as razões para sua abstenção antecipada, ele próprio explicou: “Qualquer um que seja eleito não vai mudar nada”.

A nossa pergunta despertou a tagarelice do motorista, que aparentava 27 ou 28 anos e, pelo tipo físico (não muito alto, cabelo preto, olhos escuros e perfil aquilino), podia ser tanto um descendente de imigrantes italianos, judeus ou eslavos.

— “Look”, continuou. “Vocês estão me vendo aqui dirigindo um taxi. Mas eu não fui educado para isso. Sou formado em Ciência Política e Economia pela Universidade de Boston. Vim para a Califórnia trabalhar e o melhor emprego que consegui foi de chofer de taxi. Não é um emprego tão mau assim. Dá para ganhar uns 150 dólares por semana (uns 6.300 cruzeiros por mês). Mas não estou trabalhando em uma profissão para a qual fui treinado. Vocês acham que a eleição vai mudar essa situação?” — perguntou retoricamente.

— “Claro que não”, respondeu sem nos dar tempo para uma intervenção. “As coisas mudam só quando chegam a um ponto extremo demais, e se tornam insuportáveis para as pessoas. Como na Grande Depressão. Aí sim. Surgiu o salário-compensação pelo desemprego e a segurança social, que garante a aposentadoria.”

Não me lembro da pergunta que fez o jornalista Eduardo Figueiredo, que, como eu e o Chico Pinto (da Visão), ouvia atentamente o papo. Mas deve ter sido relacionada a quanto um americano médio recebe de aposentadoria do governo através da segurança social (social security).

— “Esses velhinhos recebem 200 dólares por mês. O que não dá para comer decentemente. Pior ainda, se tiver que sustentar a mulher. Como não têm dinheiro para comprar comida de gente, deve se contentar com comida de cachorro.”

Para não dar a impressão errada: comida de chachorro nos Estados Unidos é preparada com muito cuidado, e colocada nas gôndolas dos supermercados em latas e pacotes muito atraentes. E, em um país de amantes de animais de estimação, é uma grande indústria, que fatura mais de 5 bilhões de dólares por ano.

— “Esses velhinhos têm que comer comida de cachorro porque é mais barata. É uma comida rica em proteí-

nas, mas... é preferível poder ainda dirigir um taxi.”

Por pior que fossem as coisas para o motorista, nós não víamos miséria na Califórnia. Não foram só as “super-highways”, moderníssimas rodovias, que nos impressionaram. Mas também a limpeza escrupulosa de Los Angeles, que não tem a aparência de cidade que vive intensos problemas sociais. Watts, o subúrbio negro que explodiu em 1968, nós não chegamos a ver. Em Los Angeles, tudo parece novo. Os prédios podem ter sido construídos ontem, mas, incrível, as calçadas não têm buracos. E a poluição do ar nos pareceu bem mais tolerável do que a de São Paulo.

Ao chegarmos ao aeroporto, o motorista se apressou a retirar as malas e, ao voltar para a direção, se despediu com um aceno (deve ter ficado satisfeito com a gorjeta). Ele também não parecia uma pessoa infeliz. A determinação com que voltou ao trabalho parecia demonstrar que estava disposto a aceitar a sua carga.

O desinteresse do rapaz pelas eleições, que dias atrás movimentaram seu Estado com a realização de eleições primárias, não é um fato estranho. Nos Estados Unidos, ninguém é obrigado a votar: título de eleitor não é documento indispensável para se registrar no emprego, tirar passaporte, etc. O eleitor só vota se estiver interes-

sado. E não parece, pelo rumo das eleições primárias, que os americanos tenham mais interesse pelo próximo pleito presidencial do que pelos anteriores. Apesar de tudo o que publicam os jornais, não se sente nenhuma vibração popular em torno dos nomes surgidos até agora.

O PLANTADOR DE AMENDOIM

Está longe de ser um duelo entre John Kennedy e Richard Nixon. Um jornalista do Los Angeles Times, que nos acompanhou num passeio pela cidade, deixou entender que não gosta de Ronald Reagan. Mas não é também entusiasta de Gerald Ford ou Jimmy Carter. Se votar, talvez escolha este último.

Na realidade, se há alguma coisa de novo na atual estação eleitoral dos Estados Unidos, é a presença desse sulista, falando um inglês arrastado (mesmo para um brasileiro, dá para perceber), ex-oficial de Marinha, que enriqueceu como plantador de amendoim: James Earle Carter, Jimmy para todo o mundo. Vi Carter na televisão de meu quarto de hotel, a cores. O Pessoinha, do Jornal da Tarde, tem razão: é o tipo clássico do americano de meia idade, louro de olhos azuis, com cara de garoto. Uma imagem que vende fácil. Observei o seu famoso sorriso, de grandes dentes brancos, ao responder aos repórteres que o bombardeavam com

perguntas sobre as razões por que Robert Schrum, contratado há poucos dias para redigir seus discursos, tinha abandonado a campanha.

— "Não quero fazer nenhum comentário", respondeu Jimmy todo sorrisos.

— "Não seria porque sua campanha não tem conteúdo definido?" — voltou a insistir a agressiva imprensa americana.

— "No comment", foi a resposta dada novamente com um amplo sorriso, como se dissesse: "Não, meninos, vocês não me pegam com essa". E ninguém conseguiu arrancar-lhe uma palavra sobre o assunto político mais quente da campanha naquele momento.

A expressão dos entrevistadores era de clara insatisfação, apesar das amabilidades de Carter, o que me fez perguntar se a imprensa americana real-

mente gosta de Jimmy. O que tenho lido leva-me a pensar que os jornalistas — em sua grande maioria de tendência liberal — têm vontade de gostar dele, mas não conseguem. Carter, afinal, é pró ou contra quê? Carter evita se comprometer ao máximo. Quando o apertam, diz que o tema merecerá um pronunciamento especial quando for candidato do Partido Democrata. Por enquanto é candidato a candidato.

Só uma vez a imprensa conseguiu pegar Jimmy em uma gafe. Para ganhar as primárias da Pensilvânia, onde os grupos trabalhistas e de imigrantes são muito fortes, Carter disse que era contra a destruição dos chamados bairros étnicos (ethnic neighborhoods). Os jornais e revistas liberais caíram-lhe em cima, interpretando suas declarações como contrárias à ascensão social dos negros, que se pro-

cessa através da mudança para bairros de padrão melhor, habitados pelos brancos. Carter, a princípio, adotou uma atitude de teimosia, recusando a retratar-se. Depois, pediu desculpas publicamente aos negros e elas foram aceitas por Martin Luther King Sr. (pai do famoso pastor) e outros líderes.

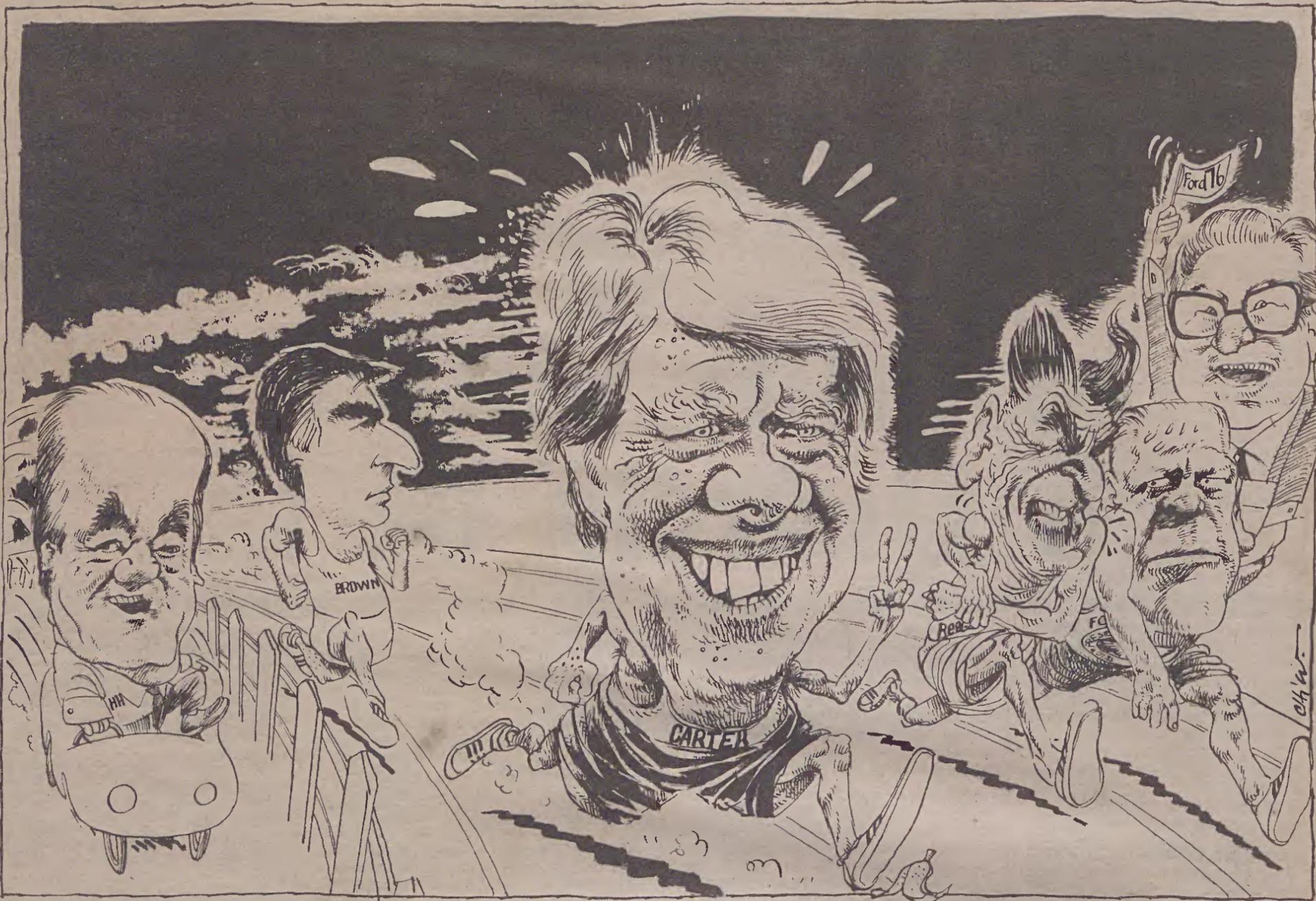
Racista é uma coisa que Jimmy não é, apesar de sulista. Sua campanha não se cansa de proclamar que nomeou mais negros para o governo do Estado da Geórgia, do que qualquer outro governador antes ou depois. Sua passagem por aquele cargo deu-lhe também a fama de administrador competente. E ele promete racionalizar a burocracia de Washington quando estiver na Casa Branca, o que, tem certeza, acontecerá a partir de 20 de janeiro de 1977. Em questões internacionais, não adota a linha dura defendida por

outro candidato democrata, Henry Jackson, mas também não está entre o grupo "soft" (mole). Afinal, quem esperaria outra posição de um ex-oficial de Marinha, que trabalhou com o almirante Hymon Rickover, de atuação tão decisiva na corrida armamentista?

O FIM DE KISSINGER

Convenhamos que essas posições não representam muito como mensagem para um homem que pretende dirigir os destinos da maior nação do mundo nos próximos quatro anos. Mas são apenas estas, por enquanto, as idéias de Jimmy. No mais, ele se caracteriza por uma profunda fé religiosa (batista evangélico), e prega a volta da felicidade ao poder. Carter reza e medita muito, e este parece ser mesmo um traço de família. Sua irmã,

PARA VENCEDOR, CART. DUPLA COM STEVENSON III.
Os "aprontos" (até o começo da semana)



PARTIDO DEMOCRATA

	PRIMÁRIAS GANHAS	Nº DE DELEGADOS
Jimmy Carter	13	736
Morris Udal (1)	—	266
Henry Jackson (2)	2	217
George Wallace (3)	1	140
Adlai Stevenson III (4)	—	85
Robert Byrd (5)	1	33
Frank Church (6)	1	18
Jerry Brown (7)	1	15
Hubert Humphrey (8)	—	—

- (1) Embora não tenha ganho nenhuma primária, tem uma chance remota. É o favorito dos liberais. Pode ser, quem sabe.
- (2) Azarão. Correndo mal na grama molhada, foi derrotado por Carter nas primárias da Pensilvânia, o que praticamente liquidou suas chances. Pode pagar placê.
- (3) Não tem possibilidade nenhuma. Sua derrota para Carter na Flórida acabou com suas pretensões como líder do Sul. Não se acredita também que possa sair como candidato independente, como em outras eleições. Sua carreira na "política presidencial" é considerada extinta.
- (4) Neto de um vice-presi-

- dente e filho de um candidato a presidente. É atualmente senador por Illinois. Dizem que está concorrendo à vice-presidência. Sendo de um Estado do Norte combinaria muito bem com Carter na chapa. Placê. Definitivamente.
- (5) Representante de seu Estado, a Virgínia. Concorre para constar e poder manobrar votos de seus delegados no primeiro escrutínio da Convenção. Faz número.
- (6) Não conseguiu ser levado muito a sério como candidato à presidência, apesar de sua atuação na Comissão que investigou as atividades da Central Intelligence Agency (CIA). Dizem que está concorrendo ao posto de secretário

- de Estado de Jimmy Carter. Placê, mas difícil.
- (7) Tem alguma chance. Jovem (38 anos), um misto de guru e seminarista, elegeu-se há dois anos governador da Califórnia. Mas é considerado ainda muito "verde". Placê.
- (8) O patriarca do Partido. O velho preferido dos sindi-

catos. Sua imagem foi comprometida por seu apoio à Guerra do Vietnã (era vice-presidente de Johnson). Foi candidato contra Nixon em 1968. Pode ser uma solução de compromisso na Convenção, embora tenha renunciado publicamente a qualquer aspiração presidencial há cerca de um mês.

PARTIDO REPUBLICANO

	PRIMÁRIAS GANHAS	Nº DE DELEGADOS
Ronald Reagan	6	495
Gerald Ford	10	418

Ruth Carter Stapleton, é ainda mais fervorosa, dedicando-se de corpo e alma ao evangelismo e às sessões de "faith-healing" (cura pela fé).

Hubert Humphrey, que há um mês renunciou a qualquer aspiração presidencial, mas ainda é o "elder statesman" ou patriarca do Partido Democrata, apresentou no Senado um projeto visando a garantir o desaparecimento do desemprego nos Estados Unidos, que atualmente anda pela casa dos 7,5%. Pelo seu projeto, o governo se comprometeria a manter essa taxa ao nível de 3%, que os economistas consideram praticamente como pleno emprego, pois abrangeria apenas as pessoas que estão saindo de uma empresa para entrar em outra. Para manter esse nível, o governo federal, se não conseguisse colocar os desempregados, os contrataria para obras, pelo menos temporariamente. Considera-se que todo candidato democrata tem o "dever moral" de apoiar esse projeto, cuja aprovação pelo Congresso não é de modo nenhum certa. Carter conseguiu, até agora, sair pela tangente. Ele não deu explicitamente seu apoio à proposta de Humphrey, limitando-se a declarar que é favorável a que se dê "um emprego a cada americano".

Essas informações são constantemente veiculadas pela imprensa e pela televisão, tão ricas em pormenores (ficamos sabendo, entre outras coisas, que se for eleito Edmund Brown Jr., governador da Califórnia, outro postulante à candidatura democrata, será o primeiro presidente solteiro desde James Buchanan, antecessor de Abraham Lincoln). Mas essa imprensa informativa ao ponto da exaustão, como a dos EUA, não consegue descobrir quais os verdadeiros temas que distinguem Carter de Ford ou Reagan. Este último, conservador radical, não é bem igual a Jimmy em certas posições, como por exemplo o Canal do Panamá.

Reagan acha, francamente, que o Canal é dos americanos, que o construíram, e que as pretensões panamenhas de controle são ridículas. Carter é a favor de um "modus vivendi" com os panamenhos, de um acordo que lhes conceda uma soberania limitada sobre o Canal, a mesma política gradual defendida por Ford. Claro, Jimmy, como democrata, demitiria Kissinger. Poderia pôr em seu lugar o professor Zbigniew Brzezinski, especialista em questões internacionais, que, como Kissinger, não é americano nato. Brzezinski nasceu na Polónia. A não ser os revisores de jornais, alguém sentiria diferença na política exterior americana?

de juncto importante que muitos têm — do é que a provável candidatura de Carter não seria fruto de maquinarias políticas, de entendimentos de bastidores, mas do apelo direto ao povo. De fato, Jimmy Carter preferiu a escalada das eleições primárias para obter a candidatura democrata. Há meses, ele era praticamente desconhecido do público americano. Foi a simpatia que o colocou no lugar onde está agora (736 votos comprometidos na Convenção, de acordo com a posição no começo da semana, tendo vencido 13 primárias; para se eleger candidato democrata, precisa obter os votos de 1.505 delegados). Estaria Jimmy Carter realizando nos EUA algo parecido a uma "revolução pelo voto"?

Comparar a vida política de dois países é extremamente difícil, principalmente se esses dois países são os Estados Unidos e o Brasil. Mas Jimmy nem remotamente se parece com a figura de Jânio Quadros, Jânio nunca foi homem de sorrisos. Conquistou o eleitorado de formas mais dramáticas. É mesmo impossível imaginar o ex-presidente brasileiro defendendo a colocação da felicidade no centro do poder.

O fenômeno político que está ocorrendo lá não se parece também com o que ocorreu aqui em 1960. Em face da política brasileira da época, o populista e professor Jânio representava um esquema de forças mais definido. Encarnava mais a necessidade de mudança do que Jimmy.

Apesar de tão diferentes, os dois, porém, têm um importante atributo em comum: são "bons de urna", como comentou o jornalista Kleber de Almeida, usando uma expressão mineira meio fora de uso. Pensando bem, talvez Jimmy Carter se pareça mais com Orestes Quercia, que também possui esta misteriosa qualidade.

O grande apelo de Jimmy Carter, neste momento, é talvez o fato de sua candidatura demonstrar que o sistema americano "funciona" reafirmando o que ocorreu no caso Watergate. O grande público, a maioria silenciosa, a "Middle America" talvez esteja procurando demonstrar que pode colocar na Casa Branca um plantador de amendoeiras, um homem igual a eles, que não se envergonha de fazer praça de suas convicções religiosas, digam o que disserem os intelectuais sofisticados que têm a pretensão de dirigir o país.

Quanto a mudar, ou fazer a sociedade americana realizar um novo avanço social, sou levado a crer que aquele chofer de taxi de Los Angeles estava certo: as coisas só mudam mesmo quando ficam muito pretas.

PSICOTRANSA



Roberto Freire

"Não pretendo tratar dos assuntos que me revelou como cliente"

"O problema de Elis Regina não é de terapia: mau-caráter não tem cura"

Quando o Falso Brilhante completou 100 apresentações para cerca de cem mil pessoas, cinco meses consecutivos no Teatro Bandeirantes, Elis Regina recebeu expressivas homenagens no Jornal da Tarde: foto de 1/2 capa e confidências íntimas em 1/2 página em página interna.

Entretanto, o assunto principal da reportagem é o que a entrevistada chama de "Terapia do Macunaíma".

Como sou responsável pela terapia no Centro de Estudos Macunaíma, como sou parte da equipe que nesse centro realizou o espetáculo em que Elis trabalha, agradeço a homenagem em nome de meus colegas do Macunaíma e aproveito o material da entrevista para refletir como meus leitores sobre as relações e diferenças existentes entre problemas de natureza psicológica, de ignorância e mau-caratismo.

Em primeiro lugar, é preciso salientar que não sou citado nominalmente na entrevista, e que não pretendo aqui tratar dos assuntos que me revelou como cliente e que são de sua exclusiva propriedade.

Apenas analisarei o que ela mesma tornou público, com a devida náusea sem dúvida, mas com o dever de homem de teatro e terapia por ela desrespeitados e insultados. E utilizarei o fato de ser jornalista também, para salientar a existência de outras éticas tão ou mais importantes que a médica: jornalística e, sobretudo, a humana.

Em nome dessas éticas é que denunciarei o mau-caratismo de Elis Regina.

Referindo-se ao processo que Miriam Muniz e Naum Alves de Souza movem contra ela na justiça, Elis declara admirar a diretora de Falso Brilhante e conclui: "O que aconteceu nessa história eu sei muito bem: a Miriam seguiu a bandeira de outra pessoa, inocentemente. Ela foi envolvida e nem percebeu".

Todo mau caráter é dedo-duro, intrigante e covarde. Quem você está entregando Elis? De que bandeira você fala?

Mais adiante a repórter diz que "O caso foi à justiça, que deu razão a Elis: o trabalho de Miriam como diretora não implica em autoria do espetáculo". Foi você, Elis, que informou isso à repórter? Ou é fruto da incompetência dela em prejuízo do jornal? Sim, porque o processo continua na Justiça e sem o parecer final do juiz encarregado.

Quando a repórter insite um pouco, Elis "desabafa": "Quando nós procuramos o Centro de Estudos Macunaíma, estávamos interessados eu, e todo meu grupo de trabalho — que inclui desde músicos até técnicos — em montar um show em bases sérias e elaboradas. E lá fomos submetidos a uma rápida terapia individual e de grupo para chegarmos à expressão corporal. E a terapia do Macunaíma quase nos enlouqueceu. Nós demoramos um pouco para perceber o processo de envolvimento e dependência que estava sendo montado em torno de nós.

O mesmo processo que já se incorporou inconscientemente a Miriam. E até descobriremos isso passamos por momentos os mais difíceis."

Outra característica do mau-caratismo é a mentira como instrumento da difamação irresponsável. Você sabe, todo o seu grupo sabe, que só você e o Cesar Mariano fizeram terapia comigo.

Há muito mais a comentar sobre este parágrafo de seu depoimento. Mas vamos juntá-lo a outro, para sermos mais sintéticos: "Nós ficamos muito mal, o grupo inteiro, um

rapaz do conjunto quis se suicidar, eu perdi o controle a ponto de precisar de ludoterapia. As coisas se movimentavam num crescendo tão alucinante, teve um momento que compreendi não ser possível um psicodrama por noite. Não tinha sentido subir ao palco junto com o pessoal e levar as coisas tão a sério a ponto de em vez de representar, viver sofriadamente cada segundo do espetáculo". Assim as coisas ficam mais claras. Vamos separar o que é mau-caratismo do que é ignorância em suas declarações.

Mau-caratismo: desrespeito à competência profissional e à dignidade humana de Miriam Muniz, supondo-a passível desse tipo de influência e de dependências a que você se refere, numa tentativa de desvalorizar seu trabalho e continuação ao espetáculo do qual você se apropriou indevidamente. Mau-caratismo também é você revelar o caso desesperado de seu colega (que eu desconhecia), pois você não vai convencer ninguém que exercício de expressão corporal, técnica de relaxamento e aquecimento para melhor postura e trabalho cênico possam levar alguém ao suicídio.

Vamos agora à ignorância e à falsa cultura.

Você sabe, Elis, que em qualquer escola de teatro existem cursos de psicologia do ator e psicologia da arte dramática? Sabe que Miriam Muniz é formada numa dessas Escolas? Não existe teatro sem psicologia. Ensaios e laboratórios de interpretação implicam em lidar com psicologia do comportamento e dos conflitos humanos. Em teatro sério o ator trabalha com sua vida, com todo o seu corpo, não apenas com sua laringe. Sim, é preciso corgem, como aliás tudo que é sério na vida e na arte.

Pois foi isso o que Miriam fez com você no palco e eu no consultório, assessorando sobretudo pelo Viola em expressão corporal.

Você tinha potencial para ser atriz, por isso aceitamos trabalhar com você. E para revelar estes potenciais, ajudamos-la psicologicamente e tecnicamente a vencer seus bloqueios e inibições.

Você sabe que ficou famosa também pela inexpressividade fisionômica e pela estereotipia gestual. Essa a razão porque seus shows fracassavam e porque não teve mais convites para fazer televisão. Não foi mesmo fácil fazê-la adquirir postura de palco, sinceridade interpretativa, liberdade de movimentos e, sobretudo, fazer você parecer simpática ao público. Essa luta é o que você chamou de "quase ficar louca", de "alucinações".

Outra coisa Elis, você fez mesmo ludoterapia? Não acredito e acho até engraçado. Pelo que sei, essa técnica vem sendo usada apenas para crianças ou pessoas que não conseguem se comunicar verbalmente.

Bem, Elis, o que aconteceu com você não é fruto de neurose nenhuma. Você também sabe disso, e eu estou farto de saber que seu caso não se cura com terapia alguma: faz parte do mau-caratismo geral que assola o mundo.

Para finalizar, uma revelação: daquele monstro que tenta abraçá-la e engoli-la em certo momento do espetáculo é como eu vejo o mau-caratismo tentando destruir o que há de honesto e verdadeiro nas pessoas. Essa não é a concepção de quem dirigiu o espetáculo. Mas é exatamente como eu vejo a sua vida de artista depois de Falso Brilhante.

Caixa Econômica Federal

AVISO

TOMADA DE PREÇOS N.º 08/76

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL — CEF — Filial de São Paulo, dá ciências aos interessados que se acha aberta Tomada de Preços para construção de sede própria para a Agência Presidente Prudente, à Rua Tenente Nicolau Maffei, s/n.º, na cidade de Presidente Prudente, Estado de São Paulo, sob o regime de empreitada global, nas condições abaixo:

- 1 — HABILITAÇÃO PRELIMINAR: As firmas interessadas deverão habilitar-se junto à CPC desta Filial, até dia 08.06.76.
- 2 — DOCUMENTAÇÃO: Para Habilitação é necessário que a firma comprove
 - 2.1. — sua personalidade jurídica;
 - 2.2. — sua capacidade técnica mediante declarações que atestem o cumprimento de obrigações da mesma natureza;
 - 2.3. — sua capacidade financeira mediante elementos do Edital inclusive que possui Capital Social de Cr\$ 1.050.000,00;
 - 2.4. — ter feito caução de Cr\$ 52.500,00, em espécie ou ORTNs.
- 3 — PROPOSTAS: As propostas das firmas consideradas habilitadas pela CPC serão recebidas e abertas às 10,00 horas do dia 15.06.76.
- 4 — EDITAL E MAIORES INFORMAÇÕES: Poderão ser obtidas com a CPC, à Praça da Sé, 111 — 5º andar — sala 518 — COMISSÃO PERMANENTE DE COMPRAS E CONTRATAÇÕES.

ECONOMIA



Klaus Kleber

Um sistema de quotas para a importação, racionamento de gasolina, contenção do turismo externo, as alternativas

Nesse ritmo, não tem jeito — deverá ser alterada a política econômica



No começo da semana, a notícia já era dada como confirmada: a gasolina vai aumentar 15% a partir de 1º de junho. Azul vai para Cr\$ 5,40 e amarela para Cr\$ 4,14. Depois das sucessivas desvalorizações do cruzeiro (pela última, o dólar passou a custar Cr\$ 10,55 para venda), não é surpresa nenhuma. O que é difícil vislumbrar, a esta altura, é como o governo vai sair desse impasse: cada vez que desvaloriza o cruzeiro, deve aumentar a gasolina; cada vez que aumenta a gasolina, concorre para alimentar a alta de preços; com o crescimento da inflação, é obrigado a desvalorizar o cruzeiro, inclusive para facilitar a saída dos produtos de exportação. E começa tudo de novo.

A balança comercial não se comporta, apesar das medidas de restrição às importações. Admite-se, tranquilamente, que o déficit comercial nos primeiros quatro meses deste ano tenha ficado praticamente no nível do ano passado: US\$ 1,1 a US\$ 1,2 bilhão, segundo o "Estadão". Houve uma certa redução das importações este ano, que, da faixa de US\$ 1 bilhão a US\$ 1,1 bilhão por mês, no primeiro quadrimestre de 1975, estão variando agora em torno de US\$ 950 a US\$ 1 bilhão. Mas as exportações caíram em relação ao mesmo período do ano passado. A queda é conservadoramente estimada em 7% em 1976. Os técnicos dizem que os resultados da política adotada só se farão sentir a partir de maio. Estamos dispostos a acreditar, mas disseram o mesmo em relação ao mês de abril.

O raciocínio dos técnicos é que, depois de maio ou início de junho, os importadores vão deixar de receber a devolução dos depósitos feitos de acordo com a Resolução nº 331. É preciso explicar que, em julho de 1975, quando timidamente procurou conter as importações, o governo exigiu um depósito prévio igual ao valor da mercadoria importada pelo prazo de 180 dias. Em dezembro, pela Resolução nº 354, ampliou o prazo para 360 dias. Ocorre que, ao chegar em janeiro deste ano, os importadores já estavam recebendo o valor depositado há seis meses, possibilitando fazer o novo recolhimento sem muita dor. A partir de meados de junho, essa fonte vai secar até o começo de dezembro. O depósito pesará mais então sobre os custos das empresas, fazendo-as conter as importações.

Se isso é bom por um lado, tem seus problemas de outro. Com o maior peso dos depósitos sobre os custos, os preços tenderão a se elevar, apesar da intenção do Conselho Interministerial de Preços (CIP) de não permitir que a transferência dos custos para o consumidor exceda certos limites. A pressão das empresas

sobre o crédito também deverá ser maior: outro fator inflacionário. Isto sem falar nas maiores possibilidades de falências, concordatas, queda no nível de emprego etc.

É preciso evitar o pessimismo. Se as exportações reagirem, como se espera, o governo poderá ir afrouxando os controles sobre o crédito, possibilitando a manutenção de um ritmo de atividade razoável. É possível também que, com o passar do tempo, as empresas se equipem de forma a substituir matérias-primas e máquinas importadas, encontrando sucedâneos no mercado interno, de forma a atenuar os custos.

Mas este é ainda um grande "se". Os fatos recentemente anunciados não têm sido animadores. A permanecer a situação atual, as autoridades, mais dia menos dia, terão que alterar a sua política. As alternativas são cada vez mais claras: apesar de todos os inconvenientes, como aumento da burocracia, possibilidade de corrupção etc., pode não haver outro jeito senão impor um sistema de quotas para as importações do setor privado.

Esta medida poderia ser precedida de outras igualmente austeras: como um racionamento de gasolina, não abrangendo os veículos de massa, mas apenas os veículos particulares, para os quais seriam fixadas quotas de consumo, como sugeriu a "Gazeta Mercantil." Para manter a coerência, muitos são os técnicos do governo que acham também que o governo deve agir com rapidez para conter os gastos com o turismo externo. Alega-se que as autoridades não tomam medidas como estas para não "incentivar" o câmbio negro com moedas estrangeiras. A pergunta é inevitável: por que não se procura controlar o câmbio negro?

Muitas dessas idéias não são novas. Nós mesmos já as mencionamos nesta coluna. O que não se compreende é por que ainda não foram adotadas. Ninguém morrerá se elas entrarem em vigor. Pode haver desemprego na indústria automobilística e de autopeças, se for imposto o racionamento de gasolina. Mas, certamente, as autoridades têm meios para evitá-lo através de subsídios às empresas, possibilitando a conservação de sua força de trabalho durante os meses mais críticos.

A situação da economia brasileira, que se aproxima rapidamente da hora da verdade, está exigindo soluções à altura dos problemas.

para b
ados
re

Alterar os incentivos: exercício de criatividade

O acordo preliminar entre os EUA e o governo brasileiro, oficialmente chamado de "comunidade conjunto", assinado durante a visita ao País do secretário do Tesouro, William Simon, pareceu a princípio uma grande vitória. Hoje há muitas dúvidas. Os Estados Unidos se comprometeram a retirar a sobretaxa sobre as bolsas de couro exportadas pelo Brasil para seu mercado e em não aumentar até o fim de 1977 os direitos que pesam sobre os calçados nacionais. Em contrapartida, o Brasil se comprometeu a retirar alguns incentivos para exportação de óleo de soja e outros produtos acusados de serem subsidiados.

Admitindo que o governo dos Estados Unidos possa cumprir os compromissos assumidos (o que não é tão fácil assim, pois é necessário a concordância do Congresso), poderia o governo brasileiro executar a sua parte, sem prejuízo dos exportadores nacionais?

A resposta é muito difícil. Presume-se que a idéia é substituir os incentivos por créditos a juros baixos. Alguns empresários acham essa alternativa inviável. Dificilmente (é quase impossível) dizem eles, fazer com que o total de créditos coincida exatamente com o valor dos incentivos retirados. O grande temor é de que fiquem muito aquém em vista da escassez de crédito, que já está atingindo também aos exportadores.

Se o governo decidir criar novas linhas de crédito com a finalidade de compensar incentivos, poderia vir a ser prejudicado outro objetivo da política oficial, que é conter a expansão dos meios de pagamentos (depósito à vista mais dinheiro em circulação), de modo a deter simultaneamente a ascensão das importações e a escalada dos preços.

Existe a hipótese de ir buscar dinheiro lá fora, contrair novos empréstimos para repassar aos exportadores. Se essas

operações foram realizadas em condições normais de mercado, o seu alto custo exigirá um grande subsídio por parte do governo, além de fazer aumentar o total da dívida externa. Essa saída, portanto, só seria viável se fossem obtidos financiamentos de instituições internacionais a juros favorecidos. Em vista, porém, da finalidade dos empréstimos, as possibilidades são remotas. De qualquer forma, os empréstimos externos, que teriam que ser convertidos em cruzeiros, também concorreriam para a expansão dos meios de pagamento.

A solução poderia ser a alteração do sistema de cálculo das contribuições para a Previdência Social, tomando como base o faturamento de cada empresa, e não a folha de pagamento como atualmente ocorre. A alternativa teria vantagens, pois beneficiaria as empresas que empregam grande volume de mão de obra e as que exportam em quantidade, aumentando, assim o faturamento e diluindo os custos.

Ocorre, porém, que uma medida como esta não pode ser tomada isoladamente, só para os exportadores. Seria necessária uma reformulação total, não só dos incentivos, mas de todo o esquema montado de controle das contribuições para a Previdência.

Significa isso que os incentivos permanecerão inalterados? O ministro da Fazenda disse que não. O governo brasileiro pretende cumprir sua parte. Para alguns analistas, essa atitude de Simonsen indicaria que estão em estudos medidas que fariam parte de um pacote, alterando toda a política de comércio exterior. Seriam, porém, mudanças de forma, não de conteúdo. A ênfase sobre a exportação continuaria a mesma. Segundo elas, encontrar a solução para o problema é apenas um exercício de criatividade.



Clementina cadê você?

ELA ESTEVE AQUI, MANDANDO BRASA!

Chegou mancando, controlando os passos, escorada por Carlos Cachça e Delegado. Elegantíssima, vestido azul-esverdeado, peruca de mechas brancas. Sentou num banco e esperou a vez. No palco do Curso Equipe, Paulinho da Viola e Elton Medeiros iniciavam o show que abriu a Semana do Negro na Cultura Brasileira, domingo passado. Depois ainda entrou Zé Ketí e conjunto. Só no fim da tarde, já sob as luzes dos refletores da TV Cultura — que gravou um tape do show —, ela começou a cantar. Tinha ordens médicas para cantar 4 músicas e assim mesmo, sentada. Não aguentou: cantou mais de 10 — sambas, jongos, partido alto. Só parou porque a dentadura ameaçava cair. Por ela, cantava até o dia seguinte:

— Se eu morrer cantando, o que eu vou fazer?

Clementina de Jesus, aos 73 anos, mostrou porque é a rainha do samba e foi a dona do show-saudada por mais de 500 jovens aos gritos de "Clementina cadê você?"

— Mãe! gritou Elton. Como cê tá bonita, mãe!...

— A mãe vai bem, meu filho, louca para mandar uma brasa!

Paulinho e Elton escreveram como ia ser o show num pedaço de papel. Quando Clementina chegou, Paulinho perguntou as músicas que ela ia cantar. E Clementina leu, com dificuldade, um papel escrito em cima da perna pelo Delegado — mestre sala nota 10 da Mangueira e hoje no Camisa-Verde-e-Branco. Foi Paulinho quem combinou com ela os acompanhamentos:

— Na hora dos jongos, a gente acompanha com as mãos, fica melhor.

As luzes da televisão se acenderam. Ajudada por Paulinho e Elton, Clementina subiu ao palco. Fernando Faro, o produtor da TV, pediu que ela esperasse um pouco, até o sinal de começar. E Clementina esperou de pé, cochichando com Paulinho da Viola, ao seu lado, mas esquecendo que falava também no microfone:

— Paulinho, meu filho, a velha aqui tá louca pra mandar essa brasa.

Fernando Faro deu o sinal, ela mandou brasa.

O primeiro samba cantou de pé: "Pergunte ao João". Depois, cansou, sentou numa poltrona, engrenou uma primeira e não parou mais. Jongos, partidos altos, sambas do Carlos Cachça, Paulinho da Viola, Cartola, Xangô. A garotada pedia mais, delirava. Paulinho e Elton, preocupados, olhavam para Clementina

sempre ao final de uma música, mas ela fazia sinal de que estava tudo bem e logo começa outra. Uma hora ela parou, virou-se para o Paulinho e foi dizendo:

— Quase que a menina (dentadura) cai, meu filho. Acho que tá na hora de parar.

E parou. Todo mundo de pé gritava o seu nome. Ela não aguentou.

Sentou-se de novo, chamou Paulinho, Elton, Delegado e cantou mais duas músicas. Clementina desceu do palco escorado pelo Elton. Foi logo cercada pela garotada. As pessoas todas estavam preocupadas com ela.

— Mas seu médico não disse que não cantasse mais de 4 músicas, Clementina?

— Falou. E daí? Tava tudo muito bonito, eu não podia parar.

Elton Medeiros explicava que Clementina teve um derrame há pouco tempo e ficou com o lado esquerdo paralisado, mas estava impressionado com a sua vitalidade.

— A mãe está em grande forma!

Enquanto Paulinho e Elton foram para a casa de Fernando Faro assistir ao jogo do Brasil x Inglaterra pela TV, Clementina seguiu para o hotel, louca para voltar para sua casinha no Engenho de Dentro, subúrbio do Rio. Ia dormir porque não viaja à noite. Antes de sair, colocar o pé na rua, avisou o pessoal que não a deixava ir embora:

— Vocês precisam comprar o meu disco que saiu agora. Ele está demais. A mãe aqui tá com tudo no disco.

E saiu rua afora, mancando, controlando os passos, escorado por Carlos Cachça e Delegado, dois velhos amigos da Mangueira, elegantíssima, toda satisfeita. Levando consigo o seu maior sonho, aos 73 anos: uma casa própria

José Trajano



Rápido. Pense em alguém que trabalha na velocidade de São Paulo.

Você deve conhecer a instituição financeira que se estruturou em função desta população dinâmica e apressada: a nossa Caixa.

Mas como velocidade só se mede por números, aqui vão alguns que o ajudam a saber com exatidão as máximas do velocímetro: em 1975, a nossa Caixa atingiu 10 bilhões de cruzeiros em depósitos, 390.000 novas contas, financiou 11.944 casas próprias, deu 3,2% de rendimentos ao mês (juros+correção monetária+desconto de imposto de renda) a 911.000 cadernetas de poupança (ela detém 10% da totalidade das cadernetas de poupança de todo o país), emprestou, em seis meses, 310 milhões de cruzeiros através do Crédito Pessoal, criou o financiamento de Bolsa de Estudos que vai beneficiar milhares de estudantes. Com tudo isso, hoje ela é a quarta instituição financeira do Brasil, operando só no Estado de São Paulo.

Na hora de fazer qualquer negócio, pense rápido nesse alguém que tem condições de atender a tanta gente, com tanta satisfação.

Mesmo se o que você precisa é ser atendido como se fosse seu único cliente.



**Caixa Econômica do
Estado de São Paulo.**
-na velocidade de São Paulo.



São Paulo - porta do progresso nacional

DEFESA DO CONSUMIDOR

Zuleica Seabra Ferrari



Os leitores continuam enviando suas reclamações e críticas. Desta vez, um se queixa de uma empresa que presta serviços na área de assistência médica; outro, de uma loja de móveis; e o terceiro, de um apelo contido na promoção de um shampoo.

Gastou Cr\$ 15.695,20, foi reembolsado em Cr\$ 5.210,00

Serve a presente para um brado de alerta àqueles que, menos avisados, procuram determinadas empresas que oferecem garantias de assistência médica e hospitalar.

Na verdade, não entendemos o porquê de as autoridades não fiscalizarem essas empresas, pois sabemos que algumas são verdadeiras armadilhas para apanhar incautos que inocentemente procuram, mediante pagamento de parcelas mensais, assegurarem-se contra qualquer emergência de saúde. No entanto, quando procuram a assistência a que têm direito não só ficam frustradas como também verificam que os pomposos e caros anúncios dessas Empresas são apenas chamariques e que a realidade é outra completamente diferente.

O que ocorreu conosco, não é mais surpresa, pois várias queixas iguais já temos lido em vários jornais da Capital e consideramos o fato autêntico crime contra a economia popular... Referimo-nos à Empresa Senasa - Segurança de Saúde S.A. Em janeiro de 1975, inscrevemo-nos conforme contrato nº 23547, plano C, pelo qual mediante pagamento de prestações mensais tertamos o direito (para toda a família), em caso de necessidade, à internação gratuita em apartamento privativo de primeira classe, em qualquer hospital à nossa escolha e ainda à bonificação conforme tabela oficial dos médicos em caso de cirurgia.

As prestações mensais foram pagas religiosamente durante 13 meses. Ocorre que em janeiro de 1976 houve necessidade de intervenção cirúrgica de minha esposa. Conforme recomendação do nosso médico foi indicado o Hospital Matarazzo para a internação. Requeremos, portanto, à Senasa, a competente guia de internação e para nossa surpresa esta nos comunicou não ser possível esse hospital pois por razões óbvias estavam com o crédito suspenso naquela instituição.

O mesmo verificou-se em outros hospitais. Face à dificuldade existente, fomos "aconselhados" pela Senasa a proceder à internação por nossa conta, requerendo posteriormente o reembolso, que seria efetuado logo após a apresentação das notas de despesas. Em 29 de janeiro deste ano, conforme carta protocolada entregue à Senasa, requeremos o respectivo reembolso, conforme documentos comprobatórios. Em troca, recebemos uma guia de recibos entregues, nº 174, com pagamento de restituição prevista para 30.6.76.

Em 2 de fevereiro de 1976, solicitamos o cancelamento do carnê de pagamentos, pois a essa altura já sabíamos da falta de seriedade dessa empresa. No entanto, tivemos o cuidado de efetuar o pagamento da prestação do mês de janeiro do corrente ano, assegurando-nos dessa forma do direito de restituição. Em maio corrente, fomos solicitados a comparecer aos escritórios da Senasa pelo sr. Wilson, gerente da empresa, isto porque insistimos em que a restituição não fosse mais protelada. A proposta que a seguir nos fizeram, comprova realmente o verdadeiro logro em que cámos. Eis a proposta:

Despesas hospitalares comprovadas ..	Cr\$ 3.595,20
Valor proposto para reembolso	Cr\$ 3.250,00
Honorários do médico-cirurgião	10.000,00
Valor proposto para reembolso	1.200,00
Honorários do 1º médico auxiliar	800,00
Valor proposto para reembolso	240,00
Honorários do 2º médico auxiliar	500,00
Valor proposto para reembolso	120,00
Honorários do médico anestesista	800,00
Valor proposto para reembolso	400,00
Total dos valores efetivamente pagos:	15.695,20
Total dos valores propostos para reembolso:	5.210,00

Sabendo que tertamos dificuldades em obter melhores condições do reembolso, concordamos em receber o valor proposto para acerto final, mas, aí vem o complemento dessa vigarice toda, o valor restituível deveria ser aplicado como compensação no pagamento das prestações mensais a vencer do corrente ano, quando o carnê já fora devidamente cancelado.

Embora saiba que jamais seremos reembolsados, a experiência obtida e os prejuízos sofridos ficam como tributo àqueles menos avisados que se precavem contra esse tipo de arapuca que, sob a complacência dos organismos fiscalizadores, tranquilamente burlam a boa-fé de seus contribuintes à cata de lucros fáceis e altamente comprometedores.

Serafim Martins Araujo Capital

Henri Matarasso ganhou um inimigo

O leitor pede-nos a publicação desta cópia da carta que enviou à empresa da qual reclama:

É de lamentar que uma campanha publicitária tenha que se perder desta maneira. Henri Matarazzo gasta dinheiro com veiculação e pagamento de um cachê a um super-ator como Raul Cortez e não se prepara para atender na prática o que se propõe no vídeo.

Passemos aos fatos: fiz um pedido em 31 de março de 1976, na loja da Faria Lima, no valor de Cr\$ 35.000,00 (trinta e cinco mil cruzeiros), para faturamento em nome de minha firma. A entrega estava prevista para 14 de maio de 1976. Após a cobrança de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) como entrada e o saldo em 6 (seis) parcelas, foi-me solicitado, na hora, um pedido de minha firma, como também ficha cadastral. O pedido e a ficha foram entregues no dia 02 de abril de 1976.

Muito bem, no dia 13 de maio de 1976 fui à loja para confirmar a entrega quando por parte de um funcionário me foi dito não haver problemas.

As supresas começaram 1 (uma) hora depois. Recebemos um telefonema dizendo que a mercadoria não poderia ser entregue na sua parte mais importante (sofás e cor-

tinhas) pois a ficha cadastral tinha ficado pronta uma semana antes e eles não providenciaram a confecção sem a ficha. No que eu concordo.

Mas minha surpresa continuou. A mercadoria eles não entregam sem a ficha, mas emitiram duplicatas e pegaram o aceite no dia 27 de abril de 1976 isto é, 10 (dez) dias antes da aprovação da ficha e mesmo sem entregar a mercadoria. Devo esclarecer que o aceite foi dado por meu sócio, sabedor da compra, mas não sabia que a mercadoria não havia sido entregue, pois eu me encontrava fora do país.

Em resumo, Henri Matarazzo não entrega mercadoria mas emite duplicatas. Henri Matarazzo em 50 (cinquenta) dias não consegue fazer ficha cadastral de clientes, mas mesmo assim fatura e recebe entrada. Henri Matarazzo negou-se a faturar um pedido nosso, posterior a 31 de março de 1976, no valor de Cr\$ 900,00 (novecentos cruzeiros) após uma compra de Cr\$ 35.000,00 (trinta e cinco mil cruzeiros), não entregue mas faturada.

Uma sugestão à Henri Matarazzo: Mudem o título da campanha para "Campanha dos Novos Inimigos"

Dr. José Roberto Castro
Capital



Lavar os cabelos todos os dias, que agonia. Agonia para os cabelos e para o bolso das pobres consumidoras que estão sendo massacradas pela propaganda de determinado shampoo.

Acredito que ele deve ter perdido grande faixa do mercado infantil (até então ele era considerado um shampoo para bebês) por causa de uma caspinha que provoca no couro cabeludo das crianças - pelo menos foi o que pude constatar com a minha filha e em algumas crianças conhecidas. Agora resolveu atacar o público adulto, mais diretamente a faixa jovem, o que se pode deduzir pelo tipo de linguagem "bicho" utilizada. Independente da alergia que ele provoca na cabeça das crianças, o fato de não arder nos olhos (sem querer discutir também esse aspecto) não significa necessariamente que também não faça mal aos cabelos.

Qualquer pessoa que entenda um pouco de cabelos: dermatologistas, cabeleireiros e mulheres em geral, sabe, por outro lado, que não é exatamente o shampoo que estraga os cabelos, mas o próprio fato dele ser lavado todos os dias. Se forem cabelos oleosos, a água e a massagem que ele sofre durante a lavagem os tornará mais oleosos. Se forem secos, a lavagem diária os deixará mais secos e mais quebradiços.

E ainda que tudo isso fosse mentira, um só argumento bastaria para apontar a desonestidade dessa proposição: os cabelos não precisam ser lavados todos os dias, a menos que você more ou trabalhe dentro do túnel da 9 de julho. Sob o ponto de vista do consumidor, induzir as jovens a lavar os cabelos todos os dias é tão sórdido quanto provocar caspa nas cabeças das crianças.

Iracema de Alencar Capital

SEU CAFEZINHO SENDO FEITO: KURRRRRR, CLIC, CLAC, CHHHHH, PLEC. A FOTO: BUMMM, FLASHHH! SUA LETRA SENDO ANALISADA: PÓÓÓRRRUÓÓÓUÓÓÓRRR. BOTARAM UM MONTE DE MÁQUINAS NA PRAÇA, MÁQUINA ATÉ PARA TESTAR SEUS NERVOS. FOMOS TESTÁ-LAS. ALGUMAS FUNCIONAM, MUITAS ESTÃO EM DECADÊNCIA, OUTRAS NÃO PASSAM DE CAÇA-NÍQUEIS.

Texto de Victor Cervi Fotos de Joel Sian



1 Serv-o-Matic, o café que enguiça

Quem vê o monstrengo por dentro, não acredita: café torrado, água na caldeira, açúcar, leite em pó, copinho plástico, paletas de plástico e milhões de fios e motorzinhos. Mas enguiça que dá dó. Tanto é que a Serv-O-Matic, que aluga as máquinas, já está partindo para outra, a máquina de escritório, menor e mais prática. E, importante, mais lucrativa.

Uma pergunta que se ouve muito onde ainda existe a máquina — a grandona: — “Mas isto funciona?”
Vem uma resposta pálida lá de dentro do balcão:

— “Tá meio enguiçada, mas põe a ficha aí que acho que dá.”

A gente aperta um dos botões, põe uma ficha que custa 1 cruzeiro e 50 e espera. Se der certo, faz um barulho de serra elétrica, aí clic-clac e o café vem do gosto, conforme o botão apertado: com açúcar, com leite, sem açúcar ou com muito açúcar. Mas não chega nem ao pé do velho café de coador. Deve ser também por isso que o negócio não pegou: das 350 máquinas que havia na cidade, restam apenas 100.

2 A Cybergraph não passa de um realejo eletrônico, sem periquito, e a música é um barulho de liquidificador

Logo de frente para quem entra no Center 3, na Paulista com Augusta, mais parece um balcão de informações, com as três mocinhas sorridentes atendendo a quem chega perto. Mas não é. Ali fica a Cybergraph, a máquina que faz análise eletrônica da escrita. (Cyber de cibernética e graph de grafia). Existem 3 delas em São Paulo; esta no Center 3 e mais duas no Shopping Center Iguatemi. Todas iguais, com as três, mocinhas sorridentes de avental branco de enfermeiras. É fácil usar a máquina. É pagar 12 cruzeiros e escrever a frase “Eu gosto do Center 3” num cartão. Não pode ser “Eu detesto o Center 3?”

— “Não, se escrever outra frase, a máquina não analisa.”

— “E se eu falsificar a letra?”

— “Aí não tem problema”, as mocinhas sorriem o tempo todo, é realmente cativante.

Então vamos lá. Depois de escrita a frase, uma das mocinhas me dá uma nota fiscal, numerada. A minha é 7.245; mais de 7 mil jacus como eu já passaram por

aqui. Não estou sozinho. Aí, elas botam o cartão na máquina, um barulho estranho, como um liquidificador, e a Cybergraph entrega a análise, 6 cartõzinhos perfurados cheios de quadradinhos e números. Escrito assim na primeira: Você é uma pessoa muito introspectiva e muito sensível. Puxa vida, que novidade! Todo mundo é assim. Até um torturador deve ser, lá com seus botões, sensível e introspectivo. Mas vamos lá, a segunda fichinha: Você luta constantemente contra seu egocentrismo natural. Vamos por partes: egocêntrico: o sujeito que se creó o centro do mundo. Eu não me acho nada disso. E mesmo que eu fosse, tá lá na fichinha: egocentrismo natural. E se é natural, por que devo estar lutando contra?

Numa conversa com o gerente da Cybergraph, Richard Herson, um jovem filho de poloneses, ele tinha me contado que ficou, com outros cinco técnicos especializados, idealizando a Cybergraph por mais de um ano e meio. Diz o rapaz que a máquina não pretende ser um psicólogo eletrônico. Mas citou até Jung e mais de 50 livros que importaram dos Estados Unidos sobre o assunto.

A máquina, segundo Herson, faz 32 análises da escrita, como tamanho, inclinação, corpo, etc. E tem possibilidades de 33 mil combinações, com 80% de possibilidade de acertar. Acho que cai nos 20%. Senão, vejamos a terceira ficha, que nessa hora eu já enfurnava nas mãos, meio envergonhado de ter caído na história da análise. Veio lá: Você dificilmente se abre com alguém. Mas ô, Cybergraph, existe alguém no mundo que se abra completamente com qualquer um?

Agora a máquina me chama de duas caras, vejam só: Sua personalidade real difere em muito da personalidade que você aparenta. Tem um pouco de verdade — nas sextas-feiras, 13, eu viro lobisomem mas pouca gente sabe disso. A Cybergraph que se preparé, a próxima sexta-feira 13 cai em agosto, ainda por cima mês de cachorro louco.

Na quinta ficha, as mãos já tremendo, sinto até saudade de um bom realejo com sua musiquinha rangente e o periquito reumático. Olhem só: Você frequentemente peca pela auto-piedade em excesso. Sim, coitadinho de mim, tendo que vir aqui consultar a Cybergraph. Não podiam



me mandar para a Europa com todas as despesas pagas?

Aí veio a última ficha, o éxtase: Você é uma pessoa muito sensível e compreensiva em relação aos problemas alheios. Nada mau, até que chego a compreender quando o gerente da Cybergraph diz que vai montar mais duas, uma no Rio e outra em Salvador.

São todas importadas: veio da Inglaterra, outra da Escócia, a terceira do Japão. E custam mais de 180 mil cruzeiros cada. A 12 cruzeiros por “consulta”, a Cybergraph precisa atender 15 mil consulentes para começar a dar lucro. Sem contar o salário das mocinhas sorridentes: seis em cada máquina, pois elas trabalham em dois turnos e só não trabalham domingo de manhã.



4 A juke-box está muito cara; compre logo um Lp

Primeiro você escolhe uma música. Não pode ser qualquer uma, tem que constar do painel na parte superior da máquina, também conhecida por seu nome americano: juke-box. Suponha que você queira ouvir Eu Não Sou Cachorro Não, o sucesso de Valdick Soriano. Procurando no painel, você vai ver que as 160 músicas ali constantes têm um código ao lado; digamos que a sua escolhida seja a K-7. Simples: é só colocar a ficha na ranhura, apertar o botão K e depois o botão 7.

Lá por dentro da máquina, complicadíssima, um bracinho de metal vai ao monte de compactos dispostos em leque a pega direitinho o que você escolheu. Depois coloca-o no prato do toca-disco, e o resto é como numa vitrola comum. Ainda existe um dispositivo — já apelidado de Ibope — que registra as músicas mais tocadas pela máquina. E é nisso que a empresa Toca Discos Automaticos S.A. que explora as juke-boxes, se baseia para renovar a programação de cada máquina (o que acontece de 20 em 20 dias).

A empresa cobra 2,40 por música executada, mas os bares e lanchonetes cobram cada ficha conforme a região onde estão instalados: varia de 4 a 8 cruzeiros. O repertório também varia conforme a região da cidade: Ubirajara Santos, espécie de faz-tudo da Toca Discos Automaticos S.A., explica:

— “Olha, tem bar aí que se a gente botar muito sambão, toca o dia todo. Mas aí o pessoal começa a batucar, fazer bagunça, pode sair o maior quebra-



quebra. A gente tem que manerar, bota lá um Nelsão, um Valdick...”

Se bem que mesmo o Valdick deu problemas, uns 3 meses atrás. Deu até manchete em Notícias Populares: num bar, um sujeito enfiou 20 fichas de uma vez na máquina, e apertou 20 vezes o botão de Valdick Soriano (a máquina aceita quantas fichas você botar); lá pela quinta vez que tocou a mesma música, alguém chiou, formou-se a confusão, garrafadas, tiro, e um dos briguentos morreu.

Mas não foi só por causa desse tipo de coisa e das reclamações de barulho, que o movimento das juke-boxes caiu 70% de uns tempos para cá. Há também, entre outros motivos, o preço das fichas. Dez músicas tocadas numa juke-box pagam o preço de um Lp.

5 Fotomatic: uma fichinha no rego, flashhhh! A sua cara como ela é, sem nenhuma piedade



Para começar, a moça que vende fichas no Jumbo da Brigadeiro não tinha trôco. A ficha para 4 fotos, de vários tamanhos, custa 15 cruzeiros. Trocado o dinheiro, as fichas tinham acabado:

— “Th, a última levaram agora mesmo. Você não fica bravo comigo?”

Quem sou eu para ficar bravo com moça bonita? Chega mais um herói querendo ficha. Esperamos uns dez minutos. Segundo a moça, vêm mais de 30 pessoas por dia tirar retrato aqui no Jumbo. E começo de aula sempre forma fila.

Existem 20 dessas máquinas em São Paulo. Dois tipos, uma italiana, sofisticadíssima, a outra inglesa, mecânica, mais rústica.

As máquinas são Fotomatic, que as importa e aluga o local para instalá-las. Em alguns casos, funciona na base da comissão para o dono do local.

Chega a ficha, numa caixinha dessas de guardar recordações e cartas de amor, a fichinha redonda com as faces quadriculadas — “impossível falsificar”, diz a mocinha. A máquina é uma casinha logo em frente ao supermercado. Uma portinha e lá dentro um painel cheio de “stop”, “clean”, “keep out” e instruções também em português. Sento no banquinho, que tem altura regulável, sobe e desce de acordo com o tamanho do freguês. Mas com um problema, ele volta à posição antiga automaticamente. Lerdeou, sento no vazio. Fechar as cortinas, que são duas. Uma que tapa a sua cara da luz lá fora, outra nas costas, se a gente quiser fundo preto. Eu vou de fundo claro, sem cortina, a outra cortina como um tapa-olho, só aparecem as pernas para quem vê lá de fora. Escolho o tamanho, entre os vários que

tem lá — 2 x 2; 3 x 4; 5 x 7; 2,5 x 3,5. Escolhi o 3 x 4, o carne de vaca. Boto a ficha (cada tamanho tem um rego onde se põe a ficha). Olhar fixamente, sem mexer e sem piscar os olhos para o retângulo à sua frente, meio espelhado, dá para ver a cara que vai sair. Acendem-se duas luzes vermelhas no retângulo, assusta um pouco. Espere. Bummm! o maior suto do mundo, um bruta dum flash estoura na cara da gente. Aí não se sabe o que fazer, uma luzinha vermelha logo abaixo do retângulo escrito stop. É pra ficar parado? É pra sair? Por via das dúvidas, fico estatelado ali, sem nem respirar. Com o rabo do olho, vejo duas pernas perto da cortinha. É o rapaz que estava atrás de mim, e sua cabeça adentra-nha pela cortina. Saio, e vejo que devo esperar o resultado num buraco ao lado da máquina. Está escrito lá: Espere 3 minutos. Quando o rapaz acaba de deixar a casinha, saem as minhas fotos. Essa é a verdadeira máquina da verdade. Acaba com qualquer vaidade. Nunca que eu ia pensar que fosse tão feio assim. O rapaz olhou, se assustou:

— “Vixi!”

Ficou ali esperando as dele.

— “Deve ter é um japonês aí dentro. Sai daí, ô, seu...”

O sr. Dominique Lejeune, gerente da Fotomatic, que é suíça, garante a qualidade das fotografias por 10 anos:

— “Elas são tratadas quimicamente, têm a mesma qualidade das fotografias tratadas manualmente. E servem para qualquer documento. Tanto que vamos pôr estas máquinas em frente de repartições públicas logo logo.”

Mas o sr. Dominique está em dificuldades. As 500 máquinas que pretendia colocar em São Paulo, nesses próximos 5 anos, não vai ser possível. Com as restrições das importações, vão ter que fabricar as máquinas aqui, o que vai demorar mais tempo que o previsto. Mas será uma economia de 50 mil cruzeiros por máquina para o país, ao preço atual.

3 O ferrinho que te chama de neurótico

Neuro Teste é uma máquina desengonçada, uma caixa retangular com dois pés de ferro. Na caixa, um ferrinho cheio de zigue-zagues, com uma escala impressa atrás. Tem em quase todo lugar da cidade: bancas, farmácias, lojas. A ficha custa 1 cruzeiro. O próprio dono da farmácia, seu Vicente Gomes de Araújo, onde fiz o meu neuro-teste, diz que aquilo não é coisa muito decente:

— “Legítimo papa-niquel. Não tem valor nenhum.”

O farmacêutico é simpático, mas a máquina, na hora de funcionar, nada.

— “Th, acho que enguiçou, pera aí que vou buscar a chave.”

É lá vem ele com a chave da máquina e uma de fenda. Aberta a máquina, um dos pés dela encostou na guia da porta de ferro e começou a soltar fogo. Ele:

— “Não é nada, não dá choque não, ela tem um aparelho que faz a força ficar fraquinha.”

Fraquinha ou não, eu e um auxiliar de farmácia, que se juntara ao espetáculo, tiramos a mão da cubuca. Mas o farmacêutico-eletricista não esmoreceu.

— “Era um fio solto, agora pode usar.”

Eu, que já estava dando meu 1 cruzeiro por perdido, fui lá. É uma argolinha ligada a um fio. A argolinha tem que percorrer o ferrinho em zigue-zague sem encostar. Relou, tá pegou. E foi o que me aconteceu: nem dei a saída e a máquina acendeu o vermelho. Neurótico! Eu sou um neurótico!

Seu Vicente ri. Diz que a geringonça é feita no Brasil mesmo, lá no Rio. Mas ele está ficando desconfiado: no início, a fábrica pagava comissão por ficha vendida, depois alugava a máquina. Agora, seu Vicente comprou:

— “O pior é que no começo eles davam assistência, agora sumiu todo mundo, nem sei onde está o representante. E o movimento tá caindo muito. Antes, vinham mais de cem pessoas por dia. Hoje, vem vinte trinta, às vezes até menos. Tá até meio abandonada.”

Seu Vicente não diz por quanto comprou a máquina nem o que vai fazer com ela. O auxiliar:

— “Faz uma máquina de dar choque. Tem gente que gosta.”

Mas a máquina já se pagou, não é seu Vicente?

— “Ah, sim. Também, o senhor já viu papa-niquel que não dê dinheiro?”



Nem houve divulgação pelos jornais ou pela televisão. Mas, em nome do rock, informados num boca-a-boca que percorreu todo o País, mais de 40 mil jovens de treze a vinte e poucos anos reuniram-se no último fim de semana em Saquarema, lugarejo fluminense de 5 mil habitantes, 100 quilômetros ao norte do Rio de Janeiro.

Mochileiros, que a cidadezinha ainda chamava pelo já desusado nome de hippie, haviam começado a chegar desde a quinta-feira passada. Mas eram também automóveis aos milhares, no sábado e domingo, estacionados nas praias brancas de doer os olhos, entre as barracas. As chapas ostentavam siglas de nossos Estados mais urbanizados: SP e RJ, RS, MG, PR, ES, BA, DF, e até PA (Belém).

Prestigiado pela presença de Patrick Moraz, o tecladista do Yes, um dos mais famosos conjuntos do rock inglês, o Festival de Saquarema foi um acontecimento inédito neste país, pelas proporções que assumiu.

— "Pô! Há quanto tempo não acontece nada!" — desabafou o baiano Raul Seixas em ple-



no microfone, e acionado com o coro de 10 mil vozes que o acompanharam cantando seu O Diabo é Pai do Rock.

Podia-se notar claramente, nas apresentações, que cada conjunto ou estrela tinha arrastado para ali um público que já é fiel aos seus ídolos: Rita Lee, o próprio Raul, Made in Brazil, Bixo da Seda, Mutantes, Terço (estes dois últimos acabaram aparecendo por desentendimentos com os promotores do Festival, e era patente a decepção de seus fãs, ao receber a notícia).

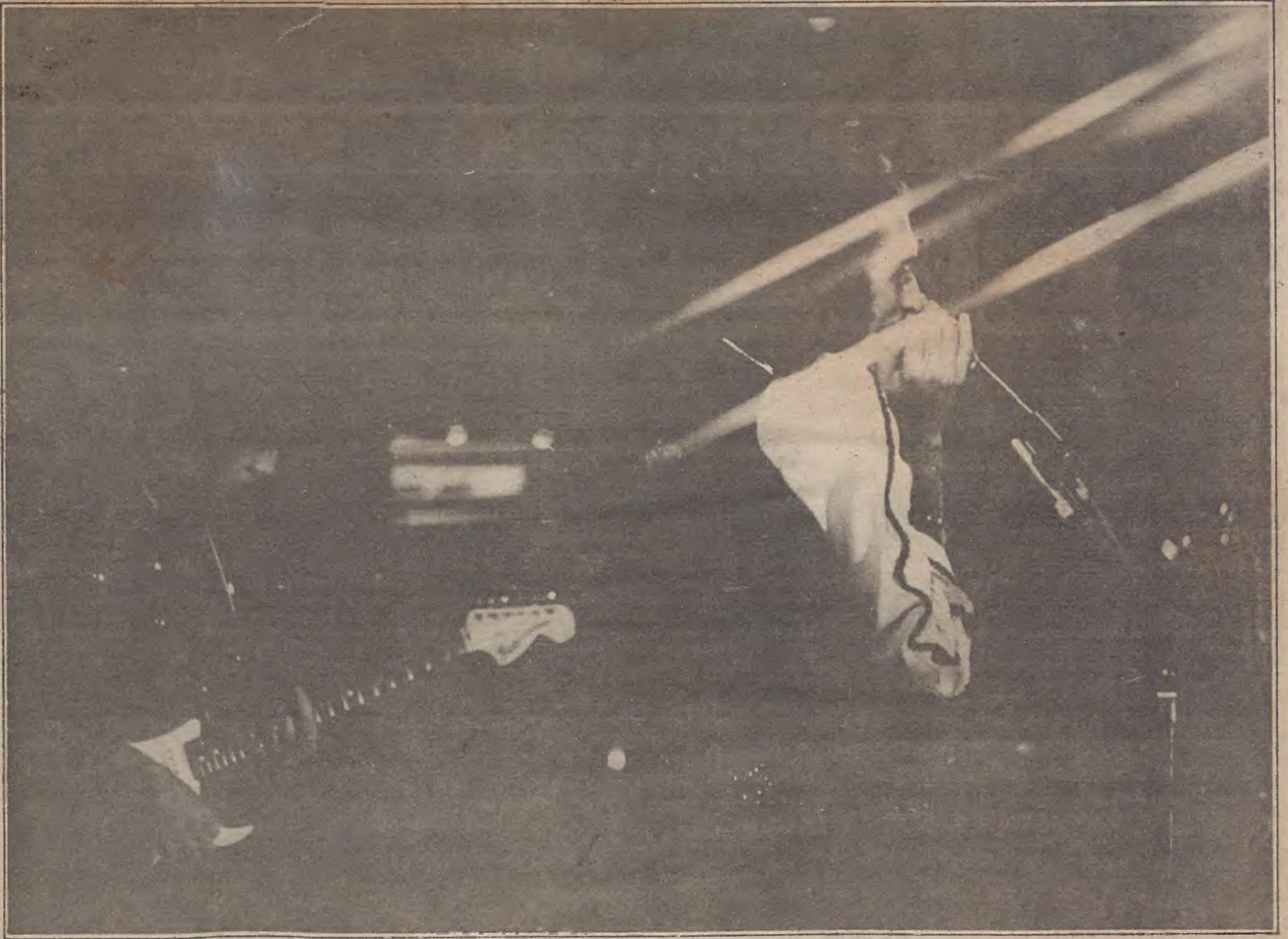
Se há muito tempo que não acontece nada, como disse Raul, começou mesmo a acontecer de novo. A roqueira Rita Lee, num país onde mulher fazer sucesso em discos ainda é tabu, consegue vender 150 mil cópias de seu Lp: pode ser mais um sintoma. Como também já se fala que Saquarema deve repetir-se daqui a um ano com a apresentação de grandes estrelas internacionais.

E agora este sábado, 29, no Canindé, em São Paulo — o berço do rock no Brasil — anuncia-se "O Maior Show de Todos os Tempos". Vão apresentar-se dez conjuntos, inclusive os três considerados maiores do País (sintomaticamente, de novo, o folheto promocional do show refere-se a "grupos de rock brasileiro", e não "grupos brasileiros de rock"). No Ginásio da Portuguesa de Desportes, os promotores da festa esperam reunir 10 mil jovens e já na terça-feira confirmavam a vinda de caravanas de Santos, Campinas e Bragança Paulista.

— "Uma verdadeira cruzada. Será a comunhão de todo o nosso rock, que não anda muito unido", diz o organizador do concerto, o empresário Mario Buonfiglio.

"Se alguma coisa tiver que explodir no Brasil, vai ser em São Paulo", disse o Prefeito da cidade no fim do ano passado. Pelo menos com relação ao rock parece que ele tem razão. E AQUI foi assistir ao primeiro sinal desta explosão: o repórter Sérgio Mello esteve em Saquarema e conta o que foram os dois dias de loucura de seu Festival.

Ao mesmo tempo, num sítio a 500 km de São Paulo, o repórter Mylton Severiano da Silva passava o fim de semana ouvindo o novo som dos Mutantes e entrevistando o guitarrista Sérgio Dias Batista, o mais antigo integrante do grupo e "co-fundador do rock brasileiro".



A nova explosão do rock

Fotos: Marcos Sacchi (Saquarema); Samuel Wainer Filho e Mylton Severiano da Silva (Mutantes).



40 mil roqueiros em Saquarema (5 mil habitantes). Foi demais

— "Eles começaram a chegar na quinta-feira. Grande parte veio de carona mesmo, mochila nas costas... sabe como é", dizia o pescador Abaeté, 44 anos, nativo de Saquarema, uma antiga aldeia de pescadores a 100 quilômetros do Rio de Janeiro. Na verdade pacata cidade de 5 mil habitantes paraíso dos cariocas aposentados, praias enormes e limpiíssimas, a areia chegando a ofuscar os olhos, estava em vésperas de receber uma multidão de freaks, surfistas, loucos, caretas, cocotas, enfim gente de todas as partes do País, que haviam se mandado de qualquer maneira para Saquarema, sob o pretexto de assistir ao V Festival Nacional de Surf, juntamente com um Festival de Rock que prometia os maiores astros tupiniquins desse gênero de música.

No sábado de manhã a estrada Niterói-Saquarema estava completamente apinhada de mochileiros (batalhando carona), motoqueiros e surfistas com suas pranchas coloridas, amarradas no teto dos carros.

— "Eu não gosto de dar carona pra hippie. Hippie é sujeira", comentava um dono de posto de gasolina, Ricardo, que com seu Chevette vazio ia para Saquarema tentar uma classificação no Campeonato de Surf.

— "Cara, o primeiro lugar ganha uma passagem pro Havaí, e o segundo pro México, e ainda representará o Brasil nos festivais de surf desses países".

A invasão

No mesmo sábado, dia 22, Saquarema respirava com dificuldade, sufocada pela incrível multidão de jovens que tomou conta do lugar. As praias, antes desertas, amanheceram coloridas de barracas e parquedas estufados pela brisa forte. Jovens, de idade entre 13 e vinte e poucos anos, transitavam pelo centro da aldeia, em operação de reconhecimento, ou simplesmente para transar as pessoas. Os moradores (pescadores e aposentados) e turistas não chegavam a se assustar com aquele pessoal de roupas, hábitos e linguagem diferentes pois no ano passado já acontecera um festival desses por lá. Mas este ano estava demais.

— "Eu só não gosto do descola cinco paus, descola dois paus", dizia seu Abelardo, um aposentado. "Se eu for descolar cinco paus pra todos, vou à falência. Onde eu trabalho? Eu sou do ISA, você conhece? É o Instituto Sol e Areia", e se manda rindo.

De dia, surf. De noite, rock.

De dia a praia de Itaúna era a grande atração, surfistas desafiando o mar, assistidos por um público "careta", segundo os roqueiros, mas de um respeito incrível pelas feras das ondas. Eles assistem a tudo num silêncio de missa, e às vezes aplaudem moderadamente um ou outro surfista, geralmente quando este consegue chegar até a praia sem cair, depois de atravessar todas as ondas.

À tardinha as praias eram iluminadas por fogueiras, e as pessoas se preparavam de corpo e espírito para o som da noite. Às seis da tarde, como em toda cidadezinha que se preza, os microfones anunciavam a Hora da Ave Maria, e o campo do Saquarema Futebol Clube abria suas portas, para, em pouco tempo, ficar completamente lotado (tem capacidade para cinco mil pessoas). Os ingressos vendidos a 20 cruzeiros,

acabou provocando protesto dos hippies, que se negavam a pagar a pequena taxa que dava o direito de assistir a sete shows na mesma noite: o grupo Flamboyant, Angela Rô-Rô, Espírito Santo, Ronaldo Resedá, Lui, Raul Seixas e o grupo gaúcho Bixo da seda.

Os concertos estavam marcados para as seis, mas logicamente não iam começar antes de oito da noite. Raul Seixas, a estrela do show, entrou cantando "o diabo é pai do rock...", e foi sem dúvida quem chegou à cabeça da garotada na primeira noite, apesar do Bixo da Seda ter mostrado que está no começo da estrada mas já pinta como uma das boas bandas funky da terra; só deixou o palco lá pelas três da manhã, quando a garotada exausta voltava para as barracas na praia, distante mais de um quilômetro do pequeno estádio.

Mas a cidade não chegaria propriamente a dormir. A qualquer hora da madrugada, em qualquer lugar que se passasse, havia gente acordada, fogueira e violão. A TV Globo calculou mais de 80 mil pessoas. O *Jornal do Brasil* baixou para 75 mil, mas o número certo, embora difícil de se calcular, chegava no máximo a 40 mil pessoas. O que não é pouco.

Segundo dia. Comércio sui-generis.

Seu Francisco, carioca dos Laranjeiras, aposentado, aproveitando morar um ponto privilegiado (quase na esquina da praça Oscar de Macedo Soares), cobrava 5 cruzeiros o banho num chuveirinho de latão improvisado nos fundos da casa. Contei oitenta pessoas na fila, e não consegui falar com seu Chico.

— "Desculpe, mas agora não dá", falava ele, enquanto organizava a fila da ducha, fazendo cara de artista. Afinal, já estava até sendo procurado por repórteres para conceder entrevista. Tudo bem. O Festival continua.

Os artesãos também aproveitaram para mostrar e transar seus rabalhos na pracinha central. Havia Kombis várias. Umas vendiam camisas bordadas a mão, com estampas do "Rock Dreams", álbum editado nos Estados Unidos, com os retratos de todos os heróis e heroínas da história do rock. Outras expunham bugangas em geral. O grande assunto eram os roubos ocorridos na noite anterior.

— "Bicho, teve gente que deixou a barraca arrumadinha, coisa e tal, e se mandou pro show. Quando voltou, não encontrou nada, nem barraca. Nego teve que dormir na areia", chiava um roqueiro-vítima, enquanto outro, que ficara sem a mochila e algumas roupas, dizia que ia "puxar o carro no domingo mesmo".

Nesse mesmo dia, a atenção da cidadezinha desviou-se um pouco do Festival para acompanhar im caso excitante no Posto Policial de Saquarema — o achado do corpo do campeão mundial de caça submarina, Conrado Malta, desaparecido desde quarta-feira passada, quando treinava nas proximidades de Ilha Rasa.

O silêncio da imprensa carioca

Incrivelmente, nenhum jornal do Rio noticiou nada de Saquarema. Apenas *O Globo*, que patrocinava

o Festival de Surf e que deu meia página da edição de sábado sobre o achado do corpo do mergulhador Conrado Malta, comentava o festival, mas assim:

— "Na Delegacia, o ambiente era agitado. Por causa da presença de centenas de pessoas que foram assistir ao festival de surf e outro de rock, o entra-e-sai era contínuo. Nos corredores os policiais comentavam os flagrantes de maconha feitas pela manhã".

E o *Jornal do Brasil* de terça-feira, 25, dava uma página sobre o festival, no seu segundo caderno, com o infeliz título... "E os pescadores não Entenderam Nada".

Veio a noite de domingo e mais som. Rita Lee dividiu a glória com o Made in Brazil, que depois de quase duas horas de rock, saiu consagrado. Mas houve "faltas imperdoáveis", como a dos grupos Terço e Mutantes, prometidos e que na última hora não confirmaram: os promotores não concordaram em pagar o que pediram.

Mas o organizador do festival, Nelson Motta, estava mais pra champagne Moët et Chandon, que tomava no gargalo, do que para transas empresariais. Afinal, tudo o que se podia fora feito, e não havia mais tempo para "concertos".

Tudo foi devidamente filmado e gravado: filme e disco estarão prontos ainda neste segundo semestre.

Os 150 policiais destacados para Saquarema quase não tiveram o que fazer durante todo o festival. Nenhuma briga. O Serviço Médico também apresentou um relatório simpático: nada de internamentos, nada de grandes baratos. Os poucos atendimentos foram por pequenos acidentes, e como não poderia deixar de ser, uma menina resolveu dar à luz durante o grande happening.

O prefeito da cidade, Jurandir Melo, entusiasmadíssimo, dava entrevistas a vários repórteres simultaneamente, sempre dizendo que "adora rock e surf".

Os banheiros da cidade, interditados logo no primeiro dia do festival, continuavam intransitáveis. Mas nem tudo poderia ser previsto. Os gêneros alimentícios se esgotaram rapidamente. As padarias não venciam fazer pão para toda aquela gente. Um maço de cigarros chegava a valer, no câmbio negro, vinte cruzeiros. E uma garrafa de água mineral não era encontrada por menos de 10 pratas.

Segunda-feira a multidão começou a levantar acampamento e a botar de novo o pé na estrada, de novo apinhada de cocotas, caretas, loucos, surfistas, motoqueiros e freaks. Feliz conclusão dos promotores: vale mesmo a pena investir no rock. O que precisa é uma certa estrutura, organização. Mas isso já foi muito dito.

A impressão que se tinha agora de Saquarema, era de que havia passado um imenso exército por lá. Lixo, muito lixo. Latas de sardinha, garrafas vazias, restos de rango, cascas de toda variedade de frutas. E o pessoal da filosofia "viver o máximo com o mínimo" se afastando lentamente pela estrada. O céu era de um azul incrível, e o sol dourava as praias novamente desertas. Havia muito serviço para os garis que começavam a chegar. E quase se ouvia um grande suspiro de alívio dentro das casas. Cinco mil suspiros.

Sérgio Mello

Sérgio Mutante, o pai da criança

Na sala da casa dos Mutantes, pouco depois do almoço de domingo, isto é, umas sete da noite, fala-se de um assunto chocante:

— “É, tem hora que eu fico chocada mesmo com as nossas faculdades. Na Gama Filho, ainda não peguei num cadáver! A gente tem aula teórica e aula prática, só que a prática também é teoria! Então pra você ver, tem aula prática que, em vez de trabalhar com cadáver, a gente fica olhando raios-X, e o decrepito lá na frente com a chapa na mão: esse doente tinha tal e tal doença... chocante!”

Enquanto nos fundos da casa os Mutantes se preparam para o ensaio do dia, na sala seus amigos e amigas, todos jovens e universitários, chegam à conclusão unânime de que se quiserem mesmo aprender alguma coisa, não vai ser em faculdade nenhuma.

— “A gente tem que se virar em estágios, cursos por fora, ou então arrumando logo um trabalho no ramo...”

A cachorrada entra na sala, vinda do quintal por onde passa, bem ao pé da varanda, um ribeirão marulhando entre pedras. O papo acaba, porque todas as moças presentes na casa se alvoroçam com a chegada dos “filhos”. Raga, um pointer de 10 meses de idade mas já quase do tamanho de um bezerro, está dando em cima de Frida, linda collie de 3 meses; Diana, policial adulta que acaba de abortar um filhote na última madrugada, late; Brisa Helena, outra policial, 12 meses, saltita em volta de Raga querendo brincar; e Lóli, a caçulinha, pequinês de 2 meses, tenta morder algum calcanhar. O pointer, os olhos verdes brilhando, prepara-se para assenhorear-se da collie.

— “Raga, mas que cassolo sem-vergonha! Não tá vendo que a Frida é um bebê? Vem aqui com a mamãe!”

“Eu tenho vergonha de ser um ser humano, bicho!”

O domingo tinha amanhecido límpido no alto da serra de Petrópolis. Uma rápida olhada de cima da varanda é suficiente para fazer a gente invejar a casa onde os Mutantes estão morando. São muitos os comodinhos, formando um pátio interno calçado de paralelepípedos, salona com lareira, a varanda na frente dando para uma ribanceira. Cinco metros abaixo, o ribeirão que forma nos confins do terreno uma piscina represada. Muita árvore, bem-te-vis, beija-flores, flores. Estada a 80 km do Rio e quase 500 de São Paulo, a 1.000 metros de altitude. Um sítio ao pé de um lugarejo chamado Itaipava, perto de Petrópolis, paz total.

A conversa com Serginho dos Mutantes o maior guitarrista rock do país, 3º grau de neófito da Antiga e Mística Ordem dos Rosacruz, acontece num banco de pedra embaixo do sol, ao lado de um bico-de-papagaio florido, todo vermelho. Falou sem parar e tranquilo quase tudo de uma vez, com uma só parada para

perguntar: “E o que mais você quer saber?” Foi quando, então, instigado, começou a desancar a humanidade. Estava falando das influências que sofreu desde quando, ainda um menininho de 10 anos, ganhou o primeiro violão e aprendeu a tocar:

— “Na época eu fui influenciado pelos Ventures. Eu odiava escola, não suportava, nem vou voltar nunca mais, graças a Deus. Ficava 24 horas por dia na vitrola, bota a música, tira a nota, minha mãe dando força mas sempre grilada com o colégio. Depois entraram os Beatles na minha vida, isso me fez a cabeça... depois começou a pintar Hendrix... e não fui assim muito influenciado por Hendrix, não...”

— “É uma música agressiva, não?”
— “É, mas stupidamente boa, venero ele. Depois pintou Yes, Emerson, Pink Floyd, tudo junto, aí minha cabeça explodiu, pirou. Ouvi Emerson, Yes, tudo na mesma noite. Fiquei louco mesmo, é dose pra elefante.”

— “Você não acha que aquilo era muito estratosférico? que era mesmo necessário voltar a votar os pés no chão?”

— “Acho que na época (cerca de 8 anos atrás, Sérgio estava com 16 ou 17 anos) essa estratosferia era onde todo mundo estava. Hoje em dia, cê vê o que o Yes faz, é uma crítica assim ao que todo mundo está passando. O último disco deles é uma porrada. Como letra é magnífico. É uma música figurativa, uma batalha entre o demonio e o bem...”

— “Você não acha que dividir entre bem e mal é simplificar demais?”

— “Mas a partir do momento que o mundo está dividido assim... acho que é o que acontece no mundo atual. Existe realmente um bem e um mal. Eu acredito na dualidade do homem. A maravilha da natureza é que os dois se complementem e trabalhem em conjunto, pra formar uma terceira ponta do triângulo. Mas o problema é que o bem e o mal estão divididos, realmente estão lutando, de forma alguma de mãos dadas um com o outro. Tão em briga total. Então o Yes fala que, por exemplo, lutar agora a gente até considera. Porque... Tá na hora da gente dizer não só tudo bem, e só levar porrada, saca? Tá na hora da gente devolver um pouco, pra que haja um equilíbrio de forças, porque do jeito que tava, só porrada e ninguém fazia p... nenhuma!”

— “Por que é que existe tanta repressão, você me diz?”

— “Acho que o problema é do homem... o homem é dividido em ego e sua parte cósmica. O ego eu coloco assim: quando o homem nasce, o cérebro dele tá apagado, Então ele vai formando um ego, uma personalidade, que é distinta e separada. É uma individualidade separatista, geralmente, do resto do todo. E esse ego, eu acredito, posso colocar assim como o diabo, é o ponto que divide a humanidade, que oprime, que domina... as repressões internas, os domínios internos, pessoas que mentem consigo mesmas, esquizofrenia das pessoas que brigam internamente... Essa é a grande doença que está acometendo o mundo, essa inconsciência total. Cê assistiu aquele filme do Vietã agora? Tá passando aí, Heart and Minds (Coração e Cabeças). É uma porrada, é um documentário que fizeram sobre

a guerra do Vietnã, que é arrasante. Bicho, eu tenho vergonha de ser um ser humano... eu tenho vergonha. E como aquilo, o resto todo, né? A política mundial está podre, totalmente podre, a raça humana é uma raça podre!”

— “E o jeito?”
— “Não sei, bicho, quem sou eu pra saber, achar uma solução?”

— “Você não acha que a ganancia de dinheiro, de poder, seria uma pedra de toque nisso tudo?”

— “A ganância sim, mas nunca o dinheiro... a ganância não é só de poder, só de dinheiro. A pessoa ganancia a energia de muita pessoa, saca? O que tem de vampiro energético por aí é estúpido. Sabe, as pessoas... o domínio de outras pessoas, saca? Pra elas serem sempre poderosas, os outros não. Então, aí é que tá o ponto de erro: não é só em relação ao dinheiro, a grana. Há o separatismo da coisa, todas essas outras facções que o ego define e que tira da irmandade que deveria existir entre as pessoas no mundo.”

“Muito ovo pra pouca galinha...”

Nesta casa não se vê um jornal diário nem revistas, rádio não ouvi nas 24 horas que fiquei lá, a televisão está quebrada e ninguém preocupado em consertar. O jogo Brasil x Inglaterra, no domingo, nem foi mencionado. As mulheres passaram o dia falando de coisas pessoais e cachorros. Os Mutantes trataram de negócios em três reuniões, realizadas sem as mulheres, no quarto de um deles, com a presença de Samuca, produtor-executivo do grupo (é dele a casa de Itaipava, alugada aos Mutantes por 1.500 cruzeiros mensais).

Melhor dizendo, conforme explica o próprio Samuca, todos os que trabalham no grupo devem ser Mutantes, inclusive os técnicos, e inclusive ele, Samuca. Não foi fácil chegar a uma estrutura grupal. Mas mesmo que não seja ainda uma equipe totalmente coordenada (eles ainda são capazes de extraviar uma pasta entre uma reunião e outra), os Mutantes são o grupo de rock mais avançado do país em termos de estrutura orgânica. Atualmente estão assim:

1 — Sérgio, guitarra-solo, cítara, slide-guitar (uma guitarra que fica na horizontal, em cima de quatro pés; acompanha um ferrinho cilíndrico niquelado que, passado sobre as cordas, dá um efeito semelhante à guitarra havaiana) e bozouke, espécie de bandleim grego. Sérgio tem 25 anos, toca desde os 10, fundou os Mutantes mas não gosta que se diga que é o líder do conjunto, embora seja até “co-fundador do rock nacional”. Prefere que os Mutantes sejam considerados em grupo.

2 — Rui, batera, há dois anos Mutante. 24 anos. Entrou no lugar de Dinho, quando “a barra ficou pesa-



da" para o grupo com os desfalques sucessivos (saíram também Rita Lee, o baixista Liminha e o irmão de Sérgio, Arnaldo, em 73). Segundo Sérgio, Rui aprendeu mesmo a tocar com os Mutantes. Sujeito muito pacífico, de fala mansa, olhos verdes claros.

3 - Luciano, tecladista de 20 anos, sorriso ótimo, dedos ligeiríssimos, embora ainda um tanto preocupados com a parafernália de recursos à disposição (aliás, o equipamento dos Mutantes é o maior do país e a impressão que se tem é de que faltam dedos para apertar tantos botões; o caseiro do sítio, um preto velho parecido com o Pai Tomás, parou um instante na frente da mesa de controle de som, olhou para os 500 ou 600 botões do painel e balançou a cabeça: "Muito ovo pra pouca galinha..."). Luciano é mineiro.

4 - Paulinho, ou Paul, 27 anos, baixista. Tal como Rui e Luciano, tocou com o conjunto Veludo Elétrico, do Rio; tocou também com Zé Rodrix. Ele e Luciano estão há pouco mais de dois meses apenas no grupo. Mas Sérgio comenta: "Eles ainda estão assim opa, cumé quié, mas também são pessoas que têm uma mente mística, e uma prática invejável. E o grupo todo está muito tuguéder mesmo. Criançice como há muito tempo não teve."

5 - Samuca, 20 anos, produtor-executivo ou road-manager (tradução: empresário de estrada). É também o representante e porta-voz do grupo junto ao empresário Mário Buonfiglio.

6 - Franklin, 22 anos, formando-se em engenharia eletrônica. Portanto é o engenheiro de som.

7 - Wagner, 20 anos, quase um engenheiro de som leigo; capaz de consertar um sintetizador. Aprendeu tudo na raça, como Mutante.

8 - Glauco, 18 anos, eletricitista. Cuida também do transporte.

9 - Kid Linguíça, garotinho ainda, um boy, "está aprendendo", diz Samuca.

DINHEIRO - O show dos Mutantes custa em média 25 mil cruzeiros. Todos ganham por show (só os músicos ganham também dos discos gravados). O empresário Mário Buonfiglio ganha 20% e, desse dinheiro, paga uma quarta parte ao road-manager Samuca; dos 80% restantes, pago o transporte, os técnicos (800 cruzeiros por show para Franklin, 800 para Wagner, 500 para Glauco e 100 para Kid Linguíça), sobra uma quantia que os quatro músicos racham em partes iguais entre si. Dá em média cerca de 3 a 4 mil cruzeiros cada um, por show.

"Eu faço parte da unha do dedão do pé"

Em dado momento - quem é que sabe as horas nesta casa? só se sabia que era bem de noite - dos fundos da casa ecoou a música Mutante. Um tema em quatro compassos, que se modulava em outros quatro, outros quatro e, na resolução final, em vez de quatro eram apenas três compassos. Um resultado matematicamente pouco convencional. Musicalmente, um som que no mínimo te chama para prestar mais atenção.

Refugiados num sítio, isolados do mundo, os Mutantes têm produzido uma música cada vez mais para o espírito do que para o corpo, completamente desligada do mundo externo imediato, das tragédias dos jornais. Pode-se sentir vontade de dançar algumas vezes, mas a intenção é fazer a cabeça das pessoas, com este som meio espacial, ou do mundo interior de seus criadores. Para entender esta piração, melhor ouvir de novo Sérgio falando sob o sol de Itaipava:

- "Eu acredito que a música é uma expressão de Deus, é o modo que a gente expressa a nossa parte divina aqui na terra."

- "Soube que você entrou para os Rosacruz, como foi isto?"

- "É o seguinte... nós somos pobres coitados aqui e não temos o mínimo know-how a respeito de misticismo ou coisa assim, a gente só tem uma alma que procura uma luz maior. Tempos atrás eu tinha recebido uma carta de um amigo, e eu larguei lá. E eu pirei muito, sabe? Tinha épocas que eu tinha convicção, tinha épocas que eu não tinha nada do que eu queria. De que eu chegasse ao estado de comunhão com a natureza, um negócio que não é fácil no mundo atual, porque os desvios são muito fortes. Então eu fiquei dominado pelo meu ego, só fazia cagada e era infeliz e ao mesmo tempo sabendo que não era nada, que era realmente iluminar meu ego e me integrar com o todo, como uma criança é. Mas entre falar e fazer... Até que eu resolvi pedir ajuda. Cheguei e escrevi à Amorc: Antiga e Mística Ordem dos Rosacruz, disse a eles

que tinha chegado a um nível e não sabia mais resolver, e que precisava evoluir e não sabia mais o que fazer. Eles me aceitaram e começaram a me mandar ensinamentos. E tive acesso às escolas de mistérios".

- "Que tipo de problema você pode levantar com a Amorc?"

- "Em relação ao universo. Eu em relação com o universo. Mas é um negócio secreto, essa parte. A Ordem vem do tempo... dizem que começou na Atlântida, então vem de milênios este conhecimento. O conhecimento oficial da fundação dela vem de Amenofis IV (rei do Egito 1.350 anos antes de Cristo, ou 3.300 anos atrás). Ele mudou a Casa de Mistérios, porque a Casa da Vida era uma casa fechada, exclusivamente de elite, ele abriu as portas pro povo, fundou a Amorc. Ele foi o cara que, pô, bem antes de Cristo, disse ó, não é nada disso, meu Deus é outro, Deus é um só. Então, daí pra frente a Amorc ficou estabelecida como a escola de mistérios, teve que se esconder depois da morte de Amenofis, se esquivando das inquisições que sempre houve... você vê os Giordanos Brunos da vida... Hoje em dia ela tá num ciclo de abertura total em relação a ajudar quem tiver a fim de aprender.

- "E ela te ensina um desenvolvimento interno. Por exemplo, tem muita gente que usa droga, LSD, fumo, pra chegar a uma comunhão maior com a natureza. Ao mesmo tempo, a gente sabe que tem dentro da gente um universo, perfeito, à imagem e semelhança de Deus. Então, eu cheguei e pô, eu tenho os meus meios, eu quero saber como usar. Então a Ordem tem me ensinado muita coisa em relação a glândulas, como ativar estas glândulas, enfim, segurar as barras mais pesadas, sempre com um aprofundamento de seu conhecimento interior e da sua ligação com o externo, e o Cosmo Maior que é lá em cima, o todo grandioso. Eu queria até fazer uma música: Eu Faço Parte da Unha do Dedão do Pé." (risos)

- "Tem uma coisa: uma vez vocês falaram que o samba já era. Você nunca curtiu música brasileira?"

- "Não, música brasileira nunca consegui curtir. Não sei se pela minha formação clássica, ela não me satisfazia (a mãe de Sérgio, Clarice Leite, é pianista; o pai, Cesar Dias Batista, oficial de gabinete de Ademar de Barros, é poeta também). Agora, acho que nós falamos isso de samba já era, mas foi no sentido do bairrismo da coisa. Se samba é a única música que pode ter no país, nesse sentido já era. Elis Regina tá cantando rock! E o próprio rock dos anos 50 já era, nesse sentido de saudosismo."

- "Mas vocês sempre fizeram um som importado, não?"

- "A gente realmente importava o som, mas apesar de tudo éramos brasileiros, e nós temos influência daqui, a gente queira ou não queira. Mas a música universal está tomando conta do planeta. Vai ser uma música só, isso há muito tempo a gente vem falando - rock, jazz, clássico, etc. Agora por exemplo o Patrick Moraz, tecladista do Yes, gravou um disco e botou uma escola de samba misturada com música progressiva. Então tudo bem: toma lá, dá cá."

- "Você falou que 50% do mundo está em guerra, que São Paulo é uma mentira constante, tal. Em que os Mutantes podem colaborar para melhorar as coisas?"

- "Lógico... eu acredito que... eu estou levando a contracultura espiritual pras pessoas, saca? Tou oferecendo assim, uma opção... Lembrar as pessoas que aquilo que acontece no show, aquela comunhão, pode se estender ao resto todo. Não é só porque eles pagaram 30 paus pra entrar que aquilo acontece. O poder de união que a gente é capaz de ter, é uma coisa que todos têm dentro de si. É uma questão de escolha deles mesmos, deles saírem na rua e não transar com ninguém, ou eles saírem e se sentirem os irmãos que são. Isso é o máximo que a gente pode fazer. E não tenho como meta lutar contra governo."

Almoçamos no fim da tarde, comidinha de dona Rosa, nada estratosférica: arroz branco feijão preto, macarrão, carne assada recheada de cenoura, salada de alface com tomate e cebola, creme de espinafre. Limonada. Foi um deus-nos-acuda. Um 18 pessoas na casa, Mutantes, suas mulheres, amigos. Salve-se quem puder. Eunice, mulher de Sérgio há 3 anos, sex-tanista de Medicina, cuquinha legal, me dá um conselho:

- "Olha, faz logo seu prato, se não eles arrasam com tudo."

Arrasamos. Não sobrou grão de arroz ao fim de 50 minutos.

No fim da noite, depois de assistir a mais um pedaço dos ensaios eles têm show este sábado em São Paulo e esperam gravar novo Lp em julho - chegou a hora de cair na realidade. Voltar a São Paulo. A caminho da Dutra, a estrada mais movimentada do país, a sensação na serra de Petrópolis era a de ter deixado um disco-voador lá no alto.

Mylton Severiano da Silva



**UMA PRODUÇÃO DE DENTRO DO AUTOR!
 UMA OBRA-PRIMA DE POUCA GENTE!
 UM ELETRIZANTE ESPETÁCULO QUE ENGOLE AS PESSOAS!
 UMA ESPETACULAR REALIZAÇÃO QUE COMEÇA DO ZERO!**

Walter Hugo Khoury apresenta

WALTER HUGO KHOURY

Com:

**WALTER
 HUGO
 KHOURY**



Direção:

Walter Hugo Khoury

Produção:

Walter Hugo Khoury

Participação Especial:

WALTER HUGO KHOURY

Fotos de Amancio Chiodi

Faz filmes porque "tenho coisa muito minha para dizer". "Só sou capaz de fazer o que vem de dentro de mim", repete mais adiante. Diz "eu sou uma pessoa fechada" e que a realidade "é uma coisa subjetiva". Afirma: 1) "Antes de aparecer o termo cinema de autor, eu já estava fazendo esse tipo de trabalho, desde 1957". 2) Antes de Marienbad, minhas fitas já abordavam o problema do tempo". 3) "Rich Boy de Scott Fitzgerald eu já conhecia há 25 anos, muito antes de se tornar famoso aqui".

Além de comparar-se a Robe-Grillet ("Quando Robe-Grillet era membro do júri do Festival de Cannes, quis dar a Palma de Ouro ao meu Noite Vazia, porque identificou certos pontos como próximos de sua obra"). Diz ainda que sua obra é "recôndita" e precisa ser objeto de "várias leituras" (qualifica sua linguagem como de escritor). Considerando finalmente que revela haver um personagem "recorrente" em seus filmes, personagem esse que vem a representá-lo, e que em seu último filme o personagem é um intelectual de 45 anos (está com 46), o título deste trabalho só pode ser um.

— "A gente chega na varanda e vê que São Paulo dá uma sensação de cerco nas pessoas. Ela é uma imensa massa que se espalha por todos os lados."

Walter Hugo Khouri, cineasta de 46 anos, premiado inúmeras vezes aqui e no exterior, com 14 obras e um caminho muito pessoal no cinema brasileiro, me mostra a cidade de lá do décimo-segundo andar onde mora com a família. A varanda é um pequeno jardim feito por um japonês, composto, com extrema delicadeza, de pedras e plantas minúsculas, que serviu como cenário em seu último filme, *O Desejo*, atualmente em exibição.

— "Seus filmes são tidos como muito intelectuais. Você acha um julgamento válido?"

— "Talvez sejam intelectuais, mas a linguagem é clara. Aceito essa imputação crítica. Minha última fita, *O Desejo*, mostra um trabalho intelectual e é o resultado claro do que eu queria dizer. Mas não tem nada de hermético. Trabalhei sem roteiro, e é o terceiro filme que faço assim. Antes de começar a filmar tenho uma linha de seqüências, mas sem roteiro, e até os diálogos foram feitos 10 minutos antes. A fita era um amontoado de temas meus que eu vinha escrevendo e anotando, e a certo momento decidi que não podia seguir uma cronologia, um certo tempo de desenvolvimento lógico aparente. Hoje se faz muito isso de inverter o tempo. A fita obedece a uma estrutura narrativa, mas alterna passado, presente e futuro, sem com isso pretender fazer intelectualismo. Era uma necessidade que eu tinha de fazer assim, seguindo um tempo interior meu. Mas resultou num filme claro, apreensível por qualquer pessoa com nível ginasial. Mas exige alguma precisão pra se pegar o pensamento. Minhas fitas são recônditas e exigem várias leituras. Eu mesmo sou uma pessoa fechada e talvez dê uma imagem de elitista, que não sou, mas se pensarem assim não me importo, desde que não torçam o que digo".

— "Seus filmes são mais esmerados do que o que se vê em geral no cinema brasileiro, principalmente no que diz respeito ao som"

— "Talvez isso faça com que me tachem de intelectual. O que quer dizer intelectual no cinema? Tudo depende do que você quer dizer através do filme. O meu encontro com o cinema é o de um escritor. Isso eu já concluí há muito tempo. Antes de aparecer o termo cinema de autor, eu já estava fazendo esse tipo de trabalho, desde 57. Quanto ao som, eu cuido muito. É uma maneira de dirigir a dublagem. Em geral se dirige sem exigir do ator que se integre no personagem. Eu exijo o tom exato, e é uma espécie de música o que procuro. Além disso, o ator tem de emitir bem a voz. Os técnicos de som em geral querem que o ator fale alto, e isso é um prejuízo para o filme. Muita gente diz que eu me esmero muito, mas eu trabalho com o material que todo o mundo usa, aliás, às vezes com menos material."

— "Fazer cinema no Brasil compensa?"

— "Dá é muito trabalho, e exige muito esforço. No

Brasil, fazer cinema é um ato pessoal de querer dizer alguma coisa, e se não der é melhor ir fazer outra coisa qualquer. Em países desenvolvidos, industrializados, e com um mercado grande como os Estados Unidos, a França, a Itália, a Inglaterra e o Japão, essa indústria está vinculada à exuberância, ao desperdício e à loucura. Mas no Brasil a gente tem de fazer cinema naquela miséria, naquele aperto, porque o mercado é uma insignificância. Muita gente que pensa que o cinema é um mundo de luzes e de câmeras, se frustra, sem saber que aqui o processo é quase artesanal, e a infraestrutura muito frágil. O diretor tem de fazer de tudo, acompanhar tudo, ou então tem de largar, o que muita gente faz."

— "Essa preocupação com o tempo tem alguma coisa a ver com o resultado do trabalho de cineastas como Allain Resnais, por exemplo, em *Ano Passado em Marienbad*?"

— "Antes de Marienbad minhas fitas já abordavam o problema do tempo que na obra de Robe-Grillet era mais uma questão de memória. Quando o Robe-Grillet era membro do júri do Festival de Cannes, quis dar a Palma de Ouro ao meu filme *Noite Vazia*, porque identificou certos pontos como próximos de sua obra. Mas eu sempre senti com muita intensidade o problema do tempo que se escoava e ao mesmo tempo permanecia como memória. Nunca enfrentei esse problema, exceto no *Corpo Ardente*, uma fita toda fraccionada. Antes eu ainda não tinha conscientizado, mesmo quando fiz *As Deusas*. No filme *O Desejo* eu trago um personagem que é recorrente nos meus filmes. De certa forma ele me representa. Nesse último, ele tem 45 anos e é um intelectual angustiado com o problema existencial, e sente um vazio em torno dele. Já em *As Amoras*, com Paulo José, ele (eu) tinha 25 anos, e era um jovem despertando para o problema temporal, e anteriormente era um adolescente."

— "Você prefere sempre fazer seus roteiros?"

— "Minha linguagem é a de um escritor. Faço cinema porque tenho uma coisa muito minha para dizer. Na Europa há anos atrás se dizia que isso era cinema de autor, mas desde o começo da minha carreira eu já sentia que era básico trabalhar com minhas idéias criativas. Sempre procuro dizer de mim e não me preocupo com o incidental, como seja abordar um tema, como a guerra ou a violência ou outro assunto qualquer específico, mas antes de tudo, o que importa é a maneira como eu vejo as coisas. É claro que isso pode parecer repetitivo. Toda obra tem uma certa unidade. Pode-se dizer que em *Em Busca do Tempo Perdido* de Proust é uma coisa só do começo ao fim."

— "Mas me parece que toda obra madura tem alguma coisa recorrente, sempre."

— "Não se pode ter um estilo sem se voltar a certos elementos. Minha obra é reconhecível tanto na forma quanto na temática, e até no timing, e são coisas que a gente vai desenvolvendo no correr do tempo."

— "Você vê referenciais de seus filmes no cinema brasileiro?"

— "Faço um tipo de trabalho que vai contra a corrente. Não que eu goste dessa posição, mas a situação coloca a gente lá. É quase obrigatório. No Brasil toda a visão das pessoas é uma visão fascista. O sistema dominante dentro das artes é um sistema terrível. É imposto, e quem está dentro, está. Quem não está tem de entrar. Não existe um alguém que dirige isso, mas é uma coisa que está no ar. Se você não é chanchadeiro, ou se não faz comédinhas, ou você entra ou não te reconhecem. Você tem de estar dentro de certos cânones, porque se não, dizem que você não está fazendo cinema brasileiro, e não é um patriota. É uma posição fascistóide, que já vem de décadas. O curioso é que esses que mais falam de colonialismo, são os que querem impor esse mesmo colonialismo. Não existe forma pior de colonialismo do que exigir como pressuposto que você faça o que eles acham o melhor. Muito cineasta sacrificou anos de vida fazendo filmes que esperava que fizessem, esterilizando sua criatividade. Esse status-quo no que refere às artes existe mesmo, e quem se desvincula disso acaba se marginalizando. Aqui se marginaliza um indivíduo porque não pertence a uma facção política ou ideológica. Isso é terrível porque não permite a atitude de análise, mas simplesmente permite fazer um julgamento a priori, que é não vi e não gostei. Ou então criam-se os partidos que aceitam o pré-estabelecido. Existe uma maioria nos meios artísticos que exerce sobre as minorias um regime de rolo compressor. Ela estabelece os valores e a massa quem não está de acordo com eles. Pra resistir a isso é preciso muita convicção, convicção é difícil de se ter."

— "Se você não está dentro do status, o que te estimula a fazer cinema no Brasil?"

— "Já fiz 14 filmes com uma certa unidade, mas se eu quiser dizer porque continuo acreditando, não seria capaz. Sempre tive determinação de fazer uma coisa muito minha, e ninguém conseguiu me demover disso. Se alguém me der um tema pra desenvolver num filme, eu não vou fazer. Só sou capaz de fazer o que vem de dentro de mim. Estive pra dirigir um filme chamado *O Anjo Mau* — e eu era inclusive o co-produtor — com uma história de Adonias Filho. Era uma bellissima história, mas eu tentei durante meses ver se conseguia cenarizar, roteirizar, e não consegui. A um certo momento chamei o Roberto Santos pra me ajudar, e afinal vi que ele, sim, é que estava de acordo com a história, e deixei o filme pra ele dirigir. Era uma boa produção e o cargo de diretor era bem pago. Pra mim é importante manter uma unidade dentro do meu trabalho, se não eu já estava massacrado pelas pressões em volta de mim. Sempre sofri pichações e perseguições, e isso vem de muitos anos."

— "Você produz e dirige sempre?"

— "Em geral eu produzo. Mas nos últimos três filmes (*O Anjo da Noite*, *O Último Êxtase* e *As Deusas*), eu

(continua na página seguinte)





fui produtor associado. Eu entrava com meu trabalho. Os quatro anteriores foram produzidos por mim. Antes produzi pra outros."

— "Esses filmes dão bons rendimentos?"

— "A maior parte deu bom rendimento. *Noite Vazia*, contudo foi o que me trouxe maiores lucros. Foi um estouro internacional. Alguns não dão nada, alguns equilibram os prejuízos."

— "Como você se mantém economicamente? Você faz outra coisa além de cinema?"

— "O cinema brasileiro todo vive de arrumar aqui e ajeitar ali. Ou uma fita ganha um prêmio e cobre o déficit de outra, e a gente vai mantendo. Mas não é um meio de vida. Tenho negócios com meu irmão e minha mulher, e com isso vou me virando. O cinema só dá pra alguns como Mazzaropi. Ele corresponde a um certo gosto popular e o distribuidor é o Massaini, que controla a máquina da distribuição. Mas são exceções, porque em verdade o cinema é um meio de vida muito precário, no Brasil, assim como a música ou a pintura. O filme leva um ano e meio pra ser feito e é um giro lento da gestação até a estréia. Às vezes acontece o que se deu com *Noite Vazia*, que dá pra sustentar o trabalho durante muito tempo."

— "Você faz cinema há muito tempo?"

— "Desde os 21 anos. Fazia a Faculdade de Filosofia e sempre escrevia. Fazia anotações. Algum dia publicarei um livro. Me interessava por música, pintura, literatura e queria fazer uma porção de coisas. Um dia simplesmente resolvi fazer cinema, já no segundo filme eu dominava tudo. Tinha muita facilidade artesanal. Devia haver um talento e além disso o cinema representava pra mim a arte total."

— "A música é uma parte essencial do filme ou é um suporte? Porque você usa música?"

— "É um problema de gosto pessoal, e também de estilo. Há cineastas que gostam de música e, como o Fellini, colocam música em profusão. *Noites de Circo* tinha uma partitura belíssima do Bromdaum, um compositor de vanguarda que eu gosto muito. O Antonioni usa pouquíssima música. Há uma teoria de que a música é dispensável no cinema. Eu gosto muito de música. No *O Desejo* uso muito pouca. Uso ruídos, sons, música incidental do Rogério Duprat e o resto é uma sonata de Brahms pra piano e violoncelo, e ela faz o clima da fita. Eu ouvi a sonata um dia e ela me deu uma sensação de alguma coisa ligada à água. E nesse filme o elemento água é muito importante. Funciona como elemento de atração e destruição. Engole as pes-

soas. No *Corpo Ardente* eu usei um allegro do concerto de Corelli que sempre me evocou um cavalo."

— "Seus filmes são carregados de simbolismo. Você se dá conta disso?"

— "O *Desejo* tem uma epígrafe do T.S. Elliot, *Tudo é sempre agora*. Não há presente nem futuro nem passado e eu procuro amalgamar as coisas. Sempre tive uma grande inquietação com esse tema e ele aparece em todos os meus filmes. Pus no filme o Elliot porque acho válido, mas muita gente perguntará por que Elliot. Mas o que ele diz na epígrafe está intimamente ligado à minha realidade e à maneira como vejo o Brasil. Existe a falácia, que é a mania de falar em realidade brasileira. Existem mil donos da realidade, mas eu não consegui ver uma realidade, porque onde vou vejo uma realidade diferente. Tudo se origina da minha realidade. Quando vou ao meu terraço vejo uma coisa que ninguém vê, porque a realidade sempre é uma coisa subjetiva."

— "Então é impossível se falar em termos realidade?"

— "Existe por aí uma realidade oficializada por um certo sistema, e se todos forem seguir o que se estabeleceu como válido, só existiria um tipo de fita, de cinema. É uma coisa tremendamente fascista. E em vez de se achar bom que cada um veja alguma coisa do todo, ficam desesperados porque são teleguiados e só pensam em termos do que chamam de *cinema brasileiro*. A realidade é tão fulgida... Nós estamos num país em estruturação, com um amálgama incrível de várias origens. Um presidente chama-se Geisel, o outro Médico e mais Kubitschek, e depois eles querem falar em realidade única e compacta. São Paulo ainda não formou um substrato sólido como nos Estados Unidos. Tem bairro japonês, sírio, judeu, e por isso é uma cidade descharacterizada. Mas é aqui que eu vivo e isso me interessa."

— "Você se sente parte dessa coisa chamada São Paulo?"

— "Tive uma vida muito fechada em certo sentido, apesar de ninguém me obrigar a isso. Meu pai morreu muito jovem e era descendente de sírios, e minha mãe — que é descendente de italianos — ficou com a responsabilidade de me dirigir. Logo após a morte de meu pai fui morar no Rio com o avô por parte de mãe, que era uma personalidade incrível. Era astrônomo e matemático, e lá vivi num clima de muita intensidade. Desde criança li muito. Não era exatamente um garoto fechado, mas não me sentia integrado em grupo. Cheguei à adolescência no fim da guerra, e o após guerra foi uma época muito tumultuada, e a gente se interessava por Kafka e Camus e tudo me marcava muito. Me interessei profundamente pelo expressionismo alemão, especialmente pelo Fritz Lang, e hoje vejo que certas coisas que percebia na época foram decisivas para o desenvolvimento da minha obra. Como os expressionistas, eu também não gosto de muitos personagens nos meus filmes. Fiz várias anotações quando vi a *Noite de São Silvestre* e hoje utilizo coisas que observei naquela época. Não gosto de filme de painel, com muita gente."

— "Existe algum escritor que você gostaria de transpor para o cinema?"

— "Eu sempre quis fazer o *Rich Boy* de Scott Fitzgerald, que eu já conhecia há 25 anos, muito antes de se tornar famoso aqui. *The Foz* de D.H. Lawrence e *Women in Love* também dele, que foi pessimamente adaptado por Ken Russel. Ou o Camus, que corresponde ao meu temperamento. Infelizmente isso é impossível porque sairia uma fábula em direitos autorais. Acho que nos falta uma dramaturgia que apresente textos de bom gabarito. Não temos uma tradição dramática como na Suécia, onde o Bergman tem todo o substrato da dramaturgia escandinava a seu dispor, a começar por Strindberg. A gente está começando do zero, e as pessoas querem ignorar isso. Em nome de fórmulas ideológicas, as pessoas vivem repetindo slogans, esperando uma fórmula salvadora."

— "Sua obra tem alguma coisa que ver com o Brasil?"

— "Está intimamente vinculada à minha realidade brasileira que é São Paulo, *Noite Vazia* mostra a fossa do paulista e o termo era empregado na década de 60, quando o filme foi feito. *As Amoras* focaliza a realidade da classe média paulista e é consequentemente uma fita de cunho social. Podia pegar o José Lins do Rego ou Graciliano Ramos, ou botar na tela a realidade nordestina, mas eu não a conheço intimamente e, por consciência, só faço o que conheço. Posso até criar um science-fiction, mas eu invento a história e não posso me permitir focalizar criativamente o que não conheço intimamente. Essa coisa de falar de realidades locais. Numa época em que tudo tende a se igualar, vive-se falando em diferenciação. Todo mundo veste blue-jeans, mesmo lá no sertão da Bahia, mas o pessoal da esquerda festiva de Ipanema ou da Bela Vista quer falar de realidade brasileira."

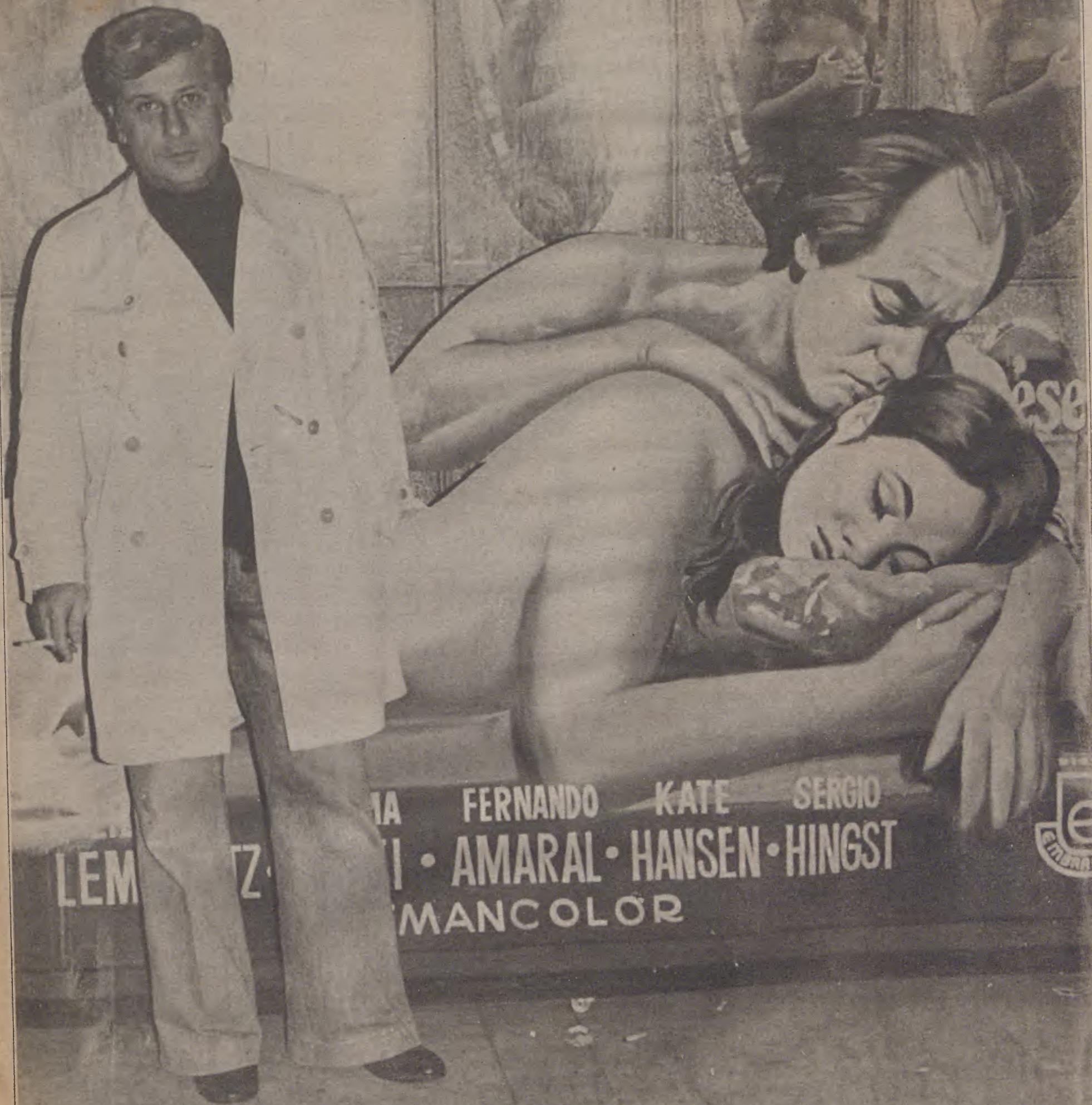
— "E a cor? Você gosta de trabalhar com cor? A cor pode substituir o branco e preto?"

— "Gosto de cor. Tenho cinco fitas em cores. Cuido muito da cor e sinto às vezes que há um bom rendimento psicológico com a cor. Mas quando revejo fitas em branco e preto, sinto que alguma coisa muito especial está ali. Nos meus planos está uma fita em branco e preto, mas sei que eu vou perder muito, porque hoje só há público para filme em cor. O branco e preto tinha uma espécie de alma, que ficou perdida. Eu domino a cor perfeitamente, mas com o branco e preto eu conseguia uma transparência que a cor não dá."

— "Os atores já conseguem um rendimento semelhante ao internacional?"

— "Existe no cinema brasileiro uma espécie de ranço que está em todo o cinema de país subdesenvolvido, mas isso nós vamos eliminando aos poucos. O problema é a falta de tradição do ator de cinema, mas já começamos a acertar um timing ideal para o cinema. A Lilian Lemmert é uma atriz excepcional, que inclusive fala muito bem. E ainda a Norma Bengel e a Odete Lara. São elementos que não se desvalorizam quando comparados ao cinema internacional. São minhas atrizes prediletas."

UM FILME CRUEL E SENSUAL DESEJO DESEJO DESEJO DESEJO DESEJO



LEMAZ
IA FERNANDO KATE SERGIO
I • AMARAL • HANSEN • HINGST
MANCOLOR

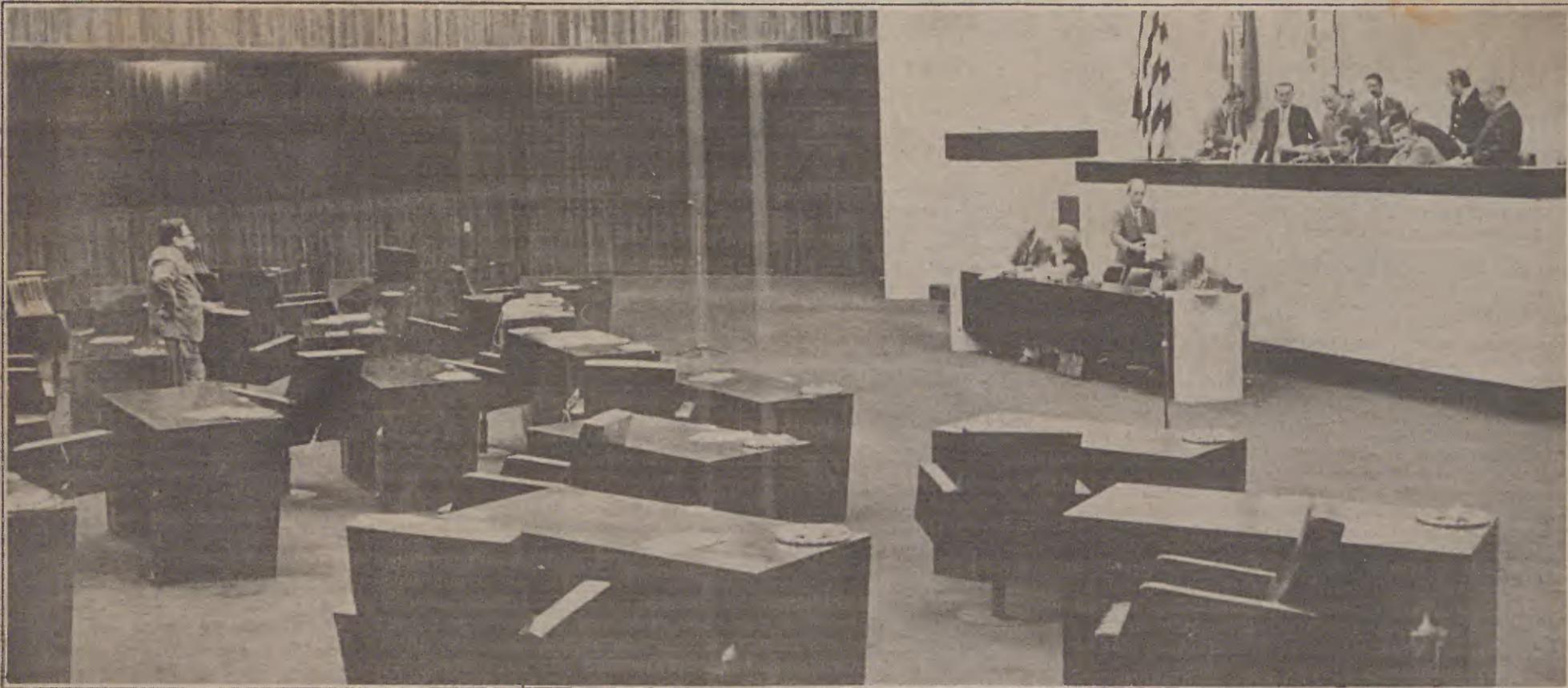


Eleições

76

Os primeiros
21 candidatos

Tem um que é baiano e representa quatro bairros com população de um milhão de nordestinos. Tem um que diz "Elogio em boca própria é vitupério". De todos, só um é negro. No meio deles, há um suplente de senador. A maioria é de advogados, mas tem até padeiro. Tem outro que acha ter conseguido a "maior vitória parlamentar brasileira depois da Segunda Guerra". O mais velho, de 62 anos, prevê uma enchente catastrófica ainda este ano na cidade. Um é presidente de um time de futebol da Divisão Especial. O mais novo tem 28 anos, mas a idade média da turma é alta: 44 anos. Trabalham aqui três vezes por semana — 2ª., 4ª., e 6ª., — na par te da tarde. São 21 homens. Todos, sem exceção, reclamam do trabalho que fazem, alguns há mais de 20 anos, mas todos vão querer fazê-lo por mais quatro anos.



Que animal político é esse?

Os partidos já não estão aceitando mais filiações, desde o dia 17. Cento e cinquenta interessados em se candidatar a vereador pelo MDB e cem pela Arena, só aguardam as convenções partidárias (nelas são escolhidos os 63 candidatos de cada partido) para saírem fazendo comícios pelos bairros.

Na sede dos partidos em São Paulo, no sub-solo da Câmara Municipal, dizem que a campanha estoura na praça em julho.

Mas, como trabalha um vereador em exercício? Desde 1964, ele não pode apresentar projetos que envolvam gasto de dinheiro para serem realizados. Por exemplo, asfaltamento de ruas, arborização de praças, construção de escolas ou viadutos, enfim, nenhuma obra concreta. Coisas dessa importância, só o Prefeito.

Reunidos no plenário da Câmara Municipal três vezes por semana — segundas, quartas e sextas — em sessões que começam às 15 horas e raramente chegam às 18 horas, a função principal dos 21 representantes dos moradores da cidade é fiscalizar se o Prefeito, os Secretários e repartições municipais estão trabalhando como precisa uma cidade com 40 mil ruas e quase 8 milhões de habitantes.

Pressão funciona? Não

Divididos em oito Comissões permanentes, de 3 vereadores no mínimo (Comissão de Justiça e Redação; de Finanças e Orçamentos; de Urbanismo, Obras e Serviços Municipais; de Cultura, Bem-Estar Social e Turismo; de Higiene e Saúde Pública; de Abastecimento e Indústria e Comércio; de Assuntos Ligados ao Servidor Público; e a de Transportes, Trânsito e Comunicações), todos os projetos, tanto os do Prefeito como os dos próprios vereadores, são analisados, estudados, criticados, com uma única finalidade: saber se são de interesse da comunidade.

Depois dessa etapa, começam os debates em plenário. O MDB é minoria, tem 7 vereadores contra os 14 da Arena. Às vezes, algum dos arenistas concorda com os do MDB e parte para a oposição, acirrando as discussões, fazendo com que as críticas e denúncias cheguem às ruas através da imprensa, numa tentativa de pressão para que o projeto seja modificado ou retirado. O Prefeito, nesses 3 últimos anos, raramente os ouviu.

O sair "de fininho"

Cada projeto tem um prazo definido por lei — 40 a 90 dias para ser aprovado. Caso não seja votado dentro desse limite de tempo, será automaticamente aprovado. Essa é uma brecha por onde passa qualquer projeto enviado pelo Prefeito, sem emenda dos vereadores. O esquema é simples.

Para evitar a votação de leis que contrariem o Executivo, a maioria estrategicamente se retira "de fininho" do plenário, obrigando a que se encerre a sessão por falta de quorum. É a maneira como os projetos — problema conseguem passar sem alteração — aprovados por decurso de prazo, isto é, por não ter sido votado no tempo da lei.

Aperto de mão ainda é voto

O vereador normalmente chega na Câmara depois do almoço, lá pela uma da tarde. A parte da manhã fica reservada para o trabalho particular (o consultório, a loja, a padaria), visitas aos bairros para contato com os eleitores e, de vez em quando, uma chegadinha nas Administrações Regionais para alguma providência.

Cada vereador tem sempre em seu gabinete no prédio da Câmara dois assessores, e ninguém que o procure sai dali sem no mínimo uma cartinha de recomendação — geralmente são pessoas tentando arrumar emprego; pedindo matrícula em escolas já lotadas; pleiteando calçamento, água, luz, esgoto, para o bairro; passe de viagem e até dinheiro. Principalmente em ano de eleição, esse serviço de cartinha de recomendação é esmerado. Cada aperto de mão na despedida pode ser um voto na urna.

Prefeito, de longe

O Prefeito só recebe os vereadores em audiências individuais uma vez por semana — na quarta-feira, de manhã. É o dia em que o vereador pode tentar influenciar — discutindo pessoalmente com o chefe do Executivo — os projetos e planos de administração da cidade.

Desprestigiados politicamente, raramente ouvidos pelo Prefeito, pressionados pela população carente, recebendo Cr\$ 9.599,66 ("Para não fazer nada é um grande ordenado, mas quem trabalha gasta isso só com os pedintes" — vereador Antonio Rezk, MDB), todos os nossos atuais vereadores são, porém, candidatos à reeleição.

Reportagem de Dácio Nitrini

NOBRE VEREADOR, COMO O SR. VÊ O SEU TRABALHO NOS ÚLTIMOS ANOS?

João Brasil Vita ARENA



Eu não posso responder à pergunta. Elogio em boca própria é vitupério! Mas se eu pudesse volver, faria exatamente tudo o que fiz. Os que devem falar são os que que me deram o título de "Vereador Emérito". Sou o único que o recebeu na história da Câmara, dado pelos outros vereadores unanimemente. Quando a Câmara estava acéfala, convidaram-me para presidí-la e quando o prefeito viajou, substituí-o durante 8 dias. Trabalhava das 6 da manhã até às 10 da noite, e de portas abertas! Falar de mim não falo mais. João Brasil Vita, 52 anos,

casado, 1 filho. Líder do prefeito, foi presidente da Câmara em 73 e 74. Eleito com 79 mil votos. Reduto eleitoral: Bexiga. É advogado, está na 3ª legislatura e vai tentar a 4ª.

Alfredo Martins ARENA



Vejo com otimismo meu último mandato. Minha preocupação permanente junto ao prefeito é o problema dos transportes coletivos. Tenho mostrado às autoridades municipais e até estaduais, a importância, para a região leste, da linha Metro-leste até Itaquera.

Conseguimos a instalação de alguns parques e escolas municipais e também alguns centros desportivos, alguns centros de convivência para crianças, algumas praças para prática de esportes, principalmente de futebol.

Conseguimos um concurso para o cargo de direção dos Parques Infantis; até então

as professoras apenas respondiam pela direção.

Alfredo Martins, está no 3º mandato (12 anos). Tem 54 anos e na eleição de 72 obteve 77.548 votos, principalmente na Mooca, Tatuapé, Belém e Penha. Tem uma padaria no Belém e é presidente do Sindicato dos Proprietários de Panificadoras.

Conheço detalhadamente o funcionamento da máquina do executivo e posso, como vereador, conseguir mais rapidamente o que os outros não conseguem. No executivo tudo é questão de uma boa conversa, de se chegar com calma e conversar até duas horas sobre as coisas mais diversas, para daí fazer o

pedido. Eu conheço bem com se faz.

Não sou de falr muito, gosto de trabalhar atrás, discutindo e orientando as decisões.

Nestor Ribeiro teve 39 mil votos espalhados por toda a cidade. É economista e advogado. Tem 52 anos, casado, 4 filhos. Quer a reeleição.

Celso Matsuda ARENA



Procurei sempre desenvolver temas relacionados com o homem. Nesse sentido foram encaminhados todos os meus projetos, requerimentos, indicações, moções e pronunciamentos. Educação, lazer, segurança, poluição ambiental, área verde, uso e ocupação decente do solo, problemas urbanos, transporte e trânsito foram os assuntos que mais discuti e comentei da tribuna.

Na coleta das informações e sugestões, visitei quase todos os bairros da cidade - espero visitar todos até o final da presente legislatura - e trouxe, pela primeira vez à edilidade, a população, para colaborar nos estudos dos projetos em tramitação, através das "Audiências Públicas".

Fui o vereador que mais relatou projetos nos últimos 3 anos e que maior número de vezes participou dos debates no Plenário e, talvez por esses motivos, fui agraciado pelos jornalistas políticos credenciados à Câmara, como o Melhor Vereador do Ano, em 75.

Celso Matsuda, engenheiro, 28 anos recém-casado. Foi eleito em 72 com 71 mil votos. Pertence à chamada Arena de Vanguarda.

Artur Alves Pinto ARENA



Quem poderia julgar a minha atuação é a população, especificamente os moradores da Zona Sul, onde tenho maior vinculação, embora evidentemente sejam vereadores da cidade toda.

Posso afirmar que tenho procurado corresponder aos meus eleitores dedicando todo o meu tempo no exercício da vereança. Não tenho tido nem mesmo um sábado ou domingo de lazer. Gosto do que faço e estou dando o melhor de mim em todos os setores.

Artur Alves Pinto. Eleito com 30.524 votos pela região de Santo Amaro. Tem 40 anos, solteiro, advogado, ex-escrivão de polícia. Vai tentar a reeleição.

Nestor Ribeiro ARENA



Fui o primeiro secretário da pasta do Interior no Governo Natel, depois fui sub-chefe da Casa Cível, diretor da CMTC, delegado da SUNAB, vogal da Junta Comercial e também fui da Contadoria do Estado.

Os votos nas últimas eleições e de onde saíram

vereador	mandato	nº de votos	região
Sampaio Dória - arena	2º	80.000	cidade toda
Brasil Vita - arena	3º	79.000	cidade toda (+ Bexiga)
Alfredo Martins - arena	3º	77.548	Mooca/Tatuapé/Belém
Celso Matsuda - arena	1º	71.000	cidade toda
Naylor de Oliveira - arena	2º	69.000	cidade toda
Vicente de Almeida - arena	2º	60.000	cidade toda (+ zona sul)
Samir Achoa - mdb	3º	50.000	Saúde/V. Mariana
Antonio Sampaio - arena	6º	46.000	Santana/Tucuruví
Nestor Ribeiro - arena	1º	39.000	zona sul
José Bustamante - mdb	1º	38.000	Penha/V. Esperança
Teixeira Duarte - arena	1º	36.000	Santo Amaro/Portuguesa
Aurelino de Andrade - arena	5º	35.253	S. Miguel/Itaquera
Oswaldo Giannotti - arena	1º	35.128	Ipiranga
Luis Peixoto - arena	1º	31.301	Pirituba/Perus/Freguesia
Artur Alves Pinto - arena	1º	30.524	Santo Amaro
Oliveira Laet - arena	2º	30.000	Jaçanã/Santana
David Roysen - mdb	2º	23.400	Santana/Jardim S. Paulo
Jose Storopoli - mdb	1º	20.500	Vila Maria
Mario Hato - mdb	1º	20.000	cidade toda
Antonio Resk - mdb	1º	17.134	V. Guilherme
Paulo Rui de Oliveira - mdb	1º	15.932	cidade toda

Sampaio Dória ARENA



Embora limitada na sua ação, pois subsistem impedimentos de ordem constitucional, a Câmara tem colaborado com o Executivo, aprimorando as mensagens por ele apresentadas, muitas delas inspiradas em sugestões feitas pelos vereadores, por meio de requerimentos e indicações.

Por inspiração nossa, a Câmara promoveu ciclos de estudos, palestras e debates em torno de questões de interesse municipal, metropolitana e até nacional.

De nossa iniciativa, atribuímos importância ao projeto que se converteu em Lei, estendendo o controle do Tribunal de Contas do Município às sociedades de economia mista e empresas públicas municipais. Estas, que manipulam vultuosos recursos públicos, estavam, até então, desobrigadas as prestação de contas ao órgão fiscalizador. Em discursos e entrevistas,

temos também apontado a necessidade de o Governo Federal promover ampla reforma tributária com o objetivo de fortalecer financeiramente os municípios, bem como a implantação de uma política demográfica que estimule o controle das migrações internas, com a descentralização da área metropolitana.

Sampaio Dória - advogado, 30 anos, atual Presidente da Câmara, Eleito pela segunda vez, com 80 mil votos, foi o vereador mais votado. Ainda não decidiu se vai tentar a reeleição.

Quantas vezes ele foi ao microfone nesse tempo todo?

vereador	73	74	75	total
Luís Peixoto — arena	150	235	220	605
Celso Matsuda — arena	93	184	259	536
José Storópoli — mdb	120	141	132	393
Samir Achoa — mdb	56	145	170	371
Vicente de Almeida — arena	28	51	242	321
David Roysen — mdb	31	167	117	315
Aureliano de Andrade — arena	50	124	71	245
Naylor de Oliveira — arena	32	32	142	206
Sampaio Doria — arena	7	51	135	193
Mário Hato — mdb	47	8	138	193
Antonio Resk — mdb	—	—	163	163
José Bustamante — mdb	—	—	141	141
Oswaldo Giannotti — arena	32	49	50	131
Antonio Sampaio — arena	28	62	31	121
Alfredo Martins — arena	26	54	16	96
Arthur Alves Pinto — arena	15	35	45	95
Teixeira Duarte — arena	28	33	24	85
Oliveira Laet — arena	50	6	26	82
Paulo Rui de Oliveira — mdb	—	—	68	68
Brasil Vita — arena	12	19	23	54
Nestor Ribeiro — arena	8	8	5	21

Eleições

76

Os primeiros
21 candidatos

Antonio Sampaio ARENA

Das 6 legislaturas de que participei a que considero mais proveitosa é justamente a atual. Alguns projetos que perseguíamos há vários anos foram transformados em leis. Um deles é o que permite a contratação e a nomeação de deficientes físicos para cargos e funções compatíveis com suas deficiências.

Fui o patrono da lei que eliminou o limite de idade para o ingresso no Serviço Público Municipal e acabamos de aprovar projeto que cria cursos supletivos no ensino municipal, para os que não puderam estudar



anteriormente, quase sempre por falta de recursos.

Antonio Sampaio, 54 anos, casado, 2 filhos é irmão do deputado federal Cantídio Sampaio. Foi eleito com 46 mil votos, obtidos principalmente em Santana. Já foi deputado estadual. Vai tentar a reeleição.

Naylor de Oliveira ARENA

Olha, para responder a essa pergunta basta dizer que encaminhei para a Prefeitura, só nesse ano e contando com um mês de férias, 1141



pedidos e requerimentos. Todos os vereadores juntos não alcançaram esse número.

Cada vereador trabalha para uma determinada região mas eu, em virtude do meu programa na rádio, tenho eleitores em toda a cidade até fora dela! Das 5.500 urnas eu só não tive votos em 16!

E eu falo do povão na Câmara. Recebo cartas que leio

no ar, encaminho a reinvidicação para o Prefeito. Ele me responde e eu divulgo novamente ao prefeito e ao microfone. Meu programa "Bairros em Desfile", tem 15 anos, e eu 17 de rádio.

Naylor de Oliveira, é advogado e radialista, 42 anos, casado, 2 filhos. Teve 69 mil votos, é a sua segunda legislatura. Vai tentar a terceira.

Aureliano de Andrade

ARENA

Todos os outros vereadores devem ter dito que cumpriram com o dever, não é? Mas essa é uma resposta instintiva, de autodefesa mesmo.

Meu trabalho é na periferia, moro em São Miguel Paulista há mais de 37 anos. É a zona leste, que tem problemas enormes... Mas vamos ver, parece que agora as autoridades estão começando a nos entender. O povo continua com esperanças, o que pelo menos já é alguma coisa. Veja o metrôviário, o início da Radial Leste já está prometendo... Sabe, é a quinta vez consecutiva que me elejo. E se voltarmos, como pretendemos, voltaremos para a mesma luta, com o mesmo idealismo e a mesma independência. Mas veja, são apenas 21 vereadores para quase 8 milhões de habitan-



tes. O povo sequer lembra o nome do vereador.

Aureliano de Andrade, 53 anos veio da Bahia com 16 anos direto para São Miguel Paulista, "quando aquilo lá era Interior". Tem um pequeno comércio em São Miguel. Teve em 1972 35.253 votos. Nasceu em Caititu, "uma cidadezinha entre o Rio São Francisco e a chapada Diamantina. "Não sou baianista nem jacobinista, mas gosto tanto de lá que sou vereador por São Miguel, Itaquera, Ermelindo Matarazzo e Guaianazes com uma população de mais de 1 milhão de nordestinos."

Oswaldo Giannotti

ARENA

Quando olho para trás, vejo uma consciência tranquila. Se não desempenhei esse mandato com



brilho, desempenhei com dignidade. Na área onde tive dois terços dos votos, o Ipiranga, consegui a aprovação de uma série de projetos no Executivo. Embora o maior problema, o do trânsito da Rua Aída, eu não tenha conseguido resolver. Mas pelo menos no Ipiranga, através dos meus protestos, conseguimos que o trânsito, que havia sido mudado, voltasse para o planejamento anterior, muito melhor que as tentativas que fizeram.

Tenho certeza de que se não for engolido pela atual

posição dos partidos, oposta à da eleição de 72, serei um dos elementos da Arena que deverá voltar. Sempre morei no Ipiranga, sou apaixonado pelo meu bairro e faço tudo por ele. Resido na Rua Silva Bueno desde que me conheço.

Oswaldo Giannotti, 53 anos, casado, 2 filhos. Dos 35 mil votos que teve, recebeu 23 mil no Ipiranga. Tentava ser eleito desde 1959, quando fez 2.206 votos, pelo ex-Partido Libertador. É um dos diretores do Clube Atlético Ipiranga.

Oswaldo Teixeira Duarte

ARENA

A nossa atuação principal tem sido a de fiscalizar o Executivo e, que tristeza! Fomos constatando que, desde o Faria Lima, São Paulo não tem prefeitos à altura.

O povo está insatisfeito porque os que passaram pela Prefeitura, apesar de homens honestos, são despreparados para o cargo. Para não ficar apenas nas palavras, vou citar dados do Tribunal de Contas do Município: Não podemos compreender que o prefeito Miguel Colasuonno, por exemplo, tenha aplicado 28,5% do orçamento geral em aumento de capitais das empresas que fazem a administração indireta, na sua maior parte deficitárias e algumas até falidas. E tenha dado à cidade apenas 25,5% do orçamento para as obras públicas, em 74.

Depois do Faria Lima, os



homens se preocuparam apenas em cuidar do capital dessas empresas mistas e quase falidas, quando não o eram mesmo.

Oswaldo Teixeira Duarte, 59 anos, casado, 4 filhos. É advogado, procurador aposentado da Prefeitura e presidente da Portuguesa de Desportos. Foi subprefeito em Santo Amaro, na época do Faria Lima. Teve 36 mil votos e seu reduto maior é a Portuguesa, clube com 75 mil sócios.

Oliveira Laet

ARENA

Dentro do que me propus e no campo em que sempre atuei, ou seja, Assistência Social, creio que cumpro o que prometi ao meu eleitorado, não o decepcionando.

Não poupei críticas ao setor, mesmo pertencendo ao partido da situação, pois acho que tudo ainda está para ser feito no campo da Promoção Social, principalmente no município.

José Antonio de Oliveira Laet, 53 anos, médico, teve 29.971 votos e pegou a suplência. Assim que Carlos Ergas foi eleito para a vereança e a deixou para assumir a direção da Companhia Municipal de Gás (COM-



GAS), Oliveira Laet foi chamado para substituí-lo. É o segundo mandato de Laet e seu reduto eleitoral está principalmente na zona Norte, onde se localiza a maioria das obras assistenciais que dirige.

Vicente de Almeida

ARENA

Fui eleito primeira vez com 25 mil votos. Na segunda, sem um comércio, nenhuma campanha em nenhum bairro obtive 60 mil votos.

No mandato que se finda lutei contra o aumento absurdo dos impostos e ao mesmo tempo lancei a idéia da taxa progressiva dos impostos nos grandes terrenos vazios, muitos servidos de melhoramentos e que enriquecem seus poucos proprietários com o progresso da cidade, pago pela população.



Proteste contra o tumulto criado pelo novo horário dos supermercados e contra a administração quando pre-

Eleições

76

Os primeiros 21 candidatos

tendia escalar o horário dos bancos. Protestei contra a integração forçada do sistema ônibus-metrô. Votei contra os sucessivos aumentos de capital da CMTC, da PRODAM, Cohab, Metrô. Defendi a passagem do Metrô para o Estado e para a União.

Tenho protestado contra a morosidade de várias obras, entendo que não fraudei o voto que o eleitor me destinou.

Vicente de Almeida, 42 anos, solteiro, 2 filhos. Agricultor, tem uma fazenda de arroz e soja.

Luís Peixoto

ARENA

Não cabe a mim julgar se correspondi ou não. Cabe ao povo.

Eu sinto que o campo do legislador é limitado. Se mais não se faz é pelas condições impostas pela Constituição. Muita gente vem se servir do mandato ao invés de querer servir no mandato. O que fiz, dentro dessas limitações foi transformar alguns projetos de lei em lei, com uma grande quantidade de obras sugeridas através de requerimentos e ofícios. Tudo isso fora as críticas e os alertas que fiz da tribuna.

Mas o trabalho de um vereador não é conhecido pelo grande público, ele fica nos anais da Câmara. Embora a imprensa, dentro de suas conhecidas limitações, ajude,



ainda é pouco. E anais, todos sabem, povo não lê.

Luís Peixoto, 43 anos, casado, 5 filhos. Pernambucano, chegou em São Paulo em 1950 para trabalhar na construção civil. Tem um pequeno armazém na Freguesia do Ó.

Mario Hato

MDB

No ano passado eu consegui salvar o fechamento do Hospital-Escola São Paulo, que atende 1/3 dos indigentes que a Santa Casa atende. Na ocasião, um advogado que tem 30 anos de Câmara disse: "Vereador, o senhor já cumpriu 4 anos de mandato".

Foi a maior vitória de um parlamentar brasileiro depois da Segunda Guerra. Trata-se de uma vitória da alçada de um senador! Para a Sociedade de Amparo Maternal - a terceira maternidade do mundo em número de atendimento, e que cuida das mães solteiras - consegui uma verba de 1,5 milhão. O vereador tem o que se chama de "feijão com arroz": pavimentações, iluminações, esgotos etc., mas esses dois eventos é que me deixaram orgulhoso, porque sou médico.

Outro projeto, um Ovo de Colombo, foi o que obrigou os ônibus a terem 4 ventoinhas para circulação de ar. Na epidemia de meningite, com os ônibus lotados por causa das deficiências do nosso sis-



tema de transportes, respirava-se ar viciado, principalmente nos dias de chuva e frio, quando as janelas se fecham!

Minha preocupação frequente é o alijamento do poder legislativo. Somos 21 vereadores que conhecemos os problemas da cidade e nem somos convidados para opinar na elaboração da peça orçamentária!

Mario Hato, 30 anos, médico. Eleito com 20 mil votos. Maior reduto: S. Miguel Paulista. Líder do MDB na Câmara, vai tentar a reeleição.

José Storópoli

MDB

Essa pergunta é meio chata.

Eu defendo a tese de que o Legislativo está tolhido pelo Executivo. Poucos sabem que o vereador não pode apresentar projetos que tragam gastos para o município. A única arma que o vereador tem é a tribuna. Pela primeira vez uma Comissão de Inquérito, da qual participei, conseguiu afastar alguém. Foi um caso famoso: a direção do Departamento de Ensino Municipal foi afastada por abuso de poder, desvio de verbas destinadas à merenda escolar. Outra coisa que consegui, apesar de tudo, foi a criação do Estatuto do Magistério Municipal, que estruturou o funcionamento das escolas.

Tem mais. Há muito tempo não se convocava um secretário para falar com os vereadores na Câmara. Levamos o secretário João Jacob, do Abastecimento, para explicar por que as feiras-livres tinham sido proibidas, se elas eram responsáveis por 80% do abastecimento da



capital. O resultado foi a demissão do secretário e a volta das feiras, onde a população paga mais barato. Mas se eu ficasse falando de asfalto de rua, esgoto e iluminação para a periferia, iria falar horas.

José Storópoli, 41 anos, casado, pai de 3 filhos. Com 20.500 votos, pegou apenas a suplência. Mas o vereador eleito José Dinis morreu antes da posse, e Storópoli foi chamado para sua primeira legislatura. É professor do ensino municipal desde 1956 e diretor-proprietário da Faculdade 9 de Julho, na Vila Maria, seu núcleo eleitoral. Na Câmara é o presidente da Comissão de Cultura e da Comissão de Justiça.

José Bustamante

MDB

Nesse ano e meio acho que estou trabalhando. Tenho solicitado inúmeras reclamações. Algumas são atendidas, como o projeto de Itacoatiara, praças na Penha e a proibição de que as pavimentadoras explorem os moradores das periferias. Imagine que até contrato em branco elas faziam os moradores assinar!

Mas 80% das minhas reivindicações ainda não foram atendidas. A periferia está abandonada e o prefeito só fala em falta de verbas. Os bairros estão sem saneamento, sem canalização de esgotos. O serviço de trânsito e transporte urbano é deficiente e minhas sugestões o prefeito não ouve. Tem mais: este vereador acredita que ainda este ano teremos uma grande enchente, catastrófica. Mas só vejo estudos, projetos e reuniões, mais nada para resolver praticamente o problema.

José Bustamante, 62 anos, vividos no bairro da Penha,



onde tem uma loja de artigos musicais. É o presidente do Clube dos Lojistas do Bairro e há mais de 30 anos organiza o Carnaval da Penha. É o chefe natural da torcida brasileira nas Copas do Mundo e ficou conhecido no México, para onde levou 40 mil bandeirinhas brasileiras que distribuiu no estádio. Homem simples, muitas vezes é ridicularizado pelos inimigos por usar uma linguagem cheia de erros.

O que fez cada um em 3 anos

vereador	PL	PDL	REQUER	INDICA	MOÇÃO
Brasil Vita - arena	10	4	662	90	40
Samir Achoa - mdb	7	2	189	322	18
Artur Alves Pinto - arena	6	-	47	268	1
José Storópoli - mdb	5	3	143	23	3
Luís Peixoto - arena	5	2	243	70	4
Sampaio Doria - arena	5	3	12	14	49
Aurelino de Andrade - arena	4	-	622	559	10
Celso Matsuda - arena	4	5	486	18	11
David Roysen - mdb	4	2	77	266	5
Naylor de Oliveira - arena	4	2	256	6	8
Nestor Ribeiro - arena	3	4	95	276	5
Vicente de Almeida - arena	3	-	2	38	2
Antonio Resk - mdb	2	1	95	11	-
Oswaldo Giannotti - arena	2	-	58	581	2
Mario Hato - mdb	2	2	48	141	4
Oliveira Laet - arena	2	-	14	14	1
Alfredo Martins - arena	1	1	598	2	3
Antonio Sampaio - arena	1	4	89	113	15
José Bustamante - mdb	-	-	128	3	3
Teixeira Duarte - arena	-	-	125	3	-
Paulo Rui de Oliveira - mdb	-	-	15	48	-

Nas 401 sessões realizadas nos 3 últimos anos passaram pelos vereadores e foram sancionados pelo Prefeito 575 Projetos de Lei. Desse total apenas 105 eram de autoria dos vereadores.

Indicação: É uma proposição onde o vereador faz simples sugestões de medidas de interesse público ao Prefeito ou às autoridades competentes. Por exemplo: os moradores do Parque Edu Chaves estavam reclamando do Alojamento Provisório Parque Edu Chaves, uma favela, que há muito tempo estava para ser desalojada.

Requerimento: Difere sutilmente da indicação. O requerimento é mais incisivo, como se o vereador pudesse esperar a resposta deferido (nunca a recebe). Mas, pelo menos, nos termos é mais forte que a indicação: "Ao Exmo. Sr. Prefeito. Requeiro por meio deste o asfaltamento das ruas

Moção: Sugestão para que a Câmara se manifeste sobre determinado assunto, aplaudindo, hipotecando, solidariedade ou apoio, apelando, protestando ou repudiando. Por exemplo: o vereador José Bustamante apoiou em plenário

a portaria da SUNAB que proibiu que os estabelecimentos comerciais incluíssem na conta as gorjetas dos garçons.

PL - Projeto de Lei: Proposição que tem uma finalidade: regulamentar toda matéria legislativa de competência da Câmara. Está sujeita à sanção do Prefeito. Por exemplo: o vereador Naylor de Oliveira apresentou em 75 um projeto que pedia a extinção do uniforme escolar nas escolas municipais. Não conseguiu a aprovação.

PDL - Projeto de Decreto Legislativo: É aquele que regula a matéria, mas que não precisa ser sancionado pelo Prefeito. São as concessões de títulos de cidadãos honorários ou qualquer outra homenagem. Por exemplo, do vereador Luís Peixoto que dá o título de Cidadão Paulistano ao radialista Barros de Alencar, provavelmente um dos candidatos arenistas à vereança na próxima eleição.

David Roysen

MDB

Ao vereador eleito, ao tomar posse, cumpre apenas o compromisso de respeitar a lei, nem mais nem menos.

No entanto, acreditamos não termos nos limitado ao compromisso assumido e ainda exigimos de nós mesmos o juramento ateniense de deixar a cidade melhor do que a encontramos.

Com a consciência das limitações da conjuntura institucional acrescidos de um alto senso de ridículo, acreditamos não nos ser exigido nada porque cumprimos até a exaustão o compromisso formal e o juramento perante a nossa consciência, com a



convicção de que Deus é a nossa sombra.

Não apenas 19 escolas, pronto-socorro — fui o único vereador que conseguiu um, o de Perú — canalizações,

pavimentações, iluminações públicas num montante de recursos de 800 milhões, arrancados pelo entusiasmo na administração do Colassuono e do Setúbal. Em despacho pessoal com o prefeito Setúbal já levamos mais de 2.300 problemas e as várias alternativas para suas soluções dando uma porcentagem de execução de obras de 15%, que é considerado um alto índice.

David Roysen, 43 anos, casado, advogado, 4 filhas. Foi eleito pela zona norte, principalmente Santana e Jaçanã. É seu segundo mandato (8 anos) e vai tentar a reeleição. No seu gabinete tem uma imensa foto do pai vestido de grão-mestre da maçonaria e aproveita todas as ocasiões para dizer que seu hobby é a Bíblia.

Paulo Rui de Oliveira

MDB

Procurei desempenhar um trabalho em forma de leque, porque não posso ficar atado à comunidade afro-brasileira. Sou um vereador da cidade. Faço política 24 horas por dia.

Ajudei a fazer o I Salão de Verão na Pça. Roosevelt, com 56 pintores. E montei outro, com 92 pintoras, para mostrar que mulher não existe só para esfregar fogão.

Propus que o Carnaval seja oficial e não oficioso: que a verba seja determinada no orçamento e possa ser destinada 6 meses antes. Estou



pensando no desenvolvimento do turismo na cidade.

Propus a criação da Secretaria Municipal de Administração. Não admito que 75

mil funcionários estejam subordinados ao DAMU, da Secretaria da Justiça.

Promovi uma palestra do presidente da Febem, Dr. João Benedito Azevedo Marques, na Câmara, para que dissesse o que se está fazendo pelos menores abandonados. Isso deveria ser feito sempre, para mostrar a origem dos problemas.

Paulo Rui de Oliveira, 34 anos, casado, 1 filho. Ex-telegrafista da Estrada São Paulo Minas, formado em Contabilidade. Não terminou o curso de Direito na Puc "por falta de condições econômicas". É o único vereador negro. Assumiu há 1 ano e 6 meses. Teve 15.932 votos em 1972 e vai tentar a reeleição.

Samir Achoa

MDB

O Poder Legislativo sofreu, após 64, sérias restrições em suas atividades e atribuições, principalmente no que diz respeito à iniciativa de protestos. Por isto, muitas vezes, apesar do empenho, os parlamentares têm que se submeter, para a grande maioria das iniciativas de interesse popular, ao arbítrio do Executivo. Assim dificilmente um vereador, deputado ou mesmo senador pode ter aprovado projeto de sua autoria.

Durante todo o tempo em que estou na Câmara, minhas



teses prioritárias estão baseadas na Educação e Saúde.

No campo da atuação, con-

tinuo na proteção às crianças das nossas escolas, e na defesa das professoras. Consegui a lei que permitiu a integração de vantagens recebidas pelo funcionário público, durante determinados anos, aos seus proventos, para fins de aposentadoria.

No campo político, continuei defendendo, da tribuna, a volta à plenitude democrática, pois entendo que democracia não é antônimo de segurança.

Samir Achoa 42 anos advogado, 3 mandatos, no último eleito com 50 mil votos. Reduto: Saúde, Vila Mariana e Jabaquara. Vice-presidente da Câmara, é suplente de Orestes Quercia no Senado.

Antonio Resk

MDB

O que eu gostaria de saber é o que os outros pensam de mim! É a primeira vez que exerço um mandato e tentei, como vereador da oposição, levantar todos os problemas da cidade e as falhas da administração. Acho que um vereador tem condições de discutir, se preparado, em igualdade de condições com o Executivo.

Estou na Câmara há um ano e meio. Durante esse tempo, apesar de ter vindo para cá apoiado numa determinada região que abraça Tucuruvi, Casa Verde e Vila Guilherme, não consegui ser um vereador regional. Traba-



lhei uma época como presidente do Conselho Coordenador das Sociedades Amigos de Bairros e por isso via a cidade como um todo, cheia de problemas.

Antônio Resk casado, 4 filhos, 42 anos. Criou-se em Marília e veio para a capital em 1950. Formado contador, abriu um Colégio Comercial na Vila Guilherme junto com a mulher. Por causa do colégio, foi eleito presidente do Clube dos Lojistas do Bairro. Depois passou para a Sociedade Amigos de Bairros e foi convidado para ser candidato a vereador. A essa altura, já era o presidente do Conselho Coordenador das Sociedades Amigos de Bairros e muito conhecido por participar da promoção do Concurso de Fanfarras Colegiais, da TV Record. Teve 17.134 votos e ficou como suplente. Um dia o telefone tocou: "Alô, é o Resk? Venha assumir seu cargo porque alguns vereadores viraram deputados".

AQUI CORÍNTIANS



Lourenço Diaféria

"Perder de time grande vá lá, mas dos tricolinos..."

O ferro de Guaira, a fita vanguardeira, o tal de Greenwich e a seleção

1- O cronista do tobogã ouve dizer que futebol é onze contra onze e que no campo da luta não tem esse negócio de cabeça-de-bagre. Cara com a bola nos pés é sempre perigoso e convém tomar cuidado, cercado-o de todos os lados. Já vimos verdadeiros pé-de-chumbo marcarem gol de letra por puro acaso. Vem aí um ferrocarril das pirambeiras e toma catorze gols de uma pancada só.

Horrível. A torcida vaia e grita: esse time não vale um pirulito. Pois bem: o mesmo ferrocarril pode dar o troco no dia seguinte. Basta facilitar.

Temos cansado de ver o Curingão jogar. Chegamos à conclusão de que a grande mancada do timão do Parque é facilitar as coisas para o adversário, oferecendo colher-de-chá e deixando jogar. O Curingão ainda não aprendeu a cortar o mal pela raiz, pressionando logo na saída da bola. Os artistas da Sinfônica esperam a ópera chegar à metade para então pegar o oboé. Conclusão: cada um sai tocando por um lado, afobadamente, provocando coceiras nas orelhas da torcida.

Assim não dá pé. O maestro Buzetto precisa chamar urgentemente na batuta os garotos e refazer os ensaios de conjunto, pois não tem cabimento levar ferro dos tricolinos perante a boa gente de Guaira.

Perder de time grande, vá lá! Mas dos tricolinos, tenha dó!

2- O craque Vladimir foi surpreendido dia destes com camisa amarela, todo cheio de ademanos, fazendo visagens em plena rua e chamando a atenção geral. Como o garotão não é de frescuras, o fato atraiu multidão, tanto mais que havia câmeras e luzes em ação. O cronista do tobogã se aproximou cautelosamente (como é seu hábito) e quis saber que palhaçada era aquela. "Estamos fazendo um filme", disse um cidadão de bigodes.

"Que filme?", quis saber o cronista do tobogã. "Ora, um filme de vanguarda", disse o de bigodes, "sem começo, sem meio e sem fim!" O cronista do tobogã coçou a cabeça e tornou a perguntar: "Escuta, moço, mas esse filme não tem enredo?" O de bigodes explicou: "Não tem. É um filme pra ninguém entender."

Pelo jeito deve ser um filme baseado no campeonato paulista que o Metidieri inventou.

3- Um pouco antes do jogo entre as seleções do Brasil e da Inglaterra entrou no ar o locutor e disse que a meninada nacional ia enfrentar três adversários difíceis: a longa viagem de 11 mil quilômetros, a mudança de alimentação, e os fusos horários.

Zé Trivela, o imparcial, que estava tomando o quinto aperitivo, abriu dois olhos deste tamanho e ficou encarando o vídeo, esperando ver os tais de fusos horários. Quinze minutos de jogo, Zé Trivela, nariz vermelho de emoção, ainda não sabia se os fusos horários jogavam na defesa ou no ataque. O cronista do tobogã explicou então que fuso horário é a faixa de 15 graus situada entre dois meridianos da Terra, e dentro da qual prevalece a hora legal, conforme explica, e muito bem, o Aurélio Buarque de Holanda.

Zé Trivela, o imparcial, piscou os olhos:

— Mas o Aurélio está jogando onde, que não vi o homem pegar uma bola?

Aí então o cronista do tobogã teve de começar tudo de novo:

— Olhe, Zé Trivela, imagine o meridiano de Greenwich, tá? O meridiano de Greenwich é que controla o tempo universal, morou?

— Já vi tudo — perorou Zé Trivela — esse tal de Greenwich vai roubar nos descontos e terminar o jogo dois minutos antes do Roberto Dinamite enfiar a redonda na caçapa. Tinha de botar logo o Zé Maria para ficar em cima do Greenwich!

4- Está bem, a seleção brasileira ganhou! Os ingleses perderam! A honra nacional está lavada. O futebol brasileiro está se recuperando pouco a pouco. Dois ou três torcedores soltaram foguetes. O Hino Nacional foi tocado no violão. Meia dúzia de turistas tocaram pandeiro e cuíca naquele estádio que parece o Coliseu. Mas o cronista do tobogã lamenta e proclama aos quatro ventos: falta a essa seleção a força do povo e a chama da emoção. Seleção sem Curingão, é o mesmo que arroz sem feijão.

CINEMA

Uma história já usada aqui, e Erasmo Carlos era melhor

Shampoo, uma pornochanchada pior que as nossas

Não é só brasileiro que faz pornochanchada. Se duvidam, assistam "Shampoo" no novo Top-Cine! Warren Beaty faz um cabelereiro que deixa todo mundo pensar que é homossexual para poder seduzir as freguesas. Se a história lhe parece familiar é justamente porque uma pornochanchada brasileira — "Os Machões", de Reginaldo Farias — já a utilizou. A diferença não é apenas de nível de produção (Beaty em vez de Erasmo Carlos) mas principmente de pre-tensões.

Os autores de "Shampoo" quiseram realizar uma pornochanchada política, fazendo passar a ação da história justamente no dia da eleição de Nixon e Agnew para a presidência americana. Assim, compa-ram a hipocrisia sexual com a hipocrisia política, num dado momento histórico onde a decadência e hipocrisia da sociedade americana chegou ao seu auge.

Como Beaty é o co-roteirista e produtor, natural-mente se reservou um papel na medida de sua vaidade: um verdadeiro atleta sexual. Nas 24 horas em que se passa o filme, Beaty começa fazendo o amor nos letreiros (tudo escuro, ouvindo-se apenas os gemidos) e não termina mais. Seduz mãe, filha, ex-amante, atual amante, duas garotas numa festa, num desempenho sexual realmente invejável. Pena que como ator o desempenho não seja igualmente notável (pensando bem, Erasmo Carlos era melhor!)

De qualquer forma, o cabelereiro George (Beaty) faz amor porque gosta, não para subir na vida. Sonha em montar um salão próprio mas não sabe usar bem sua amiga rica (Lee Grant, um inexplicável Oscar de coadjuvante), nem manter distância da amante do marido dela, principalmente quando todos se reúnem numa festa para comemorar a vitória de Nixon.

O filme nunca explica, por exemplo, o que estaria fazendo em Los Angeles alguém tão obviamente inglês quando Julie Christie (afinal, ninguém é obrigado a saber que ela ganhou o papel porque era a namorada de Beaty na época) nem justifica inteiramente o comportamento da amante atual (Goldie Hawn, pela primeira vez sem fazer caretas ridículas).

A razão da grande curiosidade a respeito de "Shampoo" é que ninguém acreditava que ele pudesse vir a ser liberado no Brasil. Por milagre, nos chega intacto: com todas as cenas de amor sem cortes, um pouquinho mais explícitas do que estamos acostumados a ver na praça. E com um bonus: legendas fazendo uma tímida tentativa de traduzir os palavrões (o máximo que chegam é "cara de bunda" que convenhamos, não é muito!). De qualquer forma, na cena mais famosa, quando Julie declara em público que no momento a única coisa em que pensa é fazer um "felatio", a legenda diz ambiguamente: "Fazer amor nele dos pés à cabeça". Só que a posição seguinte de Julie não deixa dúvidas.

Como se vê, o clima é de pornochanchada mesmo. Se há bons atores (os melhores são Jack Warden — Lester — e a garota que faz sua filha Lorna: Carrie Fisher, filha de Debbie Reynolds e Eddie Fisher, que estréia no cinema); se há um roteiro habilidoso (de Robert Towne, autor de Chinatown), a diversão é só ocasional. Sua pretensa seriedade não saiu da cabeça deles, ainda está lá, os cabelos sedosos de shampoo recheados de dólares.

R.E.F. (interino)



Pola Vartuck

TELEVISÃO

"Tapa-buraco infinitamente melhor que o programa original"

Uma sorte, no horário do Amaral Neto



Karl Malden

● *A declaração mais curiosa de Michael Douglas no "Informação" do 13 sobre sua série "San Francisco Urgente" foi a interferência da auto-censura das redes de tevê. São elas que determinam quantos assassinatos pode haver por episódio, quantos tiros, quantas brigas. E só se pode mostrar alguém dando um tiro, ou levando um tiro, nunca a sequência completa. Lá como aqui...*



David Niven

● *Boa safra de comerciais: Nuno Leal Maia desmunhecando com exatidão para um detergente; David Niven nos desejando "saude" (com legendas e não dublado como nos comerciais da Lux) em nome do "Pass-port"; as refinadas locações e fotografia do cigarro Albany; e Fernando Amaral e seu filho sabe-tudo vendendo pneus da Casa Zacarias. Mas o premio do melhor da semana tem que ir mesmo para o da Iugorte Vigor e sua sensualíssima visão do busto de Rose de Primo. Um requintel*



Sônia Braga

● *Nunca vi mulheres tão quentes quanto em "Saramandaia." Todas gemem, beijam de boca aberta, mordem muito. Sonia Braga quer seduzir o Juca de Oliveira (que tem vergonha das asinhas como se isso fosse obstáculo para alguém), Yoná está grávida, Dina Sfat tem paixão pelo lobisomen. Até at tudo bem, só acho errado mostrar o fantástico (como a transformação em lobisomen) em vez de simplesmente sugerir-lo.*

Felizmente, de vez em quando a tevê tem suas boas surpresas. Quem na segunda-feira retrasada estava conformado em assistir a mais um indigesto "Amaral Neto", pôde ver um dos melhores filmes feitos para a tevê já realizados: "A Rainha do Baile". Apesar de ter ganho um "Emmy" de melhor atriz, a Globo o exibiu sem aviso ou preparação. Foi um tapa-buraco infinitamente melhor do que o programa original.

"A Rainha do Baile" ilustra bem todas as qualidades e defeitos de um "Tv-Movie". A heroína é uma mulher de meia-idade (a excelente Maureen Stapleton) que ao ficar viúva e com os filhos distantes resolve reconstruir a vida. Sua diversão é o "Stardust Ballroom", um salão de baile onde os "coroas" matam saudades do tempo onde todos dançavam como Fred Astaire e Ginger Rogers.

O filme (feito por um desconhecido Sam O'Steen) é miraculosamente

despido de sentimentalismo. O namorado que ela arranja é casado e isso pouco importa. Na noite mais feliz de sua vida, quando é coroada rainha do "Stardust Ballroom", Maureen deita e morre. No dia seguinte, um beijo frio indica ao amante que ela não está mais lá. Mas permanece a imagem dos dois valsando entre as luzes multicores.

Um único reparo: aos trechos cantados. Há dois ou 3 monólogos interiores musicados, que obedecem à tradição norte-americana mas que para nós fica estranhíssimo (principalmente porque deveria ter pelo menos legendas).

Mas "A Rainha do Baile" é o tipo do filme que não seria feito para o cinema (porque não seria comercial). Ele tem o grau justo de "intimismo" para funcionar no vídeo. Problemas pequenos de gente comum, feitos por uma grande atriz. Aliás a mesma Maureen Stapleton estrelou "Despertar para a Vida", outro "tv-

movie" com preocupação semelhante. Só que esse caía no problema habitual do gênero: colocava o problema mas depois ficava sem resolvê-lo ou solucionava de uma maneira romântica e implausível (como o recente "O Mundo de Nicki").

Geralmente, a tevê não tem medo de abordar os problemas. Só não os leva até o fim. Vejam o caso do "Assassinato Marcus-Nelson", o piloto da série "Kojak". O filme é sério, coloca muito bem a denúncia à violência política, a relatividade da justiça ("quando não há justiça há violência"), retrata com autenticidade os ambientes e personagens (como a festa de família do acusado com todos vendo a tevê). Pois até Kojak está humano e falível, com sua eterna ameaça de pedir demissão e desistir de tudo. Só que quando virou série, semanal, foi-se a veracidade trocada por um par de clichês: a cigarrilha, o pirulito.



Rubens Ewald Fº

Jante no Galeto's.
A carne de gado é rigorosamente selecionada.



GALETO'S RESTAURANTE

A carne mais saborosa da cidade.
Pedro Américo, ao lado da Pça. da República.
Vieira de Carvalho, 99.
Timbiras, esquina com São João.

Se você gosta de comer bem, vá ao Galeto's. Lá os pratos são variados, e com um tempero que é o ponto alto da casa. O atendimento é perfeito. Leve toda sua família para jantar no Galeto's. Ela vai se sentir em casa.

COTTON

TEATRO

"O sangue (de boi) esguicha em cima da platéia"

A moçada espanhola dá uma sacudida no Municipal

E a Espanha pos tudo abaixo: a igreja, o estado, a medicina, a aristocracia, os hábitos e os costumes e restou uma enorme alegria com a possibilidade de alguma coisa realmente nova, criativa.

Usando de todos os elementos que eles julgaram válido, desde técnicas várias até enxertos de elementos de várias épocas — inclusive a nossa — a Espanha nos trouxe um espetáculo rico e dinâmico, onde a palavra é o que menos importa. Tudo esta baseado na história de um bandoleiro do século XVII que dá o nome à peça: Allias Serralonga. Mas o que vimos desfilar ali é a história dos homens, a eterna história da ganância contra as classes oprimidas e a ignorância e a impotência dos oprimidos sem que possam fazer alguma coisa, uma ignorância cuidadosamente manipulada.

O grupo Els Joglars é composto de jovens cheios de vida e alegria e, sobre tudo, uma irreverência muito salutar. Utilizam a mímica como meio de expressão básico, e deixam as palavras — que dão margem pra muito desentendimento — pra lá.

Naquele teatro rebocado e muito feio, o Municipal, o grupo armou seus elementos cenográficos — um palquinho minúsculo — onde se desenrola a pantomina da corte, e mais um tablado e uma armação de ferro onde os camponeses vivem, brigam e amam.

Allias Serralonga obriga a gente a verificar que muita coisa pode ser feita sem que dependa da palavra. Uma história inteira nos é minuciosamente contada e conceitos são esboçados, sem que nada seja enunciado verbalmente. Os camponeses falam em catalão. E quem sabe catalão? E a corte murmura delicadamente, provavelmente babaquices em torno de temas julgados de transcendental importância, como a esgrima, as orações em latim etc... Enquanto os camponeses se dilaceram com a própria vida, a corte faz seu teatrinho e exige aplausos.

Se Allias Serralonga dependesse de texto, certamente grande parte do público que estava no Municipal teria perdido seu tempo. Mas quando o corpo fala uma linguagem, ele é entendido por todos. E o pessoal vai a extremos de brutalidade quando até partes do interior de um boi são expostas e cortadas em cena. O sangue esguicha em cima da platéia, e talvez por uma identificação muito animal, a gente possa sentir, afinal, a nossa dor que é a dor do outro.

Sente-se que esse caminho vai sendo mais e mais utilizado por companhias jovens, tentando renovar as receitas gastas de um teatro em decomposição. Exceção feitas às grandes obras, que permanecerão através dos tempos, o resto está caindo de tão ôco. E o público sente uma nova empatia quando tem de se defrontar com uma realidade que lhe diz respeito há milênios, mas que foi sempre cuidadosamente encoberta por todos os que se comprometem com o status-quo.



O El Joglars



Hella Schwartzkopff

MÚSICA

"Universitários tocando caixa de fósforo em boteco, é o que existe"

O maestro: "A música popular está numa cucuia geral"



Rogério Duprat

O nosso Beethoven, maestro Rogério Duprat, anda desaparecido das gravadoras a longo tempo. Dois anos para ser mais exato. Está vivendo em sua casa de campo em Itapeperica da Serra, a uns 50 quilômetros da capital e diz que "não tem mais saco pra ficar brincando de arranjador".

"A música popular está numa cucuia geral. Essas coisas que eles inventam como jazz, rock, latin rock, no fundo é pura invasão musical, e de novo mesmo não existe nada. Aqui então nem se fala; universitários em peso tocando caixa de fósforo em boteco. É o que existe de música hoje no Brasil", comenta o maestro entre indignado e tranquilo e consciente da barra que enfrenta. Tanto que depois de dois anos sem gravar Rogério está preparando um compacto que deve ser lançado pela ODEON, onde o "background" deverá ser feito por animais domésticos "com quem eu tenho me entendido bem melhor". O disco é mais uma brincadeira do que um trabalho sério, já que Duprat afirma ainda não ter perdido o humor. E isso é fácil de comprovar; afinal, o maestro tem composto várias trilhas para filmes nacionais e agora enquanto grava o disco, termina sua vigésima oitava trilha sonora.

"O Mancini, por muito menos, está milionário. Mas aqui o negócio é outro mesmo. Quando o cara chega no fim do filme está com dois cruzeiros no bolso, e é inevitável — o primeiro corte de verba é para a música", comenta rindo. O filme é do desconhecido diretor Vedovato, e chama-se "Última Ilusão".

Rogério Duprat é hoje mais um coordenador da "Vice-Versa", (gravadora de jingles), onde tem como sócios a dupla Sá e Guarabira. A "Vice-Versa" tem dado as maiores colhechas de chá para o pessoal novo. Rogério deixa que os meninos gravem nos 16 canais de seu estúdio, e só depois que a fita for transada com alguma gravadora é que se fala em pagamento. Um dos primeiros grupos que aproveitaram a "colher" foi o "Terço", seguido do "Som Nosso de Cada Dia", "Joelho de Porco" e "Novos Baianos".

Sobre os brasileiros que estão "descobrimdo" a América, o maestro fala tranquilamente: — "É mesmo incrível. O Aírto Moreira era o pior elemento do "Quarteto Novo", atravessava pra burro. A Flora Purim (esposa de Aírto), era desafinadíssima. Vivia perseguindo os músicos pra dar uma "canja". Se mandaram pra lá e estouraram. Eu quero ver um grupo de rock vencer lá. Isso ainda vai demorar muito pra acontecer".

Mas o que Duprat está realmente curtindo é o rancho que está terminando de construir em Itapeperica ("uma obra bem mais completa que as outras"). Lá vive com a mulher e Roatã, o filho caçula de 16 anos que já formou um grupo de rock, onde o pai dá suas canjas no baixo elétrico. Duprat pensa abandonar tudo num futuro bem próximo, para viver somente no rancho onde já tem suas galinhas, um casal de patos e uma horta.

"A gente já colhe uns tomates, alfaces e os rabanetes da vida".



Sérgio Mello

ARTES PLÁSTICAS

A pena dos condenados aos trajés prescritos nos R.S.V.P.

No meio da noite, a aparição: um pinguim de pneu furado

De vez em quando, a imprensa que tem seção especializada em tagarelice assim chamada social descobre um ou outro futuro imortal (ainda vivo). E com isso enche colunas e mais colunas de matéria e, por consequência, enche a paciência do grupinho de leitores que sabem ler e que, entretanto, lendo, não perdem seu tempo pois gozam um pouco de humor na metrópole — veja lá — que não tem um único periódico humorístico.

Não me interessa, geralmente, em prometidos imortais das letras (desse negócio de imortalidade quero falar breve pois descobri que a maior parte desta nata batizada pela Academie Française não conta com nenhuma linha no Larousse). Minha especialidade é o leito de Procusto, artes plásticas, mas por dever de cronista, entre a leitura da "Intervista" de Bacon e páginas do Vassari devo, pelo menos, dedicar uma rápida (utilizando um curso eletrônico para executivos) leitura aos cronistas. Assim, consigo agora ler uma coluna da "Folha de S. Paulo" dedicada ao "mons parturiens mus" dos meus colegas mais versados na confecção e amontoamento de badalos.

Às vezes fico perplexo a respeito mesmo de minha incompetência: não saber escrever uma página inteira bem recheada de fotografias (a fotografia serve também para encher!), como foi o caso de um "mons" dedicado recentemente a um dos nossos mais fervorosos artistas. Mas logo me abrindo pensando que as opiniões mais certas sobre os pintores são os lapidários, como lemos — por exemplo — na Divina Comédia, nos versos onde Dante fala de Cimabue e de Giotto.

Pode ser que sejamos de outra escola, doentes em considerar a história da arte também de Picasso para trás e não somente de Picasso para frente. Somos, sem dúvida, também do outro Continente, viciados num labirinto de filosofias que acabam confundindo as idéias. De qualquer jeito e seja como for, estou preocupado com o promocionismo que está dando na cabeça (para, finalmente, acabar na carteira) de alguns produtores desses adminículos etiquetados de Arte. Os valentes oferecem um espetáculo que os leitores de crônicas societárias acham bacana e que, todavia, magoa os gatos pingados que pensam na bagatela Arte como atividade que não deve ser confundida com problemas como a cor do caviar, pernilongo (champanha) e baralho.

É verdade que quatro gatos pingados não servem ao mercado (às vezes são simples inocentes úteis que acendem velas em honra de produtores de pintura para as rodas altíssima, alta, média e em gestação), pois são felinos marginalizados. Mas não tão idiotas para não se compadecerem daqueles condenados, nos tempos que hoje correm a vestir aqueles trajés prescritos nos convites que as "Famílias Bem" distribuem, para ter a honra da presença de fulano condenando-o também à R.V.S.P. (Responda se Vossa Senhoria Presença, ou, pelo "retours" de Paris, Repondez S'il Vous Plait).

Tudo tinha aparência de calma na praça quando me ocorre um incidente que vou contar e que um italiano classificaria como queijo nos macarrões: Noites atrás, estava indo para casa, no Morumbi, quando ouvi um pedido de socorro vindo das sombras, do lado de um bruto Galaxie. Problema — um pneu furado. O dono do carro tinha visto minha Rural e pensou que o meu chofer poderia fazer o serviço de troca. Parei, descii. Fantástico encontro: era um amigo pintor vestido de pinguim, com a esposa de longo, calçada com sapatos de solas tão espessas que parecia estar sobre pernas de pau.

— "Desculpe-me, Pietro, estamos a caminho de uma festa muito importante e muito atrasados. Ela chegou tarde do cabeleireiro que estava muito cheio de senhoras que se preparavam para a mesma festa. Pode me trocar o pneu?"

Severamente respondi:

— "Troco o pneu em homenagem ao pintor paulista mais famoso de 1961, mas não em homenagem, fique bem claro, ao pinguim à procura do "vanity fair" promocional."



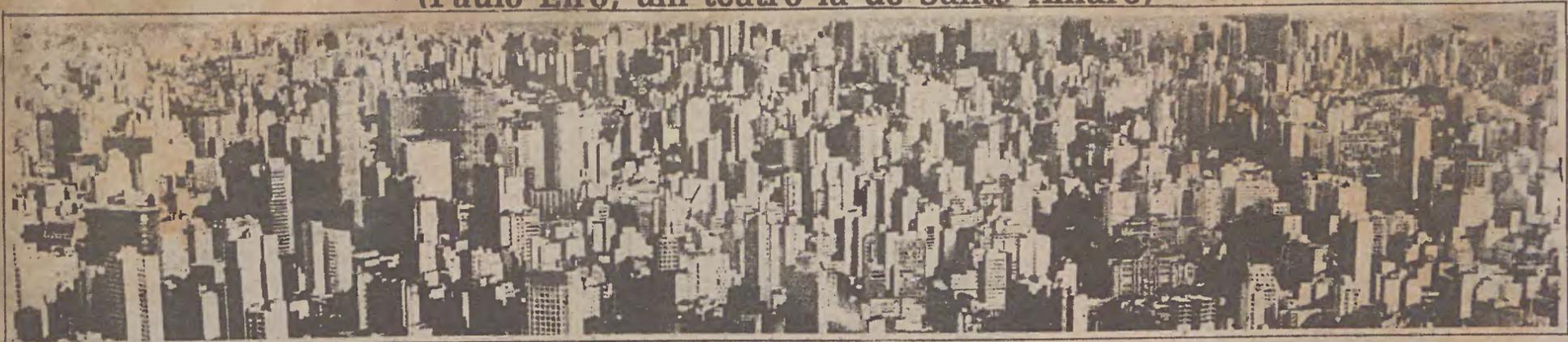
Pietro Maria Bardi



A única chatice de um empresário é a obrigação de pagá-lo.

O CHACAL

O homem sonha monumentos, mas só ruínas semeia — para pousada dos ventos.
(Paulo Eiró, um teatro lá de Santo Amaro)



Era só o que faltava: o inverno vem aí!

Puxa-saco é aquela coisa muito antiga que agora chamam de contestador a favor.

V. teria coragem de comprar um carro de 2ª mão de um-prefeito?

“Estatização” versus “Privatização”. Qual Cassius Clay, qual nada. Aí vem “a peleja do século”.

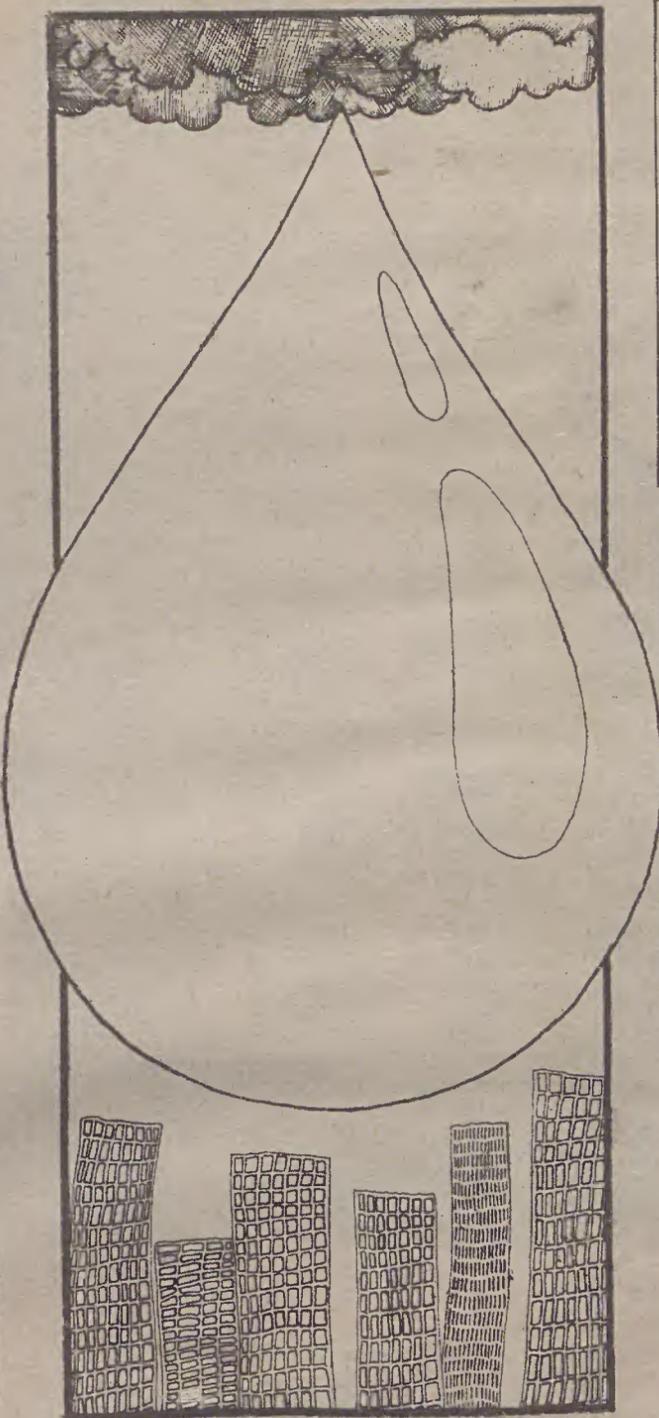
Funcionário público é aquele cara de antigamente. Agora vai ser tudo “executivo”, terninho Club Um, pastinha 007, gravatão. Prefiro a velha moda.

Madame ao guarda na 9 de julho:

— Quem, eu, a 150 p/h? puxa, estava tão distraída que nem reparei.

Não entendi o lance desse tal de Lance: joga uma, vai duas pro gancho.

Sei que na Rodésia a situação tá ficando meio branca.



A gota d'água

Psicoteste
nesta cidade as pessoas

- 1) vivem
- 2) moram
- 3) jazem
- 4) pastam
- 5) esperam Godot
- 6) torcem para o Corinthians
- 7) pô!

Gasolina no Ford, óleo no Carter — the saints are marching in.

Não acredito em discosvoadores, pois só vi 3 até agora.

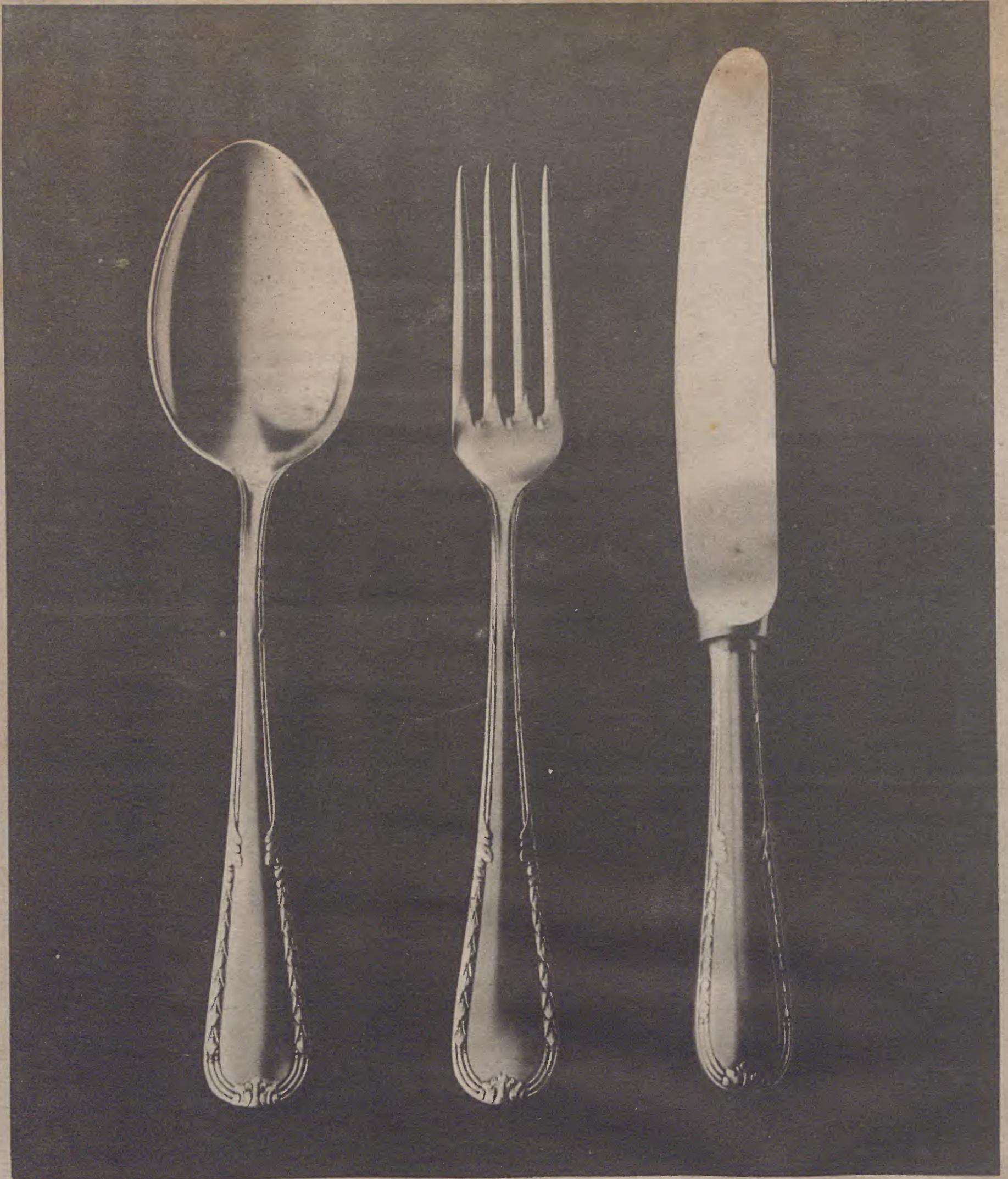
Ouvi dizer que vão cimentar o gramado do Pacaembu.

E as “privadas” da Estação Rodoviária, que sempre foram públicas, vão ser “privatizadas” ou “estatizadas”?

Começou a falar de “qualidade de vida” numa rodinha da superpraça e deram um “cala-boca” nele.

Como era verde o caldo de cana!

CICA. Um nome que vive na boca de todo mundo.



Esse é o maior elogio que a Cica poderia receber. Ouvir seu nome ser pronunciado no almoço, no jantar e no lanche.

Sempre de boca cheia. E o que é mais importante, num país onde só existem cozinheiras de mãos-cheias. Daí o nosso orgulho. De sermos lembrados todos os dias pelos consumidores, não como sendo a maior indústria de conservas alimentícias da América Latina.

Mas sim por preparar nossos produtos com o carinho e a sabedoria de quem sempre se preocupou com a boa alimentação deste país.



Faz a boa alimentação.

PROEME

